

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL

JOMSON TEIXEIRA DA SILVA FILHO

**LINEARIZAÇÃO E HIERARQUIA: RETOMANDO O PARADOXO POSICIONAL A
PARTIR DO PROGRAMA MINIMALISTA**

MACEIÓ – AL

2017

JOMSON TEIXEIRA DA SILVA FILHO

**LINEARIDADE E HIERARQUIA: RETOMANDO O PARADOXO POSICIONAL A
PARTIR DO PROGRAMA MINIMALISTA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Núbia Rabelo Bakker Faria

MACEIÓ – AL

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

- S586l Silva Filho, Jomson Teixeira da.
Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista / Jomson Teixeira da Silva Filho. – 2018.
140 f. : il.
- Orientadora: Núbia Rabelo Bakker Faria.
Tese (doutorado em Letras e Linguística : Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2018.
- Bibliografia: f. 135-140.
1. Linguística. 2. C-comando. 3. Linearização (Linguística). 4. Hierarquia (Linguística). 5. Paradoxo posicional. I. Título.

CDU: 801

TERMO DE APROVAÇÃO

JOMSON TEIXEIRA DA SILVA FILHO

Título do trabalho: "LINEARIZAÇÃO E HIERARQUIA NO SISTEMA COMPUTACIONAL DA LINGUAGEM HUMANA: RETOMANDO O PARADOXO POSICIONAL A PARTIR DO PROGRAMA MINIMALISTA"

TESE aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Nubia Rabelo Bekker Faria (PPGLL/Ufal)

Examinadores



Profa. Dra. Maria Fausta Pereira da Castro (Unicamp)



Prof. Dr. Betsel Bezerra de Lima (UFRPE)



Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (PPGLL/Ufal)



Prof. Dr. Aklir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Maceió, 12 de dezembro de 2017.

A minha grande inspiração. Ao meu amor maior. Aquela sem a qual eu nada seria. A minha mãe, Maria Conceição, dedico esta tese.

AGRADECIMENTOS

Aqueles que acompanharam de perto a tessitura desta tese devem estar partilhando da mesma alegria e satisfação que sinto agora. O caminho foi árduo e, nele, encontrei várias pedras: enfermidades, descobertas de laços sanguíneos, perdas enormes e uma grande vontade de desistir. Felizmente, eu tinha ao meu lado pessoas que, além de me apoiarem, faziam questão de me dizer o quanto eu era capaz e o quanto se orgulhavam de mim. Chegou minha vez de dizer a vocês o quanto sou grato a Deus por ter colocado cada um de vocês em meu caminho.

Começo agradecendo ao Deus pai, ao Deus filho Jesus Cristo e ao Deus Espírito Santo por esta graça concedida. Sem a força que vem de Deus, nada conseguiria em minha vida.

Agradeço a minha mãe, pelas palavras de apoio em todos os momentos, pelo amor dedicado a mim, por sua compreensão e por tudo que sou hoje. Devo tudo isso a você mainha, te amo!

Agradeço à Alayne Livia, pelo apoio e carinho.

Aos meus irmãos Jamile, Jadson, Jader e Laura dos quais tenho muito orgulho. Amo vocês.

Agradeço a toda minha família, meu pai, meus primos, cunhados e cunhadas.

Agradeço ao “Trio Calafrio” que na verdade é um “Sexteto”: Mel, Elaine, Thaysa, Manu e Rodrigo por tudo que vocês me fazem sentir. Essa vitória também é de vocês.

Agradeço aos “Letrados”. Cada um de vocês são presentes que a Ufal me deixou. E como é bom estar entre vocês!!!!

Agradeço a todos os funcionários do PPGLL, em especial Wesslen Nicácio, pela paciência e eficiência.

Agradeço a Franklin Regazzone, por ter dito um dia que eu deveria tentar entrar para a pós-graduação. Foi só o “empurrãozinho” de que eu precisava.

Agradeço à banca de qualificação pelos comentários que mudaram minha tese de forma muito significativa. São eles: Prof^a Dr^a. Tema Magalhães, Prof. Dr. Márcio Cruz, Prof. Dr. Rafael Lima. Os que participam agora da defesa sabem como foram importantes na construção final desta tese.

Agradeço a todos os meus amigos professores e coordenadores que me apoiaram nesse momento final.

Agradeço ao CNPq, por ter financiado esta pesquisa.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Maria Fausta Pereira de Castro (IEL/UNICAMP) por ter aceitado compor a banca de defesa, assim como ao Prof^o Dr^o Aldir Santos de Paula (PPGLL/UFAL)

E por último e não menos importante, agradeço a minha orientadora Núbia Faria pelo incentivo e apoio constantes, pelas manhãs e tarde de sextas e sábados, pelo excelente cafezinho e por ter me conduzido até aqui. Guarde sempre minha admiração.

A todos vocês, meu muitíssimo obrigado!

*No início era o Verbo; o Verbo
estava em Deus e o Verbo era
Deus.*

João capítulo 1, versículo 1.

RESUMO

Esta tese se apresenta como uma pesquisa de natureza teórica e visa a uma retomada da discussão sobre a oposição destacada por Milner (1989) em sua célebre “Introdução à Ciência da Linguagem” entre o conceito saussuriano de linearidade e a noção chomskyana de hierarquia. Retomamos a empreitada iniciada por Milner que toma como *corpus* de análise o momento inicial da teoria gerativa, e estendemos essa análise ao Programa Minimalista (1995). Colocamos em discussão dois autores da linguística formal que segundo nossa análise, enquadram-se dentro de um mesmo modelo epistemológico na busca por colocar a linguagem num campo científico e ainda por operarem “cortes” importantes na área a partir da delimitação da “língua” como o objeto da ciência linguística, a saber, Saussure e Chomsky e, assim, propomos uma análise em relação aos nomes desses autores, ao questionarmos em que medida a referência ao à linearidade por Chomsky no Programa Minimalista como um conceito que reaparece na linguística de Chomsky e posteriormente, nas obras de outros autores gerativistas como Nunes (1995 e seguintes), Kayne (1994), permite-nos considerar um novo status para a linearidade na sintaxe chomskyana, considerada como a teoria sintática mais forte de todos os tempos. Colocamos, ainda, em retrospecto um conceito da teorização de Saussure que não obteve a fortuna dos outros conceitos, a linearidade, mas que se apresenta como um dos princípios fundantes do signo linguístico e que vem despertando interesse de alguns autores como Testenoire (2010, 2012), e ainda, colocando-o em análise junto à noção chomskyana de hierarquia, visando a desfazer o tratamento insuficiente/ingênuo a respeito de sua importância teórica interna à teorização saussuriana. Concluimos que *Paradoxo Posicional* de que trata Milner (1989) se resolve como um recurso à linearização. Uma linearização de estrutura de constituintes que, embora hierarquicamente dispostos, são linearmente distribuídos a partir de uma ordem de precedência de uns em relação aos outros, garantindo que as operações de c-comando, assim como o princípio da economia no PM atuem. Assim sendo, a operação que, a partir de Nunes (1995 e seguintes) propomos chamar de Linearização (o produto do complexo das operações de Copiar, Concatenar, Formar Cadeia e reduzir Cadeia), juntamente com a de C-Comando, participa da determinação da *natureza íntima* da *Língua-I*. Dessa forma, concluimos que, num sentido particular, as operações do sistema computacional impõem ao sistema de *performance* FF sua linearidade que, na solução articulatório-perceptual, disporá os itens lexicais numa linha temporal e não o contrário. Essa última linearização difere da anterior, mas sugere guardar as suas marcas na forma de traços que permitirão que, na segmentação da cadeia falada, os itens que comporão o dicionário mental e alimentarão a Numeração guardem as marcas das posições sintáticas ocupadas na derivação. Essa argumentação nos levou a perceber a importância da segmentação na cadeia da fala nas considerações sobre a aquisição da linguagem. Em Chomsky (2000) encontramos o autor, por mais de uma vez, a fazer menção ao número e ritmo de aquisição de palavras por uma criança ao longo do processo de aquisição de linguagem. Essa menção não é desprezível, uma vez que, levou-nos a reconhecer a vinculação de forma bastante explícita e pontual das considerações da sintaxe gerativa às da aquisição da linguagem, especificamente quanto à aquisição do léxico, este necessariamente segmentado da cadeia linear da fala que compõe o *input* linguístico a que a criança está exposta.

Palavras-chaves: C-Comando; Hierarquia; Linearidade; Linearização; Paradoxo Posicional

ABSTRACT

This thesis presents itself as a research of a theoretical nature and aims at a resumption of the discussion about the opposition highlighted by Milner (1989) in his famous "Introduction to the Science of Language" between the Saussurian concept of linearity and the Chomskyan notion of hierarchy. We return to the work begun by Milner that takes as corpus of analysis the initial moment of the generative theory, and we extend this analysis to the Minimalist Program (1995). We discuss two authors of formal linguistics who, according to our analysis, fit within the same epistemological model in the search for placing language in a scientific field and still to operate important "cuts" in the area from the delimitation of the "language" as the object of linguistic science, namely Saussure and Chomsky, and thus we propose an analysis in relation to the names of these authors, when we question the extent to which the reference to Chomsky's linearity in the Minimalist Program as a concept that reappears in Chomsky's linguistics and later, in the works of other generative authors such as Nunes (1995 et seq.), Kayne (1994), allows us to consider a new status for linearity in Chomskyan syntax, considered as the strongest syntactic theory of all time.

We discuss two authors of formal linguistics who, according to our analysis, fit within the same epistemological model in the search for placing language in a scientific field and still to operate important "cuts" in the area from the delimitation of the "language" as the object of linguistic science, namely Saussure and Chomsky, and thus we propose an analysis in relation to the names of these authors, when we question the extent to which the reference to Chomsky's linearity in the Minimalist Program as a concept that reappears in Chomsky's linguistics and later, in the works of other generative authors such as Nunes (1995 et seq.), Kayne (1994), allows us to consider a new status for linearity in Chomskyan syntax, considered as the strongest syntactic theory of all time. We also put in retrospect a concept of Saussure's theorization that did not obtain the fortune of other concepts, linearity, but which presents itself as one of the founding principles of the linguistic sign and which has aroused interest of some authors like Testenoire (2010, 2012), and also put it in analysis with the Chomskyan notion of hierarchy, aiming to undo the insufficient / naive treatment regarding its theoretical importance internal to Saussurian theorization.

We conclude that the positional paradox of which Milner (1989) deals is solved as a resource to linearization. A linearization of constituent structure which, although hierarchically arranged, is linearly distributed from one order of precedence to one another, ensuring that c-command operations, as well as the principle of economy in the PM act. Thus, the operation that, from Nunes (1995 et seq.), We propose to call Linearization (the product of the complex of operations of Copy, Concatenate, Form Chain and Reduce Chain), together with that of C-Command, participates in the determination of the intimate nature of the I-Language. In this way, we conclude that, in a particular sense, the operations of the computational system impose on the performance system FF its linearity that, in the articulatory-perceptual solution, will dispose the lexical items in a temporal line and not the opposite. This last linearization differs from the previous one, but suggests to keep its marks in the form of traits that will allow, in the segmentation of the spoken chain, the items that will compose the mental dictionary and will feed the Numbering, keeping the marks of the syntactic positions occupied in the derivation. This argument led us to realize the importance of segmentation in the speech chain in the considerations about language acquisition. In Chomsky (2000) we find the author, more than once, mentioning the number and rate of word acquisition by a child throughout the language acquisition process. This statement is not negligible, since it has led us to recognize the very explicit and timely linkage of generative syntax considerations to language acquisition, specifically regarding the acquisition of the lexicon, this necessarily segmented from the linear chain of speech that composes the linguistic input to which the child is exposed.

Keywords: C-Command. Hierarchy; Linearity; Linearization; Positional Paradox

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Língua e Massa falante.....	49
Figura 2: Língua, Massa falante e o Tempo.....	49
Figura 3: Conceito/Imagem acústica.....	52
Figura 4: Visão habitual e Visão proposta.....	57
Figura 5: Componente sintático I.....	65
Figura 6: Componente sintático II.....	66
Figura 7: Traços universais.....	72
Figura 8: Traços de línguas particulares.....	73
Figura 9: Categorias lexicais.....	76
Figura 10: Esquema X'.....	76
Figura 11: Sistema Computacional.....	80
Figura 12: Estrutura argumental.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A - ADJETIVO

A-P – SISTEMA ARTICULATÓRIO PERCEPTUAL

AP – SINTAGMA ADJETIVAL

C – I – CONCEITUAL – INTENSIONAL

COMPL - COMPLEMENTO

CLG – CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

C_{HL} – SISTEMA COMPUTACIONAL DA LINGUAGEM HUMANA

CP – SINTAGMA COMPLEMENTIZADOR

DAL – DISPOSITIVO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Det - DETERMINANTE

ELG – ESCRITOS DE LINGUÍSTICA GERAL

ESPEC - ESPECIFICADOR

FF- FORMA FONÉTICA

FL – FORMA LÓGICA

GU- GRAMÁTICA UNIVERSAL

IP – SINTAGMA FLEXIONAL

LCA – AXIOMA DE CADEIA LINEAR

N - NOME

NP – SINTAGMA NOMINAL

P – PREPOSIÇÃO

PM – PROGRAMA MINIMALISTA

PP – SINTAGMA PREPOSICIONAL

S – SENTENÇA

V - VERBO

VP – SINTAGMA VERBAL

X' – TEORIA X-BARRA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
i. Da justificativa.....	25
ii. Da hipótese.....	26
iii. Dos objetivos.....	27
1 A LINGUÍSTICA ENTRE SAUSSURE E CHOMSKY: JEAN CLAUDE MILNER, A GRAMÁTICA COMPARADA E A POSSIBILIDADE DE ESCRITA DE UMA CIÊNCIA DA LINGUAGEM.....	30
1.1 A cientificidade da linguística.....	31
2 A LÍNGUA COMO OBJETO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA: DA TEORIA DO SIGNO (SAUSSURE) AO ITEM LEXICAL (CHOMSKY).....	43
2.1 A Língua em Saussure: de um sistema se signos a um sistema de valores puros.....	45
2.2 O Signo em Saussure e a novidade do valor linguístico.....	52
2.3 A Língua para Chomsky: breve percurso histórico de <i>Syntactic Structure</i> ao Programa Minimalista.....	60
2.4 O Léxico no Programa Minimalista.....	70
2.4.1 Constituinte.....	72
2.4.2 A Teoria X-Barra.....	74
3 O PRINCÍPIO DA LINEARIDADE.....	86
3.1 A linearidade.....	86
3.2 A Teoria Posicional da Sintaxe: O Paradoxo Posicional.....	100
4 A SINTAXE ENTRE A LINEARIDADE E HIERARQUIA.....	105
4.1 A operação sintática de c-comando.....	106
4.2 Movimento sintático.....	108
4.3 Movimento-A', Movimento A e Movimento de núcleo.....	111
4.4 Apagamento de cópias como linearização de cadeias.....	115

4.5. Novas considerações sobre a linearidade em Chomsky: linearização e aquisição de linguagem.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS.....	137

INTRODUÇÃO

Tem sido segura e seguidamente afirmado que a origem dos seres humanos jamais poderá ser conhecida, mas ignorância muito mais frequentemente do que conhecimento gera certezas: são aqueles que sabem pouco, e não aqueles que sabem muito, que confiantemente afirmam que este ou aquele problema nunca poderá ser resolvido pela ciência.

Darwin

Esta tese se apresenta como uma pesquisa de natureza teórica e visa à retomada da discussão sobre a oposição destacada por Milner (1989) em sua célebre “Introdução à Ciência da Linguagem” entre o conceito saussuriano de linearidade e a noção chomskyana de hierarquia.

Nessa sua obra, Milner (1989) destaca a virada histórica de Chomsky ao afirmar que é esse quem primeiro reconhece a existência do *Paradoxo Posicional* elegendo como princípio teórico a *Hierarquia* em detrimento à *Linearidade*. Milner (1989) afirma, então, que Chomsky foi capaz de elaborar uma teoria estritamente sintática da linguagem, o que não acontece com Saussure¹ já que esse destaca o princípio da linearidade do significante, ao tratar, no Curso de Linguística Geral – CLG - (1916), da “natureza do signo linguístico”.

Dessa forma, retomamos aqui a empreitada iniciada por Milner (1989) que toma como *corpus* de análise o momento inicial da teoria gerativa, e nos propomos a estender essa análise ao Programa Minimalista - doravante PM – (1995) já destacando que importantes mudanças foram acontecendo no modelo chomyskiano ao longo de sua história, principalmente em relação ao papel léxico com a hipótese lexicalista.

No prefácio à tradução portuguesa de *Knowledge of Language. Its nature, Origin and Use* (CHOMSKY, 1986) publicada na versão portuguesa em 1994 por Anabela Gonçalves e Teresa Alves, as autoras afirmam que a hipótese lexicalista foi

¹ Desde já destacamos que não nos interessa a discussão sobre haver ou não sintaxe em Saussure. Trazemos essa informação porque ela é importante para a análise de Milner que tem a perspicácia de colocar a linearidade saussuriana dentro da discussão sobre a sintaxe.

uma resposta “paciente e persistente” de Chomsky ao “vendaval pós-teoria padrão” que fez proliferar vários modelos alternativos à gramática gerativa. Como exemplo, as autoras afirmam que esses modelos alternativos podem ser reunidos sob os nomes de sintaxe abstrata e semântica gerativa.

No tocante ao princípio saussuriano da linearidade, observamos que houve um tratamento insuficiente/ingênuo a respeito de sua importância teórica interna à teorização saussuriana, sendo esse princípio “sufocado” pelas críticas de Jakobson. Como bem nos lembra Testenoire (2017), Jakobson busca refutar o segundo princípio do signo de Saussure, baseando-se na concepção de fonema que adota, ao afirmar que a linearidade não reconhece a simultaneidade dos traços distintivos dos fonemas. O princípio da linearidade é, também, aparentemente refutado com a descoberta das pesquisas anagramáticas de Saussure.

Conforme destaca Testenoire (2017):

A disparidade do tratamento reservado àqueles dois princípios fundamentais [arbitrariedade do signo e linearidade do significante] é patente: a linearidade não conheceu a fortuna da arbitrariedade, nem suscitou tantas controvérsias. A reivindicação de uma Linguística saussuriana no século XX repousa, de fato, sobre um pequeno número de axiomas – além da arbitrariedade do signo, as distinções língua/fala, sincronia/diacronia, as noções de sistema e de valor – de que a linearidade parece não fazer parte. (TESTENOIRE, 2017, p. 91).

Antes de prosseguirmos com nossa discussão, gostaríamos de estabelecer uma distinção em relação os termos “teorização” e “teoria” para nos referirmos, respectivamente, à reflexão saussuriana e chomskiana. Nesta tese, ao tratar de Saussure, utilizaremos o vocábulo “teorização”, no sentido de que não podemos encontrar nas análises do autor um corpo unitário de propostas que podem ser reunidas numa teoria que apresenta hipóteses e metodologia específicas, como faz Chomsky, por exemplo.

Rodolfo Ilari (2009) afirma que Saussure não deixou nenhum exemplo mais acabado de análise linguística, mas definiu aquilo que hoje, segundo o Ilari (2009), podemos chamar de “programa de investigação”. Nesse sentido, citando Simoni (1970), “a linguística saussuriana não se apresenta como uma teoria linguística, apresenta-se com uma clareza inédita válida para qualquer teoria futura, isto é, como uma metateoria.” (*apud* ILARI, 2009, p. 21)

Aqui, preferimos chamar de “teorização” porque, embora não se possa dar uma unidade sequencial e um método exclusivo às análises de Saussure, entendemos que algumas características são capazes de definir um campo a que podemos chamar de “teorização saussuriana”, assumindo com Ilari (2009) que essas características são: a arbitrariedade do signo linguístico, a prioridade da análise do sistema, concepção formal de língua, distinção entre sincronia e diacronia. A esta lista, acrescentamos ainda o *princípio da linearidade*.

Voltando a nossa discussão, destacamos que nesta tese, pretendemos retomar a oposição linearidade/hierarquia, enfrentar aquilo que estamos chamando de “tratamento ingênuo da linearidade” e analisar em que medida a menção à linearidade do PM nos remete ao Paradoxo Posicional, conforme Milner (1989). Embora entendida por Chomsky (1995) como sendo uma limitação imposta pela interface Forma Fonética (FF), parece-nos que a linearidade surge no PM como desdobramento da adoção da Hipótese Lexicalista, formulada inicialmente em *Remarks on Nominalization* (1969). Segundo Gonçalves e Alves (1994) adoção da hipótese lexicalista redistribui o trabalho do Sistema Computacional da Linguagem Humana (C_{HL}) entre o Léxico e a subcomponente transformacional, atribuindo os processos morfológicos ao Léxico, que desempenha um papel fundamental na construção dos objetos sintáticos. Nesse sentido, agora, são os itens que compõem o Léxico que carregam os traços que fazem o C_{HL} operar hierarquicamente.

Entretanto, a existência da interface FF parece exigir que os objetos sintáticos sejam linearizados em um eixo temporal para que possam ser utilizados pelo sistema Articulatório-Perceptual (A-P) para fins de realização, conforme notabiliza Lopes (2000):

Um dos pressupostos do Programa Minimalista é que o sistema computacional – parte da Faculdade da Linguagem - **não** opera “temporalmente”. A ordenação das palavras em um eixo temporal, ou seja, a linearização de uma estrutura, é uma condição imposta pelo sistema Articulatório-Perceptual (A-P), um sistema de *performance* com o qual a faculdade da Linguagem interage. (LOPES, 2000, p.52, grifos da autora).

Na realização, a cadeia da fala se apresenta linearmente, uma cadeia sonora que permite sua segmentação em itens lexicais pela criança que está adquirindo uma língua particular. A operação que, a partir de Nunes (1995) propomos chamar

de *Linearização*,² resulta numa cadeia formada por itens que carregam marcas na forma de traços e que permitirão que a aquisição desses itens que comporão o dicionário mental e alimentarão a Numeração guardem as marcas das posições sintáticas ocupadas na derivação.

No tocante ao princípio da linearidade, internamente aos estudos saussurianos, autores como Testenoire (2017), como vimos, afirmam que as considerações de Saussure em relação a esse princípio parecem não ter recebido a mesma fortuna de outros conceitos divulgados pelo Curso de Linguística Geral (CLG).

Testenoire (2017) destaca que a pesquisa sobre os manuscritos de Saussure descobertos em 1996, e ainda, a publicação dos Escritos de Linguística Geral (ELG), em 2002, modificam significativamente os estudos saussurianos na medida em que é possível a leitura de textos do próprio Saussure, mas ainda assim, não se encontra um tratamento detalhado sobre o princípio da linearidade com essas descobertas.

Sabe-se, no entanto, que o princípio da linearidade como o formulou Saussure, convoca necessariamente a noção de “tempo”. Destaca Saussure,

o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (CLG, p.84).

Assim, a noção de “tempo” trouxe para a ciência linguística importantes consequências na delimitação de seu objeto, conforme se entenda a que tipo de “tempo” se está referindo. O tempo na língua, por exemplo, permitiu a Saussure estabelecer a divisão da linguística em sincronia (o ponto de vista do sujeito falante) e em diacronia (a transmissão da língua no tempo) e ainda foi capaz de estabelecer várias correntes sincrônicas da linguística contemporânea.

Faz-se necessário ressaltar que nesta tese privilegiamos o tempo enquanto sincronia, exatamente porque estamos propondo uma discussão em torno da teoria gerativa, que mesmo não se declarando textualmente como uma teoria sincrônica, seu “modus operandi”, seu arcabouço metodológico, autoriza-nos a encará-la como tal. Outra evidência, segundo nossa interpretação, que nos autoriza a entender a

² Trataremos em detalhes dessa operação na seção 4 desta tese.

teoria Gerativa como sincrônica, diz respeito ao fato de que o lugar da Língua-I é exatamente o falante, embora entendido como indivíduo da espécie.

A noção de tempo nesta tese, aparece pelo fato de que o princípio saussuriano da linearidade está ligado diretamente ao fator tempo, como vimos acima, por isso quando falamos de tempo, não estamos nos referindo a uma categoria metafísica, nem à categoria gramatical, e sim ao que Saussure chamou nos Escritos de Linguística Geral de “uni-espacialidade dos semas” (cf. ELG, p.101-109), na medida em que esses são temporalmente uni-direcionados, ou seja, têm a particularidade de “absorver a linearidade dentro da simultaneidade” (BULEA, 2017). Neste sentido falar de “tempo”, remete-nos diretamente às noções de “linearidade”, “uniespacialidade”, “consecutividade”, sucessão, simultaneidade das unidades significativas denominadas signos.

Como veremos, Milner (1989) afirma que é o próprio Saussure que possibilita o entendimento daquilo que o próprio Milner (1989) chamou de “sentido mais forte da linearidade”, ou seja, “a impossibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (p.386). Embora entendamos que há muito mais implicações no conceito saussuriano³ de linearidade do que parecem ser extraídas das palavras de Milner (1989), o que nos interessa de perto é o fato de o autor provocar o deslocamento que “substitui o argumento da temporalidade por aquele do caráter restritivo da linearidade”. (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p.95). É deste ponto de vista que assumimos o “tempo” (tempo não-cronológico) que nos remete diretamente às noções de “linearidade”, “uniespacialidade”, “consecutividade”, sucessão, simultaneidade, como dissemos acima.

Trazemos Saussure inicialmente por uma questão didática e até cronológica, pois é a Saussure a quem se atribui o papel de fundador de uma linguística dita científica, especialmente com a publicação do CLG⁴ em 1916, obra na qual são expostos conceitos fundamentais para todo o campo de estudos da linguagem.

³ Na seção 3, trazemos uma discussão sobre o conceito de Linearidade em que apontamos as implicações anunciadas aqui.

⁴ Assumimos o CLG como uma obra saussuriana, independente de suas condições de produção.

Entretanto, a noção de “tempo” parece também evocar, ainda que por um viés um tanto quanto diferente⁵, Noam Chomsky, com sua Gramática Gerativa.

A noção de linearidade⁶ aparece dentro do momento atual da teoria gerativa, convocando, segundo nossa interpretação, um retorno ao princípio de saussuriano; com isso, não estamos afirmando que, textualmente, Chomsky cita o nome de Saussure em relação ao princípio da linearidade - embora saibamos que Chomsky o faz ao assumir a arbitrariedade saussuriana – mas que a recorrência do termo “linearidade” no PM, permite-nos essa interpretação.

A referida menção a Saussure, há muito silenciado por Chomsky, retorna no PM, ao que nos parece, como desdobramento da importância dada ao léxico com a Hipótese Lexicalista. Sobre o aparecimento do termo Linearidade/linear/ordem linear no PM temos:

- i. As duas relações básicas de um indicador sintagmático são a dominância e a *linearidade*. (CHOMSKY, 1995, p. 75, grifos nossos).
- ii. Esses efeitos⁷ são variados e incluem [...] efeitos de adjacência e de *linearidade*. (CHOMSKY, 1995, p. 308, grifo nosso).
- iii. Tenho pouco a dizer aqui sobre a componente fonológica, à exceção de algumas observações sobre a estrutura morfológica e a *ordenação linear*. (CHOMSKY, 1995, p. 319, grifo nosso).

Inicialmente podemos afirmar que um dos pressupostos do PM é que o Sistema Computacional da Linguagem Humana (C_{HL}) não opera temporalmente, conforme apontamos com Lopes (2000) no início dessa introdução. Nas palavras de Chomsky, citado pela autora:

⁵ Diferente, pois entendemos que a noção de tempo tem consequências totalmente diferentes para os autores referidos, embora saibamos que a linguística de Chomsky, como já dissemos, seja necessariamente uma linguística sincrônica.

⁶ Observe que não estamos nos referindo exatamente ao princípio saussuriano da linearidade, mas a noção de linearidade, de certa forma evocada por esse princípio.

⁷ Chomsky faz referência aqui ao que ele chamou no quadro teórico da Teoria Standard Alargada de “efeitos de superfície” sobre a interpretação.

Outra fonte de possível especificidade na linguagem reside nas condições impostas “do lado de fora”, na interface, aquilo a que podemos chamar de *condições de output básicas*. Estas condições são impostas pelos sistemas que utilizam a informação do sistema computacional da linguagem humana, mas não temos qualquer ideia prévia sobre quão específicas à linguagem as suas propriedades poderão ser [...] a informação fornecida por L tem de se acomodar ao aparato sensorial e ao aparato motor dos seres humanos. Deste modo, a UG tem de providenciar uma componente fonológica que possa converter os objetos gerados pela língua L numa forma que esses sistemas “externos” possam usar: ou seja, PF, como se pressupõe normalmente. (PM, 1995, p. 300-301).

Atentando para este fato, Lopes (2000) afirma que parece haver em Chomsky certa “decepção” em relação à limitação que essa interface impõe à Faculdade da Linguagem. Embora ela, a referida interface, ateste uma das principais características das línguas naturais – as línguas naturais apresentam elementos que são interpretados em posições diferentes daquelas em que são efetivamente pronunciadas (o Paradoxo Posicional, nas palavras de Milner (1989) –, ela afastaria a linguagem da perfeição almejada por Chomsky, na medida em que o tempo aqui aparece impondo uma condição que a Língua-I não precisa obedecer, conforme destaca Lopes (2000).

Chomsky (1995) chega mesmo a afirmar que

Se os seres humanos pudessem se comunicar entre si por telepatia, não haveria necessidade de uma componente fonológica, pelo menos para os propósitos da comunicação; e o mesmo se pode dizer relativamente ao uso da linguagem em geral. A investigação poderá mostrar que estas exigências são fatores cruciais na determinação da natureza íntima do sistema computacional da linguagem humana nalgum sentido profundo; alternativamente, essas exigências podem ser simplesmente “alheias” ao C_{HL} , provocando afastamentos da “perfeição” que são então satisfeitos de uma maneira ótima. (PM, 1995, p. 310).

Essa conclusão a que chega Chomsky (1995), ou seja, de que os sistemas de performance são uma imposição externa à Faculdade da Linguagem e que, por consequência, que a linearidade é apenas uma imposição da interface FF – do aparelho A-P – apresenta-se de forma interessante para o que pretendemos analisar aqui, pois aquilo que para Chomsky aparece como um exemplo de imperfeição da linguagem, como limitação, para nós aparece exatamente como aquilo que é fundante e próprio da linguagem *humana*. Propomos, assim, que a linearidade é

inerente e interna à linguagem, mais especificamente à *Língua-I* no sentido de que “é um fator crucial na determinação da natureza íntima da linguagem humana”. Buscamos argumentar que a formação dos objetos sintáticos, embora organizada hierarquicamente, não é indiferente à linearidade.

Essa interpretação decorre de nosso entendimento de que, ao colocar a linearidade como sendo apenas um fato de superfície, como uma imposição externa da interface FF para fins de comunicação, e ainda, como uma necessidade de produção e percepção, como afirma Chomsky (1995) ao dizer que:

As propriedades especiais da componente fonológica têm a ver com a necessidade de produzir instruções para os sistemas sensório-motores, para a produção e a percepção. Como notamos, esta necessidade pode ser a fonte de outras imperfeições de C_{HL} , sendo nesse sentido “alheia” à linguagem (1995, p.319),

o autor acaba por colocar a linearidade como sendo apenas uma necessidade de *uso*, de forma que essa necessidade é “alheia” ao C_{HL} da FL e fonte das imperfeições. Defendemos, no entanto, que as noções de “linearidade”, “FF”, “componente fonológica”, “produção e percepção”, leva-nos, para além da noção de “uso” apenas como execução de uma Língua-I, mas à noção de “fala”, enquanto “efeito” sobre o falante, seja ele adulto ou criança.

Atentando para a aquisição de linguagem, essa interpretação parece um pouco mais evidente. Defendemos que “fala” não coincide com “uso”, uma vez que a linearização em FF seria o espaço em que as propriedades do *input*, necessárias à aquisição da linguagem pela criança, estariam disponíveis em forma de uma cadeia segmentável, possibilitando o acesso (recorte) aos itens responsáveis pela marcação paramétrica, a saber, os itens que pertencem à categoria funcional, e aos demais que, junto com esses, alimentam o C_{HL} com seus traços, compondo a derivação dos objetos sintáticos.

Dizendo de outro modo, estamos propondo uma interpretação aproximativa no tocante aos conceitos de *Uso* e *Fala* em Chomsky e Saussure. Entendemos que, o *Uso* como execução da *Língua-I* é diferente da *Fala* enquanto *efeito* sobre o indivíduo falante, em fase de aquisição ou não. Nesse sentido, a interpretação aproximativa a que nos referimos diz respeito exatamente ao fato de que também a *fala* para Saussure parece se apresentar de duas maneiras: como execução da

Língua, coincidindo com a noção de *Uso* em Chomsky, e como efeito sobre o falante, que leva às mudanças no sistema. Em Chomsky, o *input*, embora não seja tratado por ele especificamente, não é tão somente “execução”, “uso” de um conhecimento, mas, por ter efeito sobre a aquisição, esse *input* parece se apresentar como algo mais, como uma *Fala* que faz a criança “entrar” na Língua-I.

Nesse sentido, mais que **uso enquanto execução**, reconhecemos na noção de **fala** a manifestação das propriedades especiais que os itens do léxico carregam, em decorrência do que se realiza na derivação sintática, gerando um efeito para a criança que permite a ela receber essa “fala” enquanto “input” e, assim, selecionar o parâmetro para a língua a que está sendo exposta. Parece importante destacar que é essa *fala*, enquanto “input” que se apresenta na cadeia linear em que se realiza a Língua. Com isso corroboramos com a ideia de que não é qualquer “uso” da língua que pode ser tomado com “input”, mas apenas aquele que chega à criança como efeito de “fala”, de onde defendemos: **Fala não é Uso, tanto em Chomsky, quanto em Saussure** – esperamos deixar essa afirmação mais clara no decorrer desta tese.

Ao mesmo tempo, será na fala da criança que o linguista/pesquisador encontrará evidências de que a criança está adquirindo uma língua particular. Esta língua em particular extrapola a ideia de “uso” de um conhecimento linguístico estabilizado de uma Língua-I, na medida em que a criança está, precisamente, em vias de aquisição. Dito de outro modo, não existe ainda uma Língua-I estabilizada que possa ser posta em “uso”, enquanto “execução”.

Para além do que foi exposto até aqui, sabemos que a ciência linguística passa por uma fase muito importante de sua trajetória, em especial devido a dois momentos “centenários” acontecidos durante nosso século. Primeiro, o ano de 2013 celebra o centenário da morte de Ferdinand de Saussure (1857-1913) que é por muitos denominado o pai da Linguística Moderna e ainda o fundador do estruturalismo que ganhou notoriedade nos estudos científicos das ciências ditas humanas em meados do século XX.

Segundo, o ano de 2016 que celebra o centenário do livro intitulado Curso de Linguística Geral, organizado pelos linguistas Charles Bally e Albert Sechehaye, com

a colaboração de Albert Riedlinger, a partir de notas tomadas por alguns de seus alunos durante três anos de curso sobre a linguística (1907-1910) em Genebra.

Como já bem sabemos, a obra se tornou referência obrigatória no campo da linguística geral. Apresenta-se como uma revolução nos estudos da língua natural e, em decorrência, das demais ciências humanas comprovada pelo grande número de exegetas.

No final do século XX, com a descoberta de antigos manuscritos, Saussure volta à cena com elementos novos que complementam a originalidade de seu pensamento e convocam uma volta às questões epistemológicas da área. Os Escritos de Linguística Geral, texto publicado em 2002 por Simon Bouquet e Rudolf Engler - e com mais uma recente edição a cargo de René Amacker (Genebra, Droz, 2011) -, introduzem novas problemáticas para o campo da linguística como também para o campo geral da epistemologia.

Vários pesquisadores rediscutem em nossos dias o pensamento saussuriano na comparação e confrontação entre o Curso, os Escritos e outros trabalhos (lendas germânicas, anagramas, línguas indoeuropeias...). Em diferentes partes do mundo, estudiosos têm demonstrado interesse, hoje, numa retomada da teorização de Saussure e da epistemologia patente ao seu pensamento. A LINEARIDADE tem sido tema deste retorno⁸.

Um grande número de obras sobre Saussure tem sido publicado no Brasil, principalmente desde 2013, o que parece mostrar que está havendo uma necessidade na área de retomar questões mais filosóficas e epistemológicas que nos remetem à história e fundação da linguística como a conhecemos hoje.

A cem anos da publicação dessa importante obra, muitas instituições elaboram comemorações com eventos que tratam das mais diversas discussões em torno do nome de Saussure⁹ que se apresenta como o “homem dos fundamentos”

⁸ Conferir a seção “O princípio da Linearidade” nesta tese para mais detalhes sobre os autores que tratam deste tema.

⁹ Para citar apenas algumas, destacamos o “2º Colóquio Internacional Ferdinand de Saussure: publicação do CLG e herança” realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal-RN, no período de 01 a 04 de setembro de 2016; o XIX ENAPOL, realizado entre os dias 16 e 20 de maio de 2016, celebrando o centenário da publicação da primeira edição do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure; o Congresso

como já afirma Benveniste (1976). Aqui não consideramos Saussure como um homem que funda uma nova ciência, mas assumimos com Milner (2012) que Saussure dá continuidade à empreitada iniciada pela Gramática Comparada, com F. Bopp (1816), mas rompendo com o discurso “naturalista” que dominava os estudos linguísticos à época.

É em torno dessas questões, *Linearização em FF, hierarquia, Paradoxo Posicional, Saussure e Chomsky* que essa tese se constrói. Nessa perspectiva fazemos um retorno às questões internas à linguística de Chomsky, mais especificamente, o PM (1995) no que respeita às noções de *Hierarquia* e *Linearidade* dos itens lexicais, trazendo Saussure como o teórico que primeiramente toca a questão da linearidade como um princípio do significante (CLG, 1916, p. 84) e também como um princípio da língua (CLG, 1916, p. 142).

Buscamos avaliar importância atribuída ao papel do léxico assumido no PM o que, acreditamos, permite-nos pensar a linearidade no âmbito de questões da sintaxe que tradicionalmente enfatiza a hierarquia e assume ser a linearidade apenas uma condição externa imposta à língua. Buscamos, ainda, analisar de que forma o conceito de linearidade no PM pode ser reanalisado não como um critério que afasta a linguagem de sua perfeição, mas assim como a hierarquia, como uma característica inerente à natureza da linguagem humana, mas no âmbito da própria sintaxe. É a partir de Nunes (1995), com sua teoria de “Linearização como apagamento de cópias” e ainda Kayne (1994) com seu Axioma de Ordem Linear (LCA) que pretendemos argumentar sobre a linearidade no âmbito da sintaxe.

i. Da justificativa

Defendemos que esta tese se justifica porque reconhece, no momento atual da Linguística, a necessidade da retomada da reflexão epistemológica e histórica da área, tendo em vista a dispersão do campo em detrimento da abordagem de seu objeto, o que justificaria a sua inscrição no campo da ciência.

Internacional “100 anos com Saussure”, realizado pela Universidade de São Paulo (setembro de 2016); e ainda a publicação do livro “O efeito Saussure: cem anos do curso de linguística geral”, organizado por Carlos Alberto Faraco e que reúne artigos diversos autores como Márcio Alexandre Cruz (UFAL), Maria Fausta Pereira de Castro (UNICAMP), Valdir do Nascimento Flores, (UFRS), Beth Brait (PUC-SP), José Luiz Fiorin (USP), Eliane Silveira (UFU), só para citar alguns nomes. É importante ressaltar ainda, a criação do GT “Estudos Saussurianos” na ANPOL.

Trazemos para a discussão dois autores da linguística formal, Saussure e Chomsky, que, segundo nossa análise, enquadram-se dentro de um mesmo objetivo, qual seja, colocar a linguagem no campo científico operando “cortes” importantes na área a partir da delimitação da “Língua” como o objeto da ciência linguística.

No nosso caso especificamente, buscamos examinar em que medida a referência a um conceito de Saussure por Chomsky, no Programa Minimalista, sugere a abertura de um espaço teórico para considerar, a relação de linearidade juntamente com a de hierarquia. Além disso, colocamos em retrospecto¹⁰ o princípio de linearidade que, na teorização de Saussure, como vimos acima, não obteve a mesma fortuna de outros conceitos.

ii. Da hipótese

Especificamente, a hipótese que defendemos nesta tese é a seguinte:

Embora entendamos que o C_{HL} , tal qual compreendido por Chomsky, não comporte a noção de linearidade, mas apenas de hierarquia na construção do objeto sintático, nesta tese defendemos que a linearidade deve ser entendida como uma relação interna à Língua, através de uma operação que a partir de Nunes (1995), propomos chamar de Linearização, e não como uma imposição da interface FF.

Por isso, diferentemente de Ruwet (1979) que afirma que a linearidade saussuriana pressupõe uma teoria da “performance” e ainda diferentemente de Chomsky, que entende a linearidade como uma imposição externa à Faculdade da Linguagem defendemos que a linearidade é constitutiva da linguagem humana, sendo interna “à natureza íntima da linguagem”. Dessa forma, ainda defendemos que a formação de objetos sintáticos e a própria sintaxe não é indiferente à linearização dos itens lexicais.

Assumimos, assim que, em última instância, o *Paradoxo Posicional* de que trata Milner (1989) se resolve como um recurso à linearização. Uma linearização da estrutura de constituintes que, embora hierarquicamente dispostos, são linearmente

¹⁰ Fazemos aqui uma referência direta ao artigo de Testenoire (2012) “A Linearidade Saussuriana em Retrospecto”.

distribuídos e realizados em FF a partir de uma ordem de precedência de uns em relação aos outros, garantindo que as operações de c-comando, assim como o princípio da economia no PM atuem.

Assumimos, ainda que, num sentido particular, as operações do C_{HL} impõem ao sistema de *performance* FF sua linearização que, na solução A-P, disporá os itens lexicais numa linha temporal e não o contrário.

Essa última linearização difere da anterior, mas sugere guardar as suas marcas na forma de traços que permitirão que, na segmentação da cadeia falada, os itens que compõem o dicionário mental e alimentarão a Numeração guardem as marcas das posições sintáticas ocupadas na derivação. Argumentamos, por fim, que essa segmentação na cadeia da fala toca diretamente as considerações sobre a aquisição da linguagem.

Em relação aos textos que utilizamos neste trabalho, definimos como corpus saussuriano o “Curso de Linguística Geral” (1916) e a obra “Escritos de Linguística Geral” (2002). Destacamos que não utilizamos o ELG como um “livro” no sentido estrito do termo, mas como uma reunião de manuscritos de Saussure. Essa informação se torna importante, uma vez que as ideias apresentadas no ELG não são exatamente expostas numa ordem em que podemos classificar como introdução, desenvolvimento e conclusão, mas a partir de critérios elaborados pelos editores.

Importante ressaltar que não contrapomos o CLG e o ELG como sendo obras que apresentam o “falso Saussure” ou o “verdadeiro Saussure”, como o faz Bouquet (2010), por exemplo. Assumimos que, tanto um quanto outro, são textos que dizem respeito à teorização saussuriana no que se refere à sua reflexão linguística. Em relação à teoria chomskyana, sempre que ocorrer a expressão *Programa Minimalista*, estamos nos referindo exatamente ao momento da teoria que coincide com a publicação, em português, do livro de mesmo nome em 1995.

iii. Dos objetivos

Construímos nossas considerações a partir dos seguintes objetivos:

- a) explicitar por que Milner (1989), a sua época, entende que é Chomsky e não Saussure o linguista que eleva a linguística ao ideal de ciência galileana ao reconhecer que é Chomsky quem destaca o Paradoxo Posicional e elabora uma teoria sintática;
- b) confrontar os conceitos de Língua, Signo em Saussure e Léxico em Chomsky;
- c) colocar em retrospecto o princípio de linearidade que, na teorização de Saussure não obteve a mesma fortuna de outros conceitos;
- d) examinar o papel do léxico no PM (1995);
- e) discutir em que medida as mudanças em relação ao papel do léxico no PM convocam uma reanálise da noção de linearidade no âmbito da sintaxe;
- f) argumentar, apoiando-nos nas análises de Nunes (1995) e Kayne (1994), que hierarquia e linearidade, conforme aparecem no PM, devem ser entendidas como princípios da Língua-I;
- g) nomear o produto do complexo das operações de Copiar, Concatenar, Formar Cadeia e reduzir Cadeia de Linearização, operação que, juntamente com C-Comando, participa da determinação da natureza íntima da linguagem humana.
- h) propor que o Paradoxo Posicional de que trata Milner (1989) se refere ao recurso da linearização, linearização essa que impõe ao sistema de performance FF sua linearidade e permite a segmentação da cadeia da fala em itens lexicais, que por sua vez, farão parte do dicionário mental do indivíduo falante e alimentarão a Numeração de onde serão retirados para compor a derivação onde guardarão as marcas de suas posições sintáticas e permitirão a aquisição da linguagem pela criança.

A tese está organizada da seguinte forma:

Na seção 1, discutimos, a partir de Milner (1989), o conceito de ciência dentro da linguística. Apresentamos uma argumentação que nos permite situar Saussure e Chomsky dentro do modelo galileano de ciência o que, entendemos, autoriza-nos a colocá-los juntos em discussão nesta tese.

Na seção 2, trazemos uma reflexão sobre o objeto da linguística – a Língua – na concepção de cada autor, Saussure e Chomsky, apontando para os conceitos que, para os objetivos desta tese, tocam diretamente as noções de signo linguístico e item lexical.

Na seção 3, trazemos uma discussão e análise sobre como a linearidade reaparece no campo das teorias saussuriana e gerativa, destacando o Paradoxo Posicional.

Na seção 4, chegamos ao tratamento da *Linearidade* e da *Hierarquia* internamente à sintaxe chomskyana. Apresentamos em seguida, nossas considerações finais.

1 A LINGUÍSTICA ENTRE SAUSSURE E CHOMSKY: JEAN – CLAUDE MILNER, A GRAMÁTICA COMPARADA E A POSSIBILIDADE DE ESCRITA DE UMA CIÊNCIA DA LINGUAGEM

Agambem (2015, p 53) afirma que Milner é “um pensador extremamente original” e que, além disso, apresenta uma ampla formação linguística, que o autoriza a discutir de modo muito profundo e singular o caráter científico da linguística.

Na introdução desta tese, dissemos assumir a posição de Milner (2012) segundo a qual Saussure é um continuador da ciência da Gramática Comparada. Essa assunção se justifica porque ao assumir Saussure como o continuador da Gramática Comparada podemos encontrar em Saussure os princípios que colocam sua teorização no âmbito de uma ciência galileana, assim como Chomsky, diferente daquilo que afirma o próprio Milner (2012), ao defender que a epistemologia saussuriana se apresenta nos moldes de uma epistemologia aristotélica.

Nosso entendimento é que se Saussure é um continuador da Gramática Comparada e que se a Gramática Comparada foi um campo científico que apresentou os critérios que a tornam uma ciência galileana, Saussure, sendo continuador sendo seu continuador, também apresenta uma teorização a que podemos classificar como tal.

Assim, nesta segunda seção, traçaremos a interpretação feita por Milner (1989) das epistemologias saussuriana e chomskyana. Para tanto, utilizaremos como referência os seguintes trabalhos de Milner: “O amor da língua” (2012), “Introdução à Ciência da Linguagem” (1989) e “A obra clara” (1996). Debruçando-nos sobre a explicitação dos critérios de cientificidade levantados pelo autor para compreender como Milner (1989) entende Saussure e Chomsky (no momento inicial de sua teoria) em relação à ciência da linguagem.

Caminhamos para concluir que o autor caracteriza a epistemologia saussuriana, assumida por Milner (1989) naquele momento como associada ao estruturalismo, como um retorno a uma epistemologia aristotélica, afirmando ser Chomsky o linguista que permite à área chegar ao lugar do ideal de ciência almejado. Para Milner (1989), é Chomsky, que, ao reconhecer o que chama de Paradoxo Posicional, consegue escrever a ciência linguística nos moldes de uma ciência galileana.

1.1 A cientificidade da linguística

Milner afirma que *a linguística deseja ser uma ciência*¹¹ (1989, p.9) e que é exatamente essa necessidade que vai diferenciá-la da gramática e da retórica. Ao constatar a diversidade das escolas linguísticas, Milner (1989) pressupõe que seria possível estabelecer um projeto geral de ciência da linguagem como encontramos nas ciências da natureza.

Em nosso caso, entendemos que a compreensão do que é ciência¹² aparece como uma exigência da própria análise dos fundamentos epistêmicos da ciência da linguagem em particular, uma vez que estamos colocando em pauta dois autores considerados “revolucionários¹³” em relação ao campo de estudos da linguagem.

Ressaltamos que não é intenção de Milner (1989) – e nem a nossa - reconstituir a compreensão do fenômeno do conhecimento, assim o autor lança mão de uma epistemologia “standard”, ou seja, aquela que é a “menos inapropriada para apreender os traços distintivos do que se apresenta sob o título de ciência moderna” (1989 p.35).

O autor nos apresenta o que seria o sistema conceitual típico de uma produção discursiva daquilo que pode ser entendido como ciência moderna. Prioritariamente uma concepção de ciência enquanto uma produção discursiva deve ser compreendida como uma produção de proposições que combinam uma manipulação de dados empíricos de modo matematizado e o estabelecimento de uma relação entre teoria e técnica, segundo o autor.

Milner (2012) afirma que para que a linguística se constituísse como uma ciência moderna, ela precisaria atender aos critérios de matematização. Como destaca Milner (2012), a matematização do real e a manipulação técnica de uma teoria foram aspectos apresentados por Koyré que a partir dos conceitos de Galileu-Galilei estabeleceu sua compreensão de ciência moderna.

¹¹ Tradução de Cláudia Lemos em um “mimeo” intitulado “Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa linguística e/ou por onde circula o linguista”.

¹² Não temos aqui a pretensão de fazer um tratado sobre “ciência”, uma vez que não temos o intuito de ir para o campo da epistemologia geral. Ciência aqui aparece como um conceito importante porque estamos discutindo noções que balizam o entendimento sobre o objeto da linguística.

¹³ Saussure, no sentido de que organiza uma linguística dita científica definindo seu objeto e métodos; Chomsky, por sua virada histórica naquilo que foi chamado de “revolução cognitiva da linguística”.

Koyré (1986) defende que Galileu produz toda uma organização de ideias que possibilita a existência de uma forma peculiar de compreensão do mundo, podendo assim agir nele e, dessa forma, propõe uma nova forma de organização do universo.

Koyré (1986) em seu livro intitulado “Do mundo fechado ao universo infinito” sintetiza essa nova forma de organização do universo, ou cosmologia, como sendo a destruição de um cosmo organizado e finito. Segundo ele, essa nova forma de organização do mundo produzida pela revolução científica ocorre devido à divulgação do platonismo entre os pensadores europeus que não estavam dentro das academias dominadas pela epistemologia aristotélica.

Esse “platonismo” defende a substituição do conhecimento obtido através da experiência sensível e propõe um novo modo de conhecer o universo por meio de sistemas conceituais coerentes a pontos de produzir certezas **mesmo que não através da empiria**, como fez a Gramática Comparada ao reconstruir formas fonéticas sem a necessidade de haver um falante das línguas a que se estava comparando.

É afirmando que, para se compreender o mundo, deve-se rejeitar a sua aparência e avaliar sua estrutura, que de acordo com Koyré (1986), Galileu inaugura uma nova cosmologia na qual o universo seria composto por grandezas matemáticas. Dizendo de outro modo, as relações entre as grandezas apontadas por Galileu como sendo o princípio de estruturação do universo é a base da ciência estabelecida por ele.

A matemática seria a língua que escreveria o livro da natureza, uma vez que esta está organizada por caracteres geométricos. É aqui que Milner (1989) aparece afirmando que a matematização do real não implica quantificação de dados, mas literalização, isto é, a literalização matematizada não significa mensuração do fenômeno, mas que o discurso científico se vale de suas próprias regras e não daquilo que elas designam, ou seja, estabelece uma escrita que permite usar símbolos tomados em si mesmo e não para sua designação, como bem propõe a física.

Há desse modo, um desprendimento da lei que se refere a uma estrutura de mundo. Esse desprendimento só é possível graças à literalidade matemática que

permite ao cientista usar símbolos apenas em virtude de suas próprias regras e não em virtude do fenômeno. Milner (1989) denomina de “funcionamento cego” essa possibilidade de manipular os conceitos independentemente do fenômeno.

A relação entre teoria e técnica é o segundo traço que Milner (1989) aponta em Koyrè (1986). Afirmamos anteriormente que a revolução científica operada por Galileu inaugura uma nova cosmologia que muda a visão que se tinha do universo, agora entendido como infinito e geometrizado o que aponta para o homem como um ser ativo.

A ciência clássica entendia que a observação era o único meio de obter informações que permitiam a produção e elaboração do entendimento de certo fenômeno. Para a ciência moderna, o cientista enquanto sujeito, realiza ativamente uma experimentação, pois esse sujeito é capaz de manipular os conceitos independentes do fenômeno, mas através apenas de regras matemáticas, sendo essas regras as mesmas que regem o universo. Esse sujeito é assim capaz de interagir com a natureza através da experimentação.

Por meio dessa manipulação empírica o sujeito/cientista registra um saber que deve ser transcrito através do discurso da literalização matemática. A produção de proposições empíricas também é uma característica do discurso científico segundo Milner (1989).

O empírico, por sua vez, deve ser entendido como aquilo que é representável no tempo e no espaço. A falseabilidade, ou seja, a possibilidade de que uma proposição enunciada pelo discurso científico seja negada, é o que de fato garante o caráter de cientificidade de um discurso que se proponha científico.

Entendemos a partir da reflexão de Milner (2012), que a ciência moderna se caracteriza como uma configuração discursiva que possibilita a produção de proposições, utilizando-se de uma matematização do real e permitindo ao cientista manipular seu objeto através das regras que constituem os objetos e não na materialidade referida pelas regras.

Essa matematização do real permite que o investigador manipule o objeto a partir das regras que o constituem. Assim é possível elaborar técnicas experimentais

para testar a falseabilidade das proposições criadas pelo discurso científico. Essa seria a caracterização do fazer ciência de acordo com Milner (1989).

Para Galileu, o livro da natureza está escrito com caracteres geométricos, logo, a língua na qual esses princípios podem ser registrados é a matemática. É neste ponto que Milner sublinha a atividade de matematização do real como o principal traço distintivo da cientificidade moderna.

Importante se faz destacar a afirmação de Negrão (2007), corroborando com Milner (2002), que destaca a virada histórica de Chomsky em relação ao paradigma estruturalista associado ao nome de Saussure exatamente porque seria com Chomsky que poderia se pensar a ciência linguística nos moldes galileanos em detrimento do estruturalismo¹⁴ que apresentaria alguns desequilíbrios.

A autora destaca, a partir de Milner (2002), que o primeiro desequilíbrio diz respeito ao fato de que o estruturalismo, ao se denominar implicitamente como uma ciência galileana, apresenta uma “dematematização”,

uma vez que nenhum dos procedimentos da linguística estrutural que lhe conferem um estatuto científico, tais como, a comutação, a distribuição complementar, a distintividade, entre outros, se deixaram traduzir num formalismo lógico-matemático reconhecido como tal. (NEGRÃO, 2007, p. 45)

Prossegue a autora afirmando que Chomsky, por sua vez, se apresentaria como o autor que configura uma virada histórica porque propõe um novo modelo lógico-matemático, afirma Negrão (2007), e ao mesmo tempo gerativo e transformacional, capaz de representar adequadamente propriedades sintáticas das línguas que caracterizariam o seu modelo como o modelo de ciência galileana.

A propriedade central da linguagem humana, destacada pela autora e também apontada por Milner (1989) como sendo possível apenas a partir do modelo chomskyano, são os Paradoxos Posicionais.

Uma vez que as sentenças têm uma organização hierárquica na qual os itens lexicais ocupam posições nessa estrutura, é necessário distinguir entre as propriedades das posições e as propriedades desses itens. (NEGRÃO, 2007, p.45)

¹⁴ Estamos utilizando a nomenclatura “estruturalismo” por ser esse o termo utilizados tanto por Milner quanto por Negrão. Mas, destacamos que não entendemos Saussure como sendo o fundador do estruturalismo, mas como sendo o continuador da ciência de Franz Bopp, a Gramática Comparada.

Outro desequilíbrio apontado por Negrão (2007) diria respeito à própria concepção geral de ciência. Apoiando-se em um modelo de ciência ideal, o programa estruturalista resultou muito conservador, segundo Milner (2002), porque assumiu que, para ser uma ciência, a Linguística deveria satisfazer a certas condições formais como unicidade e especificidade do objeto, e minimalismo de axiomas e de conceitos fundamentais, o que fez com Milner (2002) entendesse que, Saussure, associado ao estruturalismo, optasse por uma epistemologia aristotélica de ciência.

A ciência galileana não tem que respeitar o modelo Minimalista, pois segundo Milner (2002) “uma ciência galileana, por definição, é uma teoria empírica. O minimalismo epistemológico é radicalmente antigalileano” (MILNER apud NEGRÃO, 2007, p. 45).

Milner (2002), ainda citado por Negrão (2007) conclui que:

Chomsky põe em questão, com um só movimento, todas as formas de estruturalismo, quer trate-se da linguística stricto sensu, quer das disciplinas que se dedicam aos objetos não propriamente linguísticos ou mesmo do cruzamento, feito por Althusser, entre estruturalismo e marxismo. Aí, uma dupla conclusão: de um lado ele afirmou que o minimalismo epistemológico é radicalmente antigalileano, uma vez que ele esvazia as ciências galileanas de todo seu conteúdo empírico; por outro lado, ele afirmou que a linguística pode se distanciar do ideal minimalista e construir sistemas de hipóteses ao mesmo tempo numerosos e refutáveis. (apud, NEGRÃO, 2007, p.46)

A afirmação de Milner (1989) causa um estranhamento, como afirma Negrão (2007), para aqueles que acompanham o desenvolvimento da teoria gerativa, exatamente porque em seu momento mais atual, a teoria chomskyana se propõe minimalista. Negrão (2007) ressalta que isto se explica se entendermos que as reflexões de Milner (1989) sobre o gerativismo tomam como referência o momento conhecido como Padrão Estendido e Regência e Ligação, que resultou no modelo de Princípios e Parâmetros.

Voltando aos critérios de cientificidade, Milner (2002) destaca que falar em matematização não implica dizer que só é científico o que é quantificável. O autor insiste em caracterizar a matematização pelo seu aspecto literal, isso é, de que o discurso científico – a língua que permite ler o tal livro da natureza – deve se

organizar em virtude de suas próprias regras e não em virtude daquilo que elas designam.

A literalização matemática não diz respeito à possibilidade de o cientista realizar uma mensuração do fenômeno. Tal procedimento nada mais é do que o estabelecimento de uma escrita que permite o uso de símbolos que podem ser tomados em si, sem prestar atenção para o que venham a designar.

Faria (a sair) nos traz o exemplo de Saussure sobre a reconstrução * $\check{e}k_1w\check{o}s$ (reproduzido abaixo) que se tornam muito pertinente para a compreensão do que seria essa escrita matematizada:

[...] para conhecer as unidades fônicas de uma língua, não é indispensável caracterizar-lhes a qualidade positiva; cumpre considerá-las como entidades diferenciais cuja peculiaridade consiste em não se confundirem umas com as outras. Isso é de tal maneira essencial que se poderiam designar os elementos fônicos de um idioma a reconstituir por quaisquer algarismos ou signos. Por conseguinte, a reconstrução de * $\check{e}k_1w\check{o}s$ quer dizer que o correspondente indo-europeu do latim *equos*, sânscrito *açva-s* etc., era formado de cinco fonemas determinados, tomados à gama fonológica do idioma primitivo. (CLG, 259).

Tratando do “fonema”, a autora, através dessa passagem, elucida que a escrita matematizável mencionada por Milner é totalmente assumida por Saussure, pois, há uma reconstrução pela escrita que toma o fonema por letra “sem que essas formas/fórmula possam ser faladas” (p.3).

A Gramática Comparada, “essa disciplina mal batizada” (Milner, 1989) nasce no fim do século XVIII e costuma ser classificada como uma área da filologia ou de das disciplinas históricas. Para Milner (1989), no entanto, pode-se encontrar nessa disciplina todas as bases necessárias para determinação de uma *ciência galileana*, conforme também corrobora Bouquet (2000) Por isso mesmo entendemos que, se Saussure se apresenta como um continuador dessa disciplina, podemos afirmar que sua epistemologia também se apresenta como tal.

Interessante ressaltar que essa interpretação de Milner (1989) é de modo particularmente tão perspicaz que podemos encontrar nos “Escritos” essa mesma avaliação.

Entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista *compara*. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar?” (ELG, p. 150).

Ela, a gramática Comparada, surge como uma disciplina da linguística graças principalmente aos nomes de Rask (1787-1832), Grimm (1785-1863), Bopp (1791-1867) e Humboldt (1767-1835), Schleicher (1821-1868), mas principalmente Rask, Grimm e Bopp considerados os fundadores da linguística histórica científica (ROBINS, 1967, p. 137). Essa disciplina se desenvolve a partir da relação de dois pontos de vistas acrescidos ao conceito de gramáticas clássicas já existentes, a saber, a comparação de diversas línguas e a história fonológica e gramatical de línguas em particular.

Robins (1967) afirma que a Gramática Comparada carrega o mérito de ter estabelecido um desenvolvimento teórico e metodológico que caracterizou essa disciplina como um campo científico melhor estabelecido do que os estudos linguísticos aleatórios que a antecederam. Nas palavras de Robins (1967):

O século XIX assistiu ao desenvolvimento de modernos conceitos, teóricos e metodológicos, no terreno histórico-comparativo e à concentração neste domínio linguístico de maior parte dos esforços e talentos dos linguistas. (p. 132)

Milner (1989) afirma que a gramática Comparada pode ser entendida como um dos grandes êxitos da ciência do século XIX uma vez que ela permitiu acumular dados sistematizados de várias línguas.

A Gramática Comparada realizava pesquisas buscando de um lado comparar diferentes línguas entre si e de outro escrever uma história das línguas a partir da comparação de diferentes estados de uma mesma língua. Estabelece, então, que a mudanças fonéticas e conseqüentemente linguísticas são resultados de regularidades fonéticas que se manifestam indiferentemente em todas as línguas, apresentando uma “explicação” para o fenômeno tão complexo das mudanças.

As relações entre os fonemas do indo-europeu são observadas a partir do estabelecimento de leis fonéticas em comparação às leis físicas por serem constantes e independentes de qualquer aspecto sensível. As leis fonéticas não tratam da semelhança entre os sons de diferentes línguas; tratam das correspondências entre formas linguísticas.

Estabelecer leis fonéticas é uma forma de agenciar proposições sem que seja necessário considerar a substância sensível que pode vir a ser referida, pois há um desprendimento da substância. As formas *ph* grega (*phero*) e *b* armênia (*berem*)

encontram correspondência fonéticas na forma indo-europeia **bh*, independentemente de suas diferenças em termos de realização fonética.

Pela observação do procedimento, fica claro que o único fato empírico de que dispõe a gramática comparada são as correspondências detectadas. A produção de uma reconstrução de estados de línguas nada mais é do que o resultado do acúmulo de correspondências examinadas e organizadas de modo sintético. A tarefa do linguista, nesse caso, é “calcular as formas possíveis e impossíveis, combinando os estenogramas de correspondências em conformidade com as regras de combinação” (MILNER, 1989, p.103).

Graças à possibilidade de estabelecer cálculos, isto é, manipulações de unidades sem considerar suas substâncias, existe na gramática comparada a possibilidade de elaborar uma ciência de linguagem que atende aos critérios de ciência galileana, como destaca Bouquet (2000). Por isso Milner (2012) afirma que o mérito da gramática comparada em relação aos estudos antecedentes é a possibilidade de uma “edificação da escrita”, uma vez que “ela [a gramática comparada] possa *notar* formas por definição não observáveis, desempenhando a função matriz para um conjunto de formas observadas”. (MILNER, 2012, p. 31 – grifos do autor).

Milner (2012) insiste em descrever tal prática como a ciência da gramática comparada, visto que o estabelecimento de um fonema indo-europeu, por exemplo, não é uma detecção filológica, mas o produto do registro formalizado de uma série de correspondências previamente examinadas em dados empíricos.

Essas regularidades fonéticas justificariam a diversidade histórica das línguas e se apresentariam como prova do parentesco das línguas. Os neogramáticos defendiam que toda mudança fonética se produz mecanicamente apresentando exceções pertencentes à ordem psicológica, sendo o fundamento dessas leis, puramente psicomecânico.

Todas as mudanças fônicas, como processos mecânicos, ocorrem de acordo com leis que não admitem nenhuma exceção dentro do mesmo dialeto, e o mesmo som, em contextos idênticos, evoluirá sempre da mesma maneira; porém as criações e modificações analógicas de determinadas palavras como entidades lexicais ou gramaticais constituem também componente universal da mudança linguística em todos os períodos históricos e pré-históricos (ROBINS, 1983, p. 148).

Mesmo sendo a teoria que à época se apresentava como aquela que melhor explicava a complexidade das mudanças linguísticas, Bouquet (2000) afirma que o problema dos neogramáticos era que eles não conseguiram encontrar uma teoria que abarcasse os resultados encontrados pela prática do comparatismo, uma vez que tratar do conceito de língua não era uma questão, nem para os comparatistas, nem para os neogramáticos.

A falta dessa teoria fazia com que o impasse de se saber se a linguística era de fato uma ciência histórica (social) ou uma ciência natural não tinha encontrado uma solução até o final do século XIX. Bouquet (2000) conclui então, que o embate das leis fonéticas acabaria por revelar a inexistência de uma epistemologia da gramática comparada, posição contrária a de Milner, como vimos.

Seria, nesse contexto, que Saussure apresentaria um pensamento mais sistemático a respeito da epistemologia do comparatismo, ou seja, seria Saussure quem de fato, esboçaria uma epistemologia da gramática comparada. Com isso não queremos dizer que Saussure seja o fundador de uma nova epistemologia, mas que Saussure acaba por sistematizar um conjunto de pensamentos que já vinha efervescendo. Muitos mais do que o “pai” de uma nova linguística científica, Saussure se apresenta como o homem da síntese, como um homem fruto do momento histórico de sua época.

Bouquet (2000) afirma que Saussure se utiliza dos pressupostos neogramaticais para se opor ao organicismos de Schleicher e considera Whitney como aquele que apresentou uma epistemologia da linguística histórica, ou melhor, um esboço de uma epistemologia, uma vez que uma epistemologia exigiria uma visão mais geral do objeto de estudos da linguagem (da linguística).

Bouquet (2000) destaca que a gramática comparada, embora produzisse resultados incontestáveis e importantes para os estudos da linguagem à época, ignorava as condições que tornavam possíveis esses resultados, o que seria o mesmo que dizer que, até Saussure, não se podia afirmar a existência, nos termos do próprio Saussure de “uma filosofia da linguística” (epistemologia nos termos atuais).

Sabendo que o século XIX é notadamente o século das classificações, Saussure, partindo dessa concepção, adota o ponto de vista neogramatical e assume que a linguística é uma ciência histórica e não uma ciência da natureza. Mas essa não seria a principal contribuição de Saussure, e sim o grau de abstração do autor, capaz de assumir um objeto para a ciência linguística necessária para garantir a sua legitimidade, afirma Saussure:

A primeira escola da linguística não considerou a língua em sua característica de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato de linguagem, e atirou-se diretamente à língua, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época), e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjunto de letras.

Um primeiro passo se deu: da letra veio a considerar o som articulado e do papel se passou ao sujeito falante []. Não há ainda linguagem, já há fala.

A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social. (ELG, p. 115-116)

Esse objeto seria então por natureza, um objeto psicológico, uma vez que tanto a face fonológica quanto a face semântica da língua pertencem à ordem do espírito, ainda seja de natureza concreta. É a partir dessa concepção de objeto psicológico que Saussure enuncia a dicotomia do fonético oposto ao morfológico e também o conceito de sincronia linguística, na medida em que um sistema de signos é um fato sincrônico e é na sincronia que o sujeito falante se encontra.

Afirmamos acima assumir a posição de Milner (2012) de que Saussure não funda uma linguística moderna. Para Saussure

[...] a linguística existe – é a gramática comparada –, o problema é que ela ignora aquilo que a possibilita” (p. 51). O CLG “[...] não passa da exposição das condições conceituais que tornam possível a gramática comparada” (p.32).

Esse reconhecimento encontra-se explícito, insiste o autor, nas fontes manuscritas do CLG (cf. Engler e De Mauro). Faz-se necessário então, apontar qual a relação entre o fazer científico da linguística e o próprio Saussure.

O segundo traço distintivo da ciência moderna que Milner (1989) busca em Koyré (1986) é a relação entre teoria e técnica. Sendo o cientista capaz de

manipular conceitos registrados literalmente, isto é, desprendidos dos fenômenos e atrelados apenas às regras matemáticas, que são, supostamente, as mesmas que estruturam o universo, esse cientista é capaz de estabelecer uma nova forma de interação com a natureza por meio da experimentação.

Retornando à ideia de que a ciência é uma produção discursiva, Milner (2008) afirma que a atividade científica deve ser capaz de produzir proposições empíricas. Essa propriedade do discurso científico é examinada por Milner (2008) no campo linguístico de maneira peculiar.

De acordo com o autor, o desejo da linguística de ser ciência, busca atender a exigência da empiria. No caso da gramática comparada, o exame de um vasto material filológico permite a manipulação de um grande conjunto de dados. Ao formular a frase matematizada $*bh = gr. ph; sk. bh; ar. b$, podemos lançar uma proposição num conjunto de dados para a recolha de exemplos. Após tal procedimento, de acordo com Bouquet (2000) a frase literalizada acima pode ser lida como: a forma indoeuropeia $*bh$ é verificada em sânscrito pela palavra *bharami*, em armênio por *berem*, em grego por *phero*. Por essa recolha de dados, a forma indoeuropeia $*bh$ torna-se empírica, visto que as correspondências fonológicas entre sânscrito, armênio e grego são verificadas.

No momento em que tais relações cessam de se efetivar, a forma $*bh$ perde sua empiria. Como é possível perceber, a gramática comparada desenvolveu as técnicas de *literalização matemática* próprias de uma *ciência galileana*. Além disso, seu trabalho com dados filológicos permitiu uma relação entre teoria e técnica que sustenta a falseabilidade das proposições formuladas.

Como caracterização de uma disciplina científica muito específica, a gramática comparada considera o indo-europeu como uma suposição teórica que toma a forma de um *dispositivo* que permite elaborar uma compreensão de uma parcela muito estreita dos fenômenos de linguagem, como afirma Bouquet (2000).

Ainda que por um viés diferente, defendemos com Bouquet (2000) que a epistemologia que Saussure elabora não se limita ao reconhecimento taxinômico, mas que ele determina exatamente os critérios que permitem entender os princípios de cientificidade da gramática comparada, sendo esses princípios condizentes com uma epistemologia galileana: a literalização, a formalização e a refutabilidade. (BOUQUET, 2000, P.96)

Dissemos acima que “defendemos por um viés diferente” que Saussure, junto à gramática comparada elabora uma ciência galileana. Com “por um viés diferente” nos referimos exatamente ao fato de que para Milner (1989) é Chomsky quem torna possível a escrita de uma ciência linguística, exatamente porque reconheceu na língua o Paradoxo Posicional. Isso nos remete diretamente ao reconhecimento da sintaxe como centro da teoria chomskyana e como negação do reconhecimento da sintaxe na epistemologia saussuriana.

Longe de nos determos nesse embate de haver ou não sintaxe em Saussure, destacamos que o reconhecimento do Paradoxo Posicional na teoria chomskyana permitiu a teoria reconhecer na operação de movimento sintático regido por hierarquia, a elaboração de um dos principais fundamentos que balizam a teoria.

Isto se dá exatamente pela adoção do conceito de item lexical como um átomo e mais atualmente um feixe de traços¹⁵, diferentemente do que acontece com Saussure que elabora primeiramente um conceito de língua como sendo um sistema de signos e depois um sistema de valores puros. O próprio conceito de signo como um primitivo teórico em Saussure, sendo este signo relacional, opositivo, negativo não permite a este autor operar a virada histórica de Chomsky destacada por Milner (1989).

Assim, na seção que se segue, trazemos mais especificamente a adoção de Saussure da “língua” como objeto da linguística, perpassando, em seguida, as noções “língua” para Saussure e Chomsky, e, conseqüentemente, as noções de “signo” e “item lexical”, respectivamente, para chegarmos posteriormente à discussão de linearidade e hierarquia.

¹⁵ Esses conceitos são tratados especificamente no subitem 2.3. “O léxico na teoria chomskyana” da seção 2.

2 A LÍNGUA COMO OBJETO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA: DA TEORIA DO SIGNO (SAUSSURE) AO ITEM LEXICAL (CHOMSKY)

Dissemos no capítulo anterior que Saussure é o continuador da gramática comparada. Entretanto, Saussure vai além da gramática comparada, porque com ele, os estudos deixam de se concentrar apenas na comparação de manifestações externas de várias línguas.

Beveniste, em relação ao método comparativo se questiona:

Como podemos dizer de um dado linguístico, tomados em dois momentos da evolução, que é o *mesmo* dado? Em que reside essa identidade, e já que é proposta pelo linguista entre dois objetos, como a definiremos? É preciso um corpo de definições. (1976, p. 36-37, destaque do autor).

Saussure parece dar um corpo ao método quando deixa de se concentrar na comparação em si e passa a entender a língua como um sistema de valores¹⁶ estruturado e autônomo, que é subjacente a toda e qualquer produção linguística.

Saussure quer [...] ultrapassar a comparação conjuntural das línguas particulares, como fazem os especialistas da gramática comparada na sua época, para estudar a estrutura geral da língua. (PAVEAU & SARFATI, 2006, p.65)

A citação de Paveau & Sarfati acima colocada parece nos remeter ao fato de que, para Saussure, não era mais o estudo da comparação de línguas isoladas como descrição de fatos linguísticos que deveria ser o centro das preocupações da linguística, mas a estrutura geral da língua enquanto um sistema no qual as relações só poderiam ser estabelecidas a partir do sistema de signos e do ponto de vista da sincronia.

Parece haver aqui um ponto de aproximação entre Saussure e Chomsky. Queremos dizer que os dois autores se interessam não por aquilo que há de particular no estudo das línguas, ou seja, ainda que se busque estudar línguas

¹⁶ Essa mudança, ou melhor, esse deslocamento na noção de língua como um “sistema de signo” para “um sistema de valores puros” apresenta consequências epistemológicas importantes para nossa discussão. Por isso, embora tenhamos apenas nos referido brevemente, voltaremos a este ponto quando tratarmos especialmente do signo linguístico.

diferentes, não se pretende apenas descrever o mecanismo dessas línguas isoladamente, mas através dos estudos dessas línguas, buscar o que é de geral no estudo da linguagem, e, mais especificamente no caso de Chomsky, os universais linguísticos.

A linguística, então, passa a ser concebida como uma ciência: ela não só descreve fatos linguísticos, mas busca uma explicação coerente para sua ocorrência. Normand (2009) chega mesmo a dizer que a questão que movia Saussure era: “O que é língua?” (NORMAND, 2009, p.34). Assim, apesar de já haver um estudo sistematizado e produtivo de comparação linguística, Saussure, nas palavras de Normand, decepciona-se ao perceber que:

a evidência para os linguistas é de que eles se ocupam com a linguagem e com as línguas; assim o afirmam, sem estabelecer uma relação clara entre esses dois termos, e sem que jamais se saiba se o termo linguagem representa o conjunto de línguas, uma língua qualquer que se estime valer por todas as línguas, uma faculdade (social e/ou natural) comum a todos os homens, nem qual estatuto possui uma língua concreta em relação a essa generalização. (NORMAND, 2009, p. 35-36).

Há, evidentemente, uma preocupação de Saussure em relação à linguística, uma preocupação terminológica inclusive. Por isso percebemos constantemente a tentativa da definição de língua, linguagem. Saussure coloca a linguística frente a dois caminhos, sincronia e diacronia, e ainda, estabelece o que caracterizaria essas duas rotas, sistematizando o fazer da linguística, mas escolhe, como já dissemos o ponto de vista da sincronia, produzindo uma nova teorização para a noção de signo linguístico.—Chomsky, por sua vez, ao dar início a sua teoria linguística da competência, não necessita, metodologicamente falando, esboçar uma fundamentação do ponto de vista a que deveria adotar, mas se coloca, evidentemente, na sincronia.

Abaixo, apresentamos como o modelo chomskyano foi se modificando para se tornar coerente com seus respectivos momentos. Nossa intenção é chegar ao conceito de léxico e item lexical, ou mais especificamente, entender como a importância dada ao léxico no PM nos permite encontrar no modelo um retorno às noções teóricas saussurianas, especialmente no que toca a linearidade, não apenas do significante, mas da língua.

Dessa forma, parece-nos que o conceito de linearidade e a relação nos eixos sintagmático e associativo nos permitem pensar que a ordem linear dos itens lexicais tem um papel na sintaxe maior do que aparece na teoria chomskyana, assim como tem a hierarquia.

2.1 A Língua em Saussure: de um sistema de signos a um sistema de valores puros

Parece que é a partir da inquietação apontada por Normand (2009) na citação acima (“O que é língua?”) que Saussure vai construindo uma argumentação em torno da definição de língua, assim como em torno de toda uma problematização sobre a linguística geral como um campo científico, perceptível já no capítulo III da introdução do Curso de Linguística Geral, intitulado “Objeto da linguística” em que o autor começa a discussão com uma pergunta, a saber: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística? (CLG, 1916, p. 15).

Saussure começa por comparar a ciência linguística com outras ciências e afirma que essas trabalham com objetos previamente dados, diferente da ciência linguística, quando afirma que

Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que precede o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras. (CLG, 1916, p.15).

Saussure então assume que é a língua que deve ser tomada como objeto da ciência linguística em detrimento da linguagem, uma vez que somente assumindo o terreno da língua parece ser possível a formulação de uma definição “autônoma”, língua essa que não se confunde com a linguagem, mas é apenas parte dela, sendo a linguagem uma faculdade humana, no sentido de que é uma capacidade que os seres humanos têm para desenvolver uma língua e outras manifestações simbólicas, mas ressalta que a faculdade da linguagem não diz respeito ao conceito mesmo de língua, uma vez que para ele a língua é o produto social dessa faculdade, a qual “desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema”. (CLG, p. 21)

Importante ressaltar que aquilo que Saussure está se referindo como faculdade da linguagem não pode de modo algum, ser entendido nos moldes de Chomsky, em especial pela própria concepção de língua interna a sua teoria.

Enquanto Chomsky assume que a Faculdade da Linguagem se apresenta como um órgão inato geneticamente determinado, responsável pela aquisição da linguagem, para Saussure,

[...] acima desses diversos órgãos, existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência [...] pode-se valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de um instrumento criado e fornecido pela coletividade. (CLG, p.18)

Dessa forma, concebida como um conjunto de convenções necessárias estabelecidas e adotadas por um grupo social, a língua não estaria completa em nenhum indivíduo, como parece propor a noção de “órgão geneticamente determinado”, mas apenas na massa falante para o exercício dessa faculdade da linguagem.

Saussure então se questiona: “de que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante?” (CLG, p.18). Ao mesmo tempo em que responde: “Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua”. (CLG, p.21).

Diz ainda Saussure:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, num sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (CLG, p. 21).

Como se percebe, a língua não pode ser confundida com linguagem, mas é apenas parte dela e deve ocupar “o primeiro lugar no estudo da linguagem” (p. 18). Saussure chega mesmo a dizer que é a língua a responsável pela unidade da linguagem.

Importante ressaltar que à língua saussuriana, perpassa a noção mesma de sincronia, como dito acima, e, é exatamente aqui que aparece um dos movimentos cruciais de Saussure em relação à gramática comparada, pois, enquanto esta buscava comparar isoladamente formas da língua diacronicamente, ou seja, comparar termos de línguas diferentes em épocas diferentes, Saussure entende que

não se deveria ter como objeto termos isolados para comparação, mas o próprio funcionamento de um sistema geral da língua, que só poderia ser tomado sincronicamente.

No mesmo capítulo do CLG, Saussure assim resume “os caracteres da língua”:

- i. é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que não pode criá-la nem modificá-la, a não ser por um contrato estabelecido entre a massa falante (p. 22);
- ii. é distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente (p. 22);
- iii. é de natureza homogênea (p.23);
- iv. é um sistema de signos constituídos pela união de um sentido e uma imagem acústica, igualmente psíquicas (p.23);
- v. é um objeto de natureza concreta (23).

Embora retornemos a isto mais adiante, faz-se interessante destacar aqui que, ao assumir o ponto de vista sincrônico para encontrar o objeto da linguística, Saussure não descarta o movimento da diacronia no sistema linguístico, pois ao reconhecer que a língua é passada por herança, de uma só vez, é possível entender que o tempo e a massa falante agem sobre o sistema, provocando mudanças das quais o sujeito falante isoladamente não se dá conta, uma vez que o estado em que o falante se encontra é o estado da sincronia.

Os “ELG”¹⁷, especialmente na segunda parte “Antigos documentos” em que se encontram as “Conferências de Genebra” trazem importantes afirmações de Saussure sobre a noção de língua, especialmente sua relação com o tempo, fato que é apenas sutilmente colocado no CLG, ou mais especificamente sobre a continuidade e a transformação no tempo. Diz Saussure:

Não existe objeto comparável à língua, que é um ser muito complexo, e é isso que faz com que todas as comparações e todas

¹⁷ Lembremos que nesta tese não se coloca o CLG e os ELG como obras que apresentam dois “Saussure”, muito pelo contrário, aqui assumimos as duas obras como de autoria do genebrino, uma sempre complementando a outra.

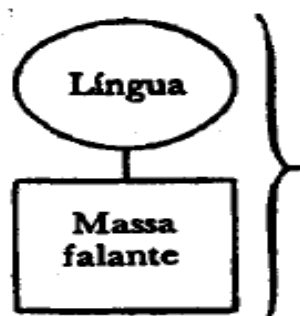
as imagens de que nos servimos habitualmente, acabem, regularmente, por nos dá uma ideia falsa. (ELG, 2002, p. 133).

Assim como no CLG, negando que a Linguística deva ser considerada uma ciência natural, Saussure nos afirma nos ELG:

Lê-se em uma das primeiras páginas de uma obra de Hovelacque sobre a linguística: a língua nasce, cresce, definha e morre, como todo ser organizado. Essa frase é absolutamente típica da concepção tão difundida, mesmo entre os linguistas, que é combatida à exaustão e que levou diretamente a fazer da linguística uma ciência natural. Não, a língua não é um organismo, ela não é uma vegetação que existe independentemente do homem, ela não tem uma vida que implique um nascimento e uma morte. [...] a língua não é uma ser organizado, ela não morre por ela mesma, ela não definha, ela não cresce, na medida em que não tem uma infância, assim como não tem uma idade madura ou uma velhice e, por fim, ela não nasce, como vamos ver. (ELG, 2002, p.135)

O autor argumenta que se isso fosse possível teríamos que admitir que quando uma língua muda no tempo, essa mudança aconteceria por um “salto”, “um toque de varinha mágica”, “um parto inaudito”, caso em que um idioma “daria à luz” a outro idioma. (ELG, p.137). O mestre genebrino nos diz que aquele que acredita que o francês um dia “nasceu das entranhas do latim” acaba por entrar na ilusão da *imobilidade* imaginando que a língua está em estado de repouso ou equilíbrio, mas afirma Saussure, ao contrário disso, o que se observa é que a língua nunca está em estado de equilíbrio ou em estado de permanência, estável, uma vez que a língua sempre apresenta ao mesmo tempo continuidade e mutabilidade, o que leva Saussure a entender o “o princípio da transformação incessante das línguas como absoluto” (ELG, p. 138), o que faz com que o autor considere que o estudo das línguas deve levar em conta o ‘fator Tempo’, explicando a mudança em seu esquema língua, massa falante e tempo, no CLG, em que o autor nos apresenta à página 92,

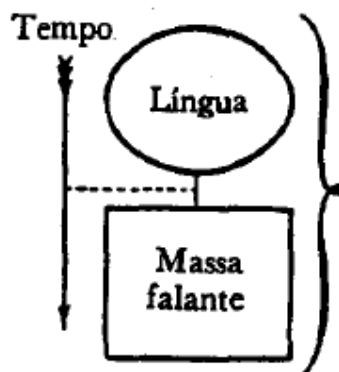
Figura 1 - Língua e Massa falante



Fonte: Saussure, 1916, p.92

mas afirma que o esquema não está completo, se não acrescentar “ao primeiro esquema um signo que indique a marcha do tempo”:

Figura 2 - Língua, Massa falante e o Tempo



Fonte: Saussure, 1916, p.93

No CLG, Saussure ainda nos diz:

De fato nenhuma sociedade conhece e nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado das gerações anteriores e que cumpre receber como tal [...] e exclui toda transformação geral linguística e repentina. (p. 86)

No entanto, diante da existência do par língua-fala, ou seja, da necessidade de haver fala para que a língua se estabeleça e vice-versa, é necessário que a língua seja posta em circulação pelos sujeitos falantes; a “evolução” não depende de acidentes isolados, enquanto fala, mas da massa social, enquanto língua.

Dessa forma, podemos deduzir que as mudanças diacrônicas na língua se efetivam por uma espécie de convenção ou acordo tácito entre a massa falante, uma vez que, ao se pensar no caráter arbitrário do signo, poderíamos pensar a língua como um sistema livre, “organizável à vontade”. Mas o princípio da continuidade anula a liberdade:

Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos homem e cachorro porque antes de nós se disse homem e cachorro. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antagônicos: a convenção arbitrária em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. (CLG, p. 88).

Conforme ressalta Pereira de Castro (2013), “é sob a forma de um teorema que o princípio da arbitrariedade é proposto para explicar as forças antagônicas que agem ao longo do tempo nas línguas.” (p. 91). A autora ainda nos diz:

Saussure associa o princípio da arbitrariedade do signo à questão do tempo; só assim lhe é possível tratar as forças antagônicas em funcionamento da língua. A imutabilidade e a mutabilidade do signo se explicam na sucessão temporal. (2013, p. 91).

O que percebemos é que há, sempre, o deslocamento das relações, pois a língua não é capaz de se defender dos fatores que deslocam a todo instante a relação entre o significado e o significante. Saussure explica então a maneira por que a língua evolui:

Situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias. (CLG, p. 90-91).

Ao que conclui: “A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações” (CLG, p. 93). Mas, ainda é necessário acrescentar à força do tempo a massa falante, pois sem a massa falante o tempo não agiria sobre a língua. Assim, ainda que reconheçamos que um acidente de fala possa provocar uma alteração no sistema linguístico, esse acidente de fala só pode interessar quando atinge a massa falante e, conseqüentemente, o sistema.

Vimos que, inicialmente, Saussure (CLG, p.23) afirma ser a língua “um sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica”. Em uma interpretação muito feliz, Milner (2003) afirma que neste capítulo III da introdução do CLG, podemos encontrar duas das mais célebres inovações de Saussure, a saber, a tese negativa de que a linguagem não é o objeto da linguística, ou seja, de que a linguística não é a ciência da linguagem; e a tese positiva de que o objeto da linguística é a língua. (p.25).

Milner (2003) continua a argumentar que a escolha da língua se dá pelo ponto de vista da consistência e da repetibilidade dos fenômenos, caso em que a língua se opõe a fala. Enquanto a língua é uma materialidade psíquica, a fala não tem nada de coletivo. Ainda segundo o autor, essa materialidade da língua não é inata, mas adquirida, sendo sua natureza essencialmente social. Diz Milner: “Em resumo, a língua permite construir um domínio homogêneo de entidades repetíveis. Correlativamente, a noção de *linguagem* é eliminada do domínio da ciência linguística”. (2003, p. 26. Tradução nossa)

Com isso, Milner (2003) afirma que a linguística não tem que problematizar a existência ou origem da linguagem, mas deve considerá-la como um fato inicial, por isso a linguagem não pode constituir seu objeto, em outras palavras, o autor notabiliza que a linguagem interessa à linguística sob a forma de condição de possibilidade material da língua e das línguas. Segundo o autor, é isso que Saussure chama de “faculdade de constituir uma língua” (p.27).

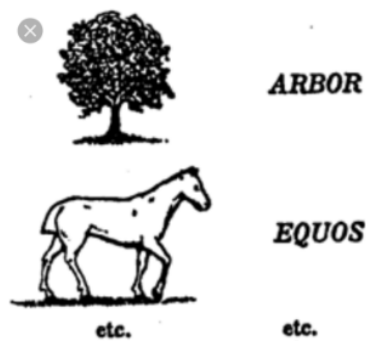
Ao estudar essas últimas e só essas últimas, ao estudar em cada uma delas o que se supõe de repetível (a língua) e esta somente, a linguística pode sem dúvida esclarecer algo sobre a faculdade da linguagem, mas não estuda diretamente esta faculdade. (MILNER, 2003, p. 27. Tradução nossa)

Milner ainda nos diz que o conceito primitivo do CLG é o signo. O autor chega mesmo a afirmar que em Saussure não há nenhuma teoria do signo, uma vez que Saussure não busca exatamente responder o que é um signo dando uma definição e uma tipologia, mas o trata como um conceito primitivo. Cunha (2008) afirma que não é exatamente sobre o signo que Saussure teorizava, mas sobre o valor linguístico que pode, por abstração, pode ser lido como signo. É sobre o conceito de signo em Saussure, então, que passamos a discutir agora.

2.2 O Signo em Saussure e a novidade do valor linguístico

Na primeira parte do CLG, chamada de “Princípios Gerais”, capítulo I, Saussure nos apresenta a “Natureza do Signo Linguístico”. O autor inicia uma argumentação que visa a refutar a noção de língua como uma nomenclatura, afirmando que essa concepção supõe ideias preexistentes às palavras, conforme se observa nas palavras do autor:

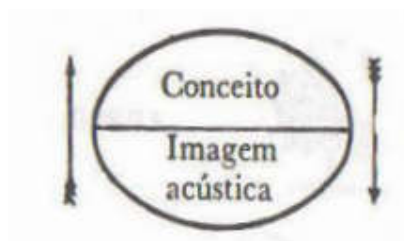
Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. Por exemplo:



Tal definição é criticável em diferentes aspectos. (CLG, p. 79)

O autor enfatiza que essa “visão simplista”, embora criticável, mostra que a “unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (CLG, 1916, p. 79). Saussure começa então, a elaborar uma argumentação em torno da noção de signo, afirmando que o signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica (p.80), sendo uma entidade psíquica de duas faces, em que os dois elementos estão intimamente ligados:

Figura 3 - conceito/imagem acústica



Fonte: Saussure, 1916, p.80

Ao decorrer de sua argumentação, Saussure destaca a necessidade de substituir os termos “conceito” e “imagem acústica” respectivamente por significado e significante, afirmando que esses dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição entre si, e ainda, do total do qual fazem parte, mas não encontra outro termo para a união do significado e do significante, continuando a nomear de signo. Para o signo, Saussure estabelece duas características ou princípios básicos: a arbitrariedade e a linearidade.

Ao princípio da arbitrariedade, Saussure destaca que o vínculo que une um significado a um significante é arbitrário, no sentido de que não há vínculo natural que explique a união de um significante e de um significado. A associação é feita de forma imotivada, mesmo quando se refere a uma arbitrariedade relativa, uma vez que é relativa a outro signo que é absolutamente arbitrário. O CLG nos fornece o exemplo muito feliz da palavra dezenove, motivada por dez e nove que por sua vez são absolutamente imotivadas (CLG, 1916, p. 152-153).

Como afirma Cunha (2008), decorrente do princípio de arbitrariedade, podemos dizer que qualquer signo pode “desfazer” sua união, e conseqüentemente, que um significante pode unir-se a outro significado qualquer, reciprocamente. Dessa forma, a união que resulta num signo não é “fixa”.

O outro princípio diz respeito à linearidade do significante. Diz Saussure:

O significante sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha. (CLG, 1916, p. 84)

O autor afirma que este princípio foi negligenciado porque pareceu demasiadamente simples, mas chega a dizer que ele é fundamental, e, ainda, que todo mecanismo da língua depende dele. Saussure continua dizendo que os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo e que por isso, seus elementos formam uma cadeia, mesmo nos casos em que se pode apresentar um contra-argumento, como no caso da acentuação de uma sílaba em que se pode pensar na acumulação, num só ponto, de elementos significativos. Mas é o próprio Saussure quem nos diz que isso é uma ilusão, uma vez que a sílaba e seu acento constituem apenas um ato fonatório; “não existe dualidade no interior desse ato,

mas somente oposições diferentes com o que se acha ao seu lado”. (CLG, 1916, p. 84).

Como dissemos antertiormente, Milner (2003) afirma que Saussure não elabora uma teoria do signo propriamente dita, uma vez que Saussure toma o conceito de signo como um conceito primitivo que não precisa se definir. Cunha (2008) destaca que o termo signo é um termo frequente nas teorizações da linguagem mesmo antes do CLG, pois pertence a uma tradição metafísica vigente nos séculos XVII e XVIII.

Milner (2003) situa Saussure numa tradição antiga e conhecida por ele. O autor afirma, assim como Cunha (2008), que a definição do signo como elemento fundamental da linguagem não é nova, embora como afirma o autor, as teorias da linguagem e as teoria do signo estivessem , desde o começo separadas. As teorias gregas da linguagem, por exemplo, não recorrerem à noção de signo, como destaca Milner (2003) ao historiar o termo signo.

O autor nos diz que para os estóicos, havia uma forma de raciocínio na qual do “perceptível se chega ao imperceptível”, caso em que se pode acontecer do perceptível estar presente, mas não seja possível observá-lo diretamente. Como exemplo, Milner (2003) nos fala do caso de haver fumaça visível, mas o fogo que provoca a fumaça pode estar escondido atrás de uma colina sem poder ser visto diretamente; ou ainda, que o imperceptível aconteça sensivelmente, embora aquilo que o tenha causado não esteja ali, como no caso “do pé em relação à pegada”, e ainda, que o perceptível aconteça fisicamente, caso em que a pessoa ruboriza por estar constrangida. Diz Milner:

Em sua forma original, o signo é, portanto, essencialmente o índice material que autoriza uma conclusão do tipo Sherlock Homes sobre algo que, em um instante t, não se deixa (ou não mais se deixa) perceber. (MILNER, 2003, p. 29. Tradução nossa).

O autor continua a dizer que, argumentar que a linguagem em geral tem a estrutura do signo, constitui um passo teórico de grande importância, e atribui essa concepção a Santo Agostinho em sua “Da Dialética”, que supõe na linguagem a manifestação perceptível do pensamento em si mesmo imperceptível. Continua Milner (2003), segundo essa concepção, é próprio da palavra o poder de designar uma coisa porque essa coisa, precisamente, falta.

Milner (2003) destaca a diferença entre as teorizações do signo em Saussure e em Port-Royal, afirmando que esta diferença se baseia especialmente na noção de assimetria em que consiste o port-royalismo: a fumaça é o signo do fogo, a respiração é o signo da vida, a expressão do rosto é o signo do sentimento, mas não inversamente. (p. 29). Em Saussure, por sua vez, a assimetria não é absoluta, conclui Milner (2003), mas ao contrário está baseada na reciprocidade, como mostra as citações do CLG, destacadas por Milner (2003, p.29): “uma sucessão de sons só é linguística se comporta uma ideia (...) os conceitos (...) só se tornam entidades linguísticas por associação com imagens acústicas”.

O que Saussure faz, então, é recusar uma teoria clássica de signo segundo a qual este é uma realidade que representa, numa relação assimétrica, outra realidade. É exatamente para destacar essa reciprocidade que segundo Milner (2003), Saussure propõe a substituição dos termos conceito e imagem acústica por significado e significante, em que se destaca o fato de que não há significado sem a contra parte significante e não há significante sem um significado. De uma só vez, Saussure constrói uma teoria do signo que se afasta da noção de representação, dando a entender que se trata de um conceito puramente linguístico.

Cunha (2008) também nos oferece algumas reflexões importantes, em especial porque a autora utiliza uma metáfora apresentada por Saussure nos ELG: a metáfora do balão no ar. A autora parte da noção de signo para tratar do valor linguístico, do sistema e do sujeito.

Assim como Milner (2003) já bem destaca, Cunha (2008) notabiliza que será com Saussure e sua famosa definição dicotômica de signo como sendo a união de um significante a um significado que as discussões em torno do signo serão baseadas em questões científicas específicas à teoria linguística, pois é Saussure quem emprega a palavra “signo” em duas acepções, a saber, como entidade linguística global, composta de uma face fonológica e outra conceitual e ainda como designando apenas a face fonológica desta entidade.

Segundo a autora, entretanto, afirmar que o signo é a união de um significante a um significado não revela de fato a natureza do signo, compreensão que para Saussure sempre foi fundamental. Cunha (2008) recorre aos ELG::

O signo, soma, sema, etc. Só se pode, verdadeiramente, dominar o signo, segui-lo como um balão no ar, com certeza de reavê-lo, depois de entender completamente a sua natureza, natureza dupla que não consiste nem no envoltório e também não no espírito, no ar hidrogênio que insufla e que nada valeria sem o envoltório. O balão é o sema e o envoltório o soma, mas isso está longe da concepção que diz que o envoltório é o signo, e o hidrogênio a significação, sendo que o balão, por sua vez, nada é. Ele é tudo para o aerosteiro, assim como o sema é tudo para o linguista. (ELG *apud* CUNHA, 2008, pp. 2-3).

No CLG, tratando de linguística diacrônica, Saussure afirma que “para fazer a história dos sons de uma palavra, pode-se ignorar-lhe o sentido, considerando apenas o invólucro material, e cortar frações fônicas sem perguntar se elas têm significação”. (p. 164)

Cunha (2008) nos diz que a metáfora do signo comparado a um balão no ar, reflete a preocupação de Saussure em identificar a natureza dupla do signo, rejeitando, como vimos acima, a noção de língua como uma nomenclatura. Como resposta a essa problemática, Saussure estabelece a arbitrariedade, que defende radicalmente a não naturalidade da união e da relação, que é sempre imotivada.

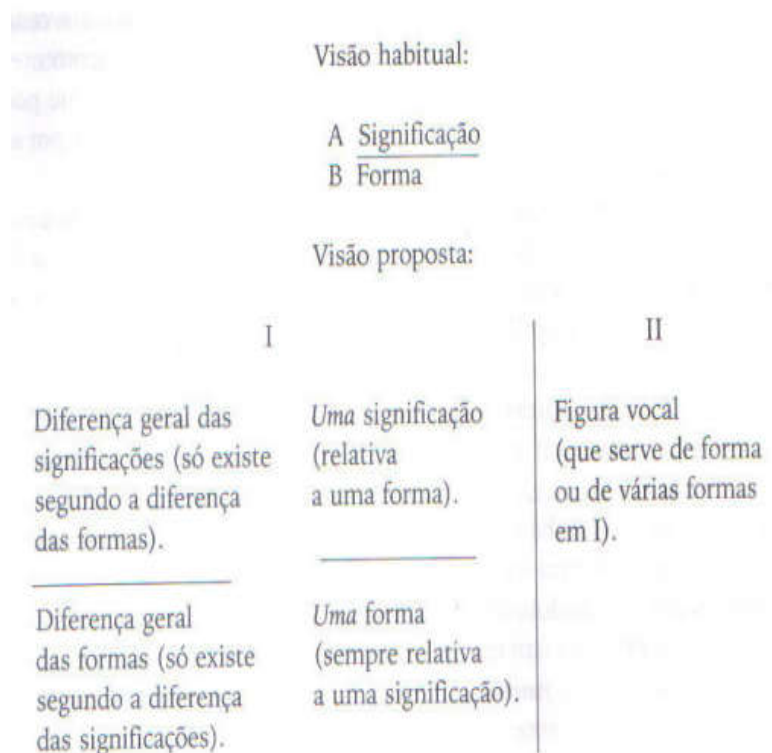
Ainda utilizando a metáfora do balão no ar, Cunha (2008) reitera que a diferença de um balão no ar e um balão em terra, é o fato de que em terra, o aerosteiro pode dissecá-lo, ao que Cunha (2008) conclui que para entender a relação entre significados e significantes é necessário dissecar o signo como um balão em terra. A questão é que em relação ao signo, devido ao princípio da arbitrariedade, a sua fisiologia, ou seu funcionamento, se confunde com sua anatomia, ou mais precisamente, o que ele é, já que é no funcionamento, no sistema, que se pode atribuir valor ao signo. Por isso, lembra a autora, a partir de Saussure:

Mas há, entretanto, o perigo de que um cadáver continua coisa organizada em sua anatomia, enquanto que, na palavra, anatomia e fisiologia se confundem por causa do princípio da convencionalidade. (ELG *apud* CUNHA, 2008, p. 5).

Para melhor compreender a natureza da relação e posteriormente argumentar sobre o que “coloca o balão no ar”, a autora faz referência aos ELG sobre a dupla essência da linguagem, que aqui estamos chamando de “figura visão habitual e visão proposta”, na qual a autora nos apresenta o seguinte gráfico retirado de Saussure (2002):

Supõe-se que existem termos duplos que comportam uma forma, um corpo, um ser fonético – e uma significação, uma idéia, um ser, uma coisa espiritual. Dizemos, antes de tudo, que a forma é a mesma coisa que a significação. E que esse ser é quádruplo.

Figura 4 - Visão habitual e Visão proposta



Fonte: ELG *apud* CUNHA, 2008, pp, 5-6.

Interessante notar que esse gráfico destacado pela autora, corrobora exatamente com a assunção de Milner (2003) de que a novidade de Saussure em relação ao signo é de negar qualquer noção de signo como representação de uma realidade, rompendo assim com o conceito estóico de signo e propondo a noção de diferença. Cunha (2008) nos alerta que a natureza dupla da linguagem não se refere apenas a dois termos, significação e forma, rompendo com a visão habitual. “Saussure, conhecido pelo desenho do signo, o coloca, mas apenas para negá-lo, para dizer que há algo distinto, som e sentido, mas não é apenas isso a natureza do signo.” (CUNHA, 2008, p. 6).

A autora continua argumentando que a natureza dupla da unidade linguística está baseada em quatro diferenças e não em quatro termos definidos. Rompendo

com a “visão habitual”, as unidades de Saussure não são a significação e a forma, não são positivas, mas só existem em virtude das diferenças que opõem umas as outras. Diz Cunha (2008, pp. 6-7):

O professor continua a usar a oposição significação e forma, mas nos diz que a unidade está na “diferença geral das significações”, sob “a diferença geral das formas”, sendo que cada unidade formada de “diferenças gerais” só existe “segundo a diferença” do seu oposto. Assim, a diferença geral das significações está para “uma significação (relativa a uma forma)”, e a diferença geral das formas está para “uma forma (sempre relativa a uma significação)”. Podemos perceber a unidade linguística de Saussure como relativa e diferencial. (Destaques da autora)

Cunha (2008), semelhantemente a Milner (2003) conclui que a novidade de Saussure não estava exatamente na teorização sobre o signo, visto que essa noção já existia antes do professor genebrino. A novidade de Saussure se apresenta exatamente na noção de valor, nas relações de diferenças relativas e negativas, de onde se pode concluir, afirma Cunha (2008) que o que se segue no ar, assim como o balão, não são os signos, mas os valores, uma vez que Saussure não teorizava sobre os signos, mas sobre os valores.

Dessa forma, como aponta a autora, o que coloca os signos no ar são os sujeitos falantes, na medida em que não existe uma anterioridade do signo. Esse só existe no momento em que é empregado no sistema pela massa falante; fora do uso não existe signo, mas apenas no momento de seu emprego, do corte, na sincronia. É a partir do corte que o signo se constitui a partir de quatro relações diferenciais. Os signos não existem sozinhos, mas apenas por meio da diferença. Daí a passagem da definição de língua como um sistema de signos, para um sistema de valores puros. Cunha (2008) conclui que as unidades empíricas da língua são os valores, que só abstratamente, podem ser lidos como signos.

Resumidamente, podemos elencar alguns pontos importantes da reflexão de Cunha (2008) em relação ao signo saussuriano:

- i. A noção de signo conduz às noções de valor e do sujeito falante;
- ii. A natureza dupla da linguagem está baseada em quatro diferenças e não em quatro termos definidos;
- iii. Saussure não teorizava sobre signos, mas sobre valores;

- iv. Fora do uso, o signo não existe, mas apenas no momento de seu emprego, no corte;
- v. O falante não percebe nem a forma nem a ideia, mas a relação;
- vi. A língua é um sistema de valores, por isso as unidades empíricas da língua são os valores que são lidos como signos;
- vii. Os valores só existem baseados na consciência do sujeito falante, é esse sujeito que coloca o balão no ar.

Toda essa apresentação da teorização saussuriana nos levar a algumas considerações interessantes. Ao falar de linearidade, como a colocou Saussure, não se pode entendê-la apenas como a impossibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Embora essa característica se apresente como uma consequência empírica, a noção de linearidade nos remete ao conceito de cadeia, conceito esse que, por sua vez, leva-nos ao reconhecimento de que a língua em Saussure só pode ser pensada em relação ao funcionamento dos dois eixos: sintagmático e associativo, na ordem da sincronia, porque pressupõe uma relação baseada em valores.

A mudança no conceito de língua que leva Saussure a defini-la não mais como um “sistema de signos” relacionando a linearidade ao significante, mas como um “sistema de valores puros” que nos permite associar a linearidade à própria noção de língua. Percebemos assim, como a noção de signo não comporta a noção de item considerado isoladamente, mas apenas na relação através dos eixos que “geram ordens de sentido”.

Dissemos que Milner (1989) assume ser Chomsky o linguista que permite a linguística chegar ao lugar de ciência galileana. Isso se deve porque segundo Milner é Chomsky quem reconhece os Paradoxos Posicionais, posição também assumida por Negrão (2007). Entendemos que isso decorre da distinção do que se tem em Chomsky por item lexical e em Saussure por signo. Enquanto que para Chomsky o item lexical é composto por traços, considerados atômicos e atribuindo a esses traços uma positividade, ou uma anterioridade, Saussure elabora uma teorização baseada em signos que não preexistem ao corte sincrônico, no qual nenhuma positividade pode ser atribuída, uma vez que os signos são relativos e diferenciais,

por comportar valor. Vejamos a seguir como o conceito de língua e item lexical em Chomsky, permite a ele sua virada histórica.

2.3 A Língua para Chomsky: breve percurso histórico de *Syntactic Structure* ao Programa Minimalista

Ferrari Neto (2012) afirma que, na década de 1950, Chomsky rompe com visão estruturalista segundo a qual a linguagem humana é socialmente constituída, adquirida e compartilhada. O autor destaca que, em detrimento à visão externalista do estruturalismo do início do século XX, Chomsky apresenta uma nova visão, internalista, ou ainda, mentalista, pois defende que a linguagem é uma propriedade da mente humana.

Dessa forma, de acordo ainda com Ferrari Neto (2012), o interesse de Chomsky está no conhecimento que todo falante tem que o torna capaz de reconhecer e produzir sentenças de sua língua. O objetivo da teoria linguística de acordo com a visão mentalista é tornar esse conhecimento explícito.

Ferrari Neto (2012) continua dizendo que ao longo da história do gerativismo esse conhecimento foi recebendo várias denominações:

Inicialmente, chamou-se a ele *competência linguística*, referindo-se ao conhecimento tácito que um falante possui sobre sua própria língua [...] posteriormente, o conhecimento de um falante sobre sua língua foi definido em termos de *língua-I*. Com esse termo, Chomsky faz alusão ao fato de que, ao estudarmos a competência linguística, estamos, em realidade, estudando um sistema cognitivo interno, individual e intencional [...] É a esse conhecimento que Chomsky chama de língua-I. (FERRARI NETO, 2012, pp. 14-15).

Interessante destacar com Ferrari Neto (2012) o conceito de *língua* na teoria Chomskyana, como aquilo que “se refere a um determinado sistema de conhecimentos linguísticos radicados na mente”. (2012, p. 15), ou seja, a língua-I. Antes de continuarmos, gostaríamos de ressaltar que para os objetivos desta tese, faz-se importante retomar alguns momentos relativos à Gramática Gerativa.

Ressaltamos que não temos a intenção de fazer um balanço histórico/cronológico da teoria, mas entender de que forma algumas mudanças tocam diretamente o conceito de léxico e, conseqüentemente, o item lexical, enquanto seu papel dentro do modelo. Para tanto nos apoiaremos em Borges Neto (2009), que faz um balanço histórico muito peculiar do empreendimento gerativo.

A Gramática Gerativa se apresenta como uma “teoria autorreformativa” no sentido popperiano. A teoria busca articular mais coerentemente, questões técnicas dentro do modelo, de forma que, embora os princípios basilares permaneçam intactos – Gramática Universal, Faculdade da Linguagem – Inatismo – há, desde seu início, mudanças que pretendem otimizar o poder explicativo da teoria.

A própria concepção de ciência adotada pela teoria permite que essas mudanças aconteçam de forma que não estamos falando em contradições, muito pelo contrário, mas de buscar ser o mais coerente possível com seus pressupostos. A mudança que nos interessa particularmente é a que se refere ao status do léxico no PM.

A seguir, continuamos a perpassar a noção de língua na teoria chomskyana com todas as suas implicações, destacando brevemente as mudanças ocorridas no modelo chomskyano, desde *Syntactic Structure* (1957) para então chegar ao PM (1995).

Como destaca Borges Neto (2009), *Syntactic Structure* (1957) é reconhecida como a obra de Noam Chomsky que dá início a sua teoria conhecida como Gramática Gerativa, embora, segundo Borges Neto (2009), afirme o próprio Chomsky que *Syntactic Structure*, não reflete exatamente seu pensamento linguístico da época.

Esse primeiro período daquilo que viria se consolidar como a Gramática Gerativa ficou conhecido como “teoria de *Syntactic Structure*” (BORGES NETO, 2009, p. 99). Borges Neto afirma que a melhor maneira de compreender as ideias iniciais de Chomsky é fazendo um contraponto com as ideias estruturalistas de Bloomfield, destacando que as propostas de Chomsky apresentadas em *Syntactic Structure* apresentava divergências importantes em relação ao estruturalismo bloomfieldiano.

O autor nos diz que o objeto de estudo dos estruturalistas era a língua compreendida como a “totalidade dos enunciados que podem ser feitos numa comunidade linguística” (BLOOMFIELD, 1926, p. 47, apud, BORGES NETO, 2009, p. 99), de forma que a tarefa do linguista era descrever essa língua a partir da coleta de um corpus descrito detalhadamente. Chomsky, por sua vez, observa aquilo que

chamou de “a capacidade que os falantes têm de produzir exatamente os enunciados que podem ser feitos” (BORGES NETO, 2009, p.99).

Para Chomsky, é o conhecimento da língua compartilhado pela comunidade linguística que precisa ser descrito e explicado pela teoria linguística. O corpus coletado pelos estruturalistas seria apenas resultado desse conhecimento inato, sendo assim, deveriam deixar de ser “o ponto de partida da teoria linguística para ser o seu ponto de chegada” (BORGES NETO, 2009, p. 99).

A criatividade linguística, para Chomsky, passa a ser uma evidência deste conhecimento inato, uma vez que, segundo ele, os falantes apresentam uma capacidade de produzir e compreender dados de sua língua particular sem nunca terem sido expostos a eles, o que para Borges Neto (2009), já delineava um objeto psicológico para os estudos linguísticos.

No prefácio de “Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem” (1992), Raposo afirma que

Tal como para Saussure o conceito de “langue” é a pedra central da linguagem, para Chomsky a “faculdade da linguagem” tem como componente central um sistema mental de natureza computacional, o qual gera de um modo explícito representações mentais através da aplicação de um conjunto de regras e princípios altamente específicos sobre sequências de símbolos devidamente categorizados pertencentes a um vocabulário de formas primitivas [...] A este sistema computacional existente na mente de qualquer falante adulto de uma dada língua damos o nome de “gramática”. (RAPOSO, 1992, p. 15).

Borges Neto (2009) ainda destaca que outra divergência entre os estruturalistas e Chomsky, é que o objetivo dos estruturalistas era apenas descrever uma dada língua, enquanto que a preocupação primordial de Chomsky era explicar o conhecimento de uma determinada língua, ou seja, os fenômenos deveriam ser deduzidos de princípios gerais, o que faz Chomsky adotar um modelo de ciência hipotético-dedutivo.

Borges Neto (2009) afirma que é daí, que para Chomsky, surge a divisão das tarefas da linguística em dois grandes grupos: a construção de uma gramática para as línguas particulares, mas também, a construção de princípios para a capacidade de linguagem, ou seja, os universais.

O autor notabiliza que em *Syntactic Structures*, Chomsky propõe uma análise baseada na gramática de constituintes imediatos acrescida de um componente transformacional. Uma gramática deve conter um componente central e autônomo,

ou seja, a sintaxe, sem nenhuma relação com a estrutura lexical. A sintaxe contém um conjunto de regras sintagmáticas que geram para as frases de uma língua descrições estruturais chamadas de indicadores sintagmáticos. Percebemos que o léxico apresenta importância secundária, com função apenas de preencher posições numa estrutura inata prévia.

Assim, Chomsky afirma ainda que seu objeto de estudo “é a língua como um instrumento ou ferramenta, tentando descrever sua estrutura sem qualquer referência explícita à forma como esse instrumento é **colocado em uso**”. (CHOMSKY, 1957, p.15, grifo nosso).

Faz-se importante destacar neste momento que, embora tenhamos dito que ao elaborar uma epistemologia que buscava ultrapassar a comparação de línguas particulares para estudar a estrutura geral da língua poderíamos encontrar uma semelhança entre os objetivos de Chomsky e Saussure, o entendimento de Chomsky de que a língua é um instrumento ou uma ferramenta apresenta um afastamento importante entre esses dois autores.

Além disso, o fato de que Chomsky descreve a estrutura da língua sem referência ao uso, também apresenta um distanciamento teórico importante, pois mesmo que a fala em Saussure não possa ser entendida apenas como a língua posta em uso, não há como separar o papel da fala no sistema da língua, inclusive no processo de mudança, no qual Saussure afirma, como vimos, que é pela fala que a mudança se torna possível, por isso podemos dizer que em Saussure a fala é fundante para se pensar o conceito de língua.

Retornando aos momentos históricos da Gramática Gerativa, Brito (1998) afirma que as fraquezas do modelo de *Syntactic Structures* eram muitas e por isso, em 1965, Chomsky publica “*Aspects of the theory of syntax*”, Borges Neto (2009) afirma que essa obra é uma grande síntese das mudanças acontecidas desde *Syntactic Structures*.

Brito (1998) destaca que é em “*Aspects*” que Chomsky introduz a teoria das dependências contextuais, na qual a centralidade da sintaxe se mantém, mas são introduzidas dois tipos de regras sintagmáticas: as regras independentes do contexto e as regras lexicais. As entradas lexicais já fazem referência aos traços de subcategorização e de seleção, embora a teoria ainda não disponha de princípios gerais sobre a articulação entre o léxico e a sintaxe, conforme a autora enfatiza.

Borges Neto (2009) destaca que é nesse período conhecido como “teoria-padrão” que surge o inatismo como hipótese de trabalho com o aparecimento do “language acquisition device” (LAD), desenvolvendo muitas pesquisas em aquisição de linguagem, e que ainda, desenvolvem-se “teorias auxiliares poderosas” (p. 111) que permitiram um melhor desempenho dos poderes descritivos e explicativos da teoria. Diz o autor:

o léxico passa a ser relevante e recebe uma primeira formulação teórica consistente; surge a noção de “estrutura profunda”, que teve como consequência maior a preocupação com a semântica. (BORGES NETO, 2009, p. 111).

No prefácio à tradução portuguesa de “O conhecimento da língua. Sua natureza, origem e uso”, de Gonçalves e Alves (1994), as autoras afirmam que a teoria-padrão apresentada em “Aspects” surge como resposta à pergunta: “qual a natureza do conhecimento da língua?” (p. x). As autoras corroboram que:

Na teoria padrão, a forma da gramática complexifica-se, passando a incluir como subsistemas o léxico e a componente semântica; do ponto de vista formal, atribui-se a propriedade da recursividade à parte sintagmática da componente sintática, abandona-se o conceito de frase nuclear e de transformação generalizada e introduz-se o conceito de símbolo complexo (Ou seja, de símbolo constituído por um complexo de traços) as transformações deixam de ser encaradas como operações que atuam sobre frases nucleares e originam frases derivadas para serem definidas como operações que projetam representações sintáticas subjacentes noutras representações sintáticas. (GONÇALVES & ALVES, 1994, p. xi).

Silva Filho (2012) nos lembra de que é ainda nesse período da teoria padrão de “Aspects” que se inicia a busca pela resposta a questões de como se desenvolve esse conhecimento com vistas a dar conta do que foi chamado posteriormente de adequação explicativa. Gonçalves & Alves (1994) afirmam que a resposta a essa questão é o mecanismo de aquisição da linguagem, que a partir da faculdade da linguagem permite a aquisição de uma língua a qual o falante é exposto.

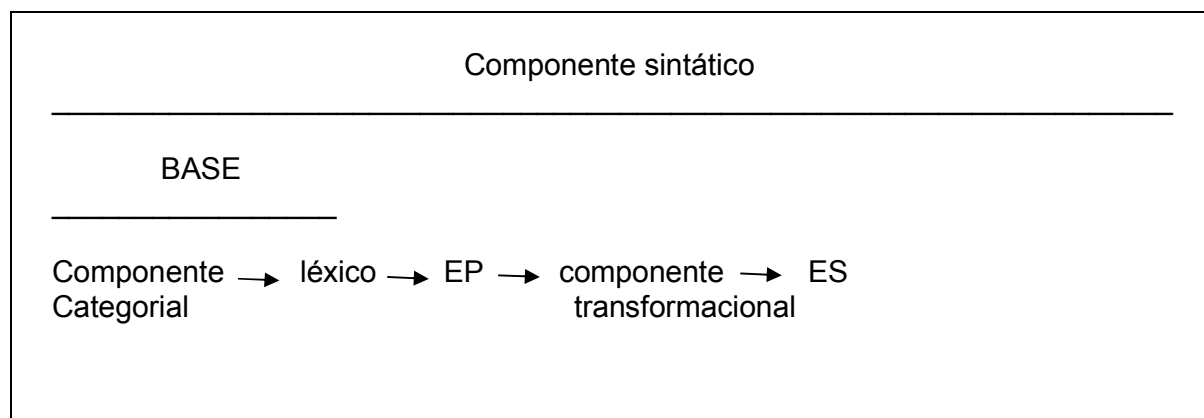
Como destaca Borges Neto (2009), na teoria padrão, a forma da gramática era organizada em três grandes componentes: um sintático, que gera representações e dois componentes interpretativos, a saber, o semântico e o fonológico. O autor resume o processo de formação de sentenças na teoria padrão da seguinte forma:

O processo de geração de sentenças se inicia no componente sintático que tem a seguinte estrutura interna: um subcomponente de

base (ou simplesmente BASE), que é responsável pela geração de *estruturas profundas* (EP) e um subcomponente transformacional, que converte as EPs em *estruturas superficiais* (ES). O subcomponente de base contém (1) um conjunto de regras de reescritura (chamado, por vezes, de componente categorial) que, aplicadas ao axioma inicial S, gera estruturas em árvores “etiquetadas” com símbolos de categorias cujos nós terminais não são preenchidos; e (2) um léxico, que insere os itens lexicais nos nós terminais das árvores. A entrada (*input*) da BASE é o axioma S e a saída (*output*) são as estruturas profundas. O componente transformacional recebe as estruturas profundas, como entrada, e, por meio de regras transformacionais, converte-as em estruturas superficiais. (BORGES NETO, 2009, p. 111-112, destaques do autor).

Como se percebe, o léxico ainda apresenta função secundária, uma vez que seu papel é preencher as posições pré-estabelecidas nos nós terminais. Segundo o autor, o esquema que representa essa explicação seria:

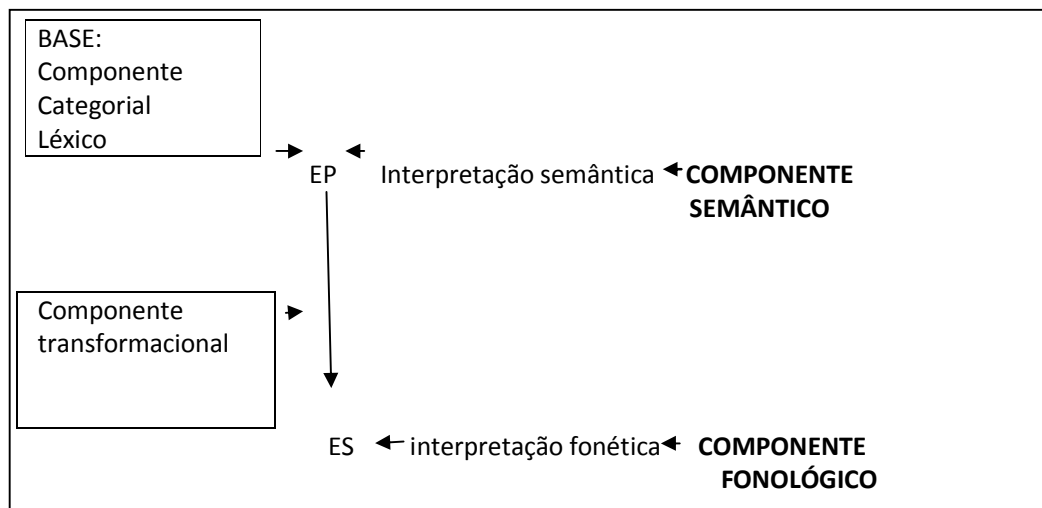
Figura 5 - Componente Sintático I



Fonte: BORGES NETO (2009, p.112)

Assim, enquanto que o componente sintático tem a função de gerar pares ordenados, ou seja, estruturas profundas e estruturas superficiais, os dois componentes interpretativos semântico e fonológico associam, respectivamente, uma interpretação semântica às estruturas profundas e uma interpretação fonológica às estruturas superficiais. Segundo o autor, o esquema agora se completa assim:

Figura 6 - Componente Sintático II



Fonte: BORGES NETO (2009, p. 112)

Borges Neto (2009) destaca que, embora aparentemente a teoria padrão tenha alcançado um bom modelo de análise linguística, no fim da década de 1965 começam a aparecer duras críticas internas à linguística de Chomsky, como por exemplo, o grau de abstração das estruturas linguísticas subjacentes, a distância entre as estruturas profundas e superficiais e ainda entre as estruturas profundas e as representações semânticas.

Em 1967, Chomsky responde às críticas fazendo surgir um novo momento de sua teoria conhecido como “Teoria padrão estendida”, na qual aparece a teoria X-Barra. É aqui também que Chomsky adota a hipótese lexicalista redistribuindo o trabalho entre o léxico e a componente transformacional. Mudança importante, uma vez que agora, os itens lexicais são entendidos como feixes de traços e muitos dos fenômenos que eram tratados por meio de transformações passam a ser entendidos a partir das relações lexicais. Foi possível assim, restringir o poder descritivo das regras transformacionais para aumentar o poder explicativo da teoria.

O alcance do poder explicativo da teoria foi possível através da simplificação e diminuição das transformações, conforme afirmam Gonçalves & Alves (1994), que foram reduzidas a operações de movimento de constituintes: Movimento de SN e Movimentos-Q. relativamente à redução das regras transformacionais, Borges Neto

(2009) ainda nos diz que se a regra de deslocamento de SN pareceu ser uma boa saída, por outro, obtém-se uma regra tão geral que qualquer SN pode ser movido de qualquer lugar para qualquer lugar. A solução de Chomsky é restringir ainda mais o componente transformacional a apenas uma regra, a regra de MOVA ALFA.

Aparecem então outras teorias auxiliares, além da teoria X-Barra já existente. A teoria dos vestígios, por exemplo, determina que todo elemento movido deixe em seu lugar um vestígio que funciona como elemento pleno para regras sintáticas. (CHOMSKY, 1976). A teoria do Caso, por sua vez, determina que todo SN realizado morfologicamente seja marcado com um Caso. Um SN gerado em uma posição que não possa receber Caso deve ser movido para uma posição em que possa recebê-lo. Resumidamente, a teoria dos vestígios estabelece que o número de locais para onde os elementos movidos podem ir, enquanto que a teoria do Caso obriga movimentos determinados.

Gonçalves e Alves (1994) destacam que a teoria padrão estendido prepara o caminho para o que Chomsky chamou em “O conhecimento da língua”, de Modelo de Princípios e Parâmetros (P&P). Nesse novo modelo também chamado de “teoria da regência e ligação”, a Faculdade da Linguagem é altamente específica contendo basicamente princípios universais rígidos e invariáveis e, ainda, princípios abertos a fixar, chamados de parâmetros. A partir de agora, passamos a apresentar o modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) conforme nos apresenta Raposo (1999) em sua apresentação á tradução portuguesa do Programa Minimalista de Chomsky (1995).

Raposo (1999) começa destacando que em P&P a abordagem é individualista, no sentido de que não se objetiva estudar “o português” ou o “inglês”, mas os aspectos relacionados à linguagem na mente dos indivíduos. Esse aspecto relacionado especificamente à linguagem é chamado de Faculdade da Linguagem, como vimos acima. Segundo P&P, quando uma criança nasce, sua FL encontra-se no estado inicial que é uniforme para toda a espécie humana e apresenta uma componente cognitiva, um tipo de conhecimento sobre sons, significados e organização estrutural. Ao estado inicial da FL, denomina-se Gramática Universal (GU).

Expostas aos dados linguísticos de determinada língua particular, o estado inicial da FL, atinge o estado estável, chegando, portanto, a uma Língua-I, entendida como uma língua interiorizada, intencional. Embora parte da Língua-I de um

indivíduo seja determinada pelo ambiente linguístico, esse conhecimento também é determinado por princípios comuns a toda espécie humana.

Segundo Raposo (1999) a Língua-I é entendida como um sistema cognitivo incorporado no estado final da FL, que apresenta dois componentes básicos: um léxico e um sistema de princípios que operam sobre os itens do léxico e sobre as expressões formadas a partir desses itens. A esse sistema de princípios, Chomsky denomina de Sistema Computacional da Linguagem Humana (C_{HL}).

A Língua-I gera expressões complexas articuladas nos níveis de representação linguísticas chamadas de descrições estruturais, cada uma dessas descrições, em P&P, é um conjunto de quatro níveis de representação. São eles: Estrutura Profunda, Estrutura Superficial, Forma Fonética e Forma Lógica.

Como ainda destaca raposo (1999), a Estrutura profunda é uma representação sintática das propriedades dos itens do léxico, ou seja, subcategorização e seleção semântica, uma interface entre a derivação e o léxico. A Forma Fonética por sua vez, é gerada pela componente fonológica a partir das propriedades fonológicas dos itens lexicais servindo de interface com os sistemas articulatório-perceptuais.

Essas propriedades semânticas servem de interface com o sistema conceitual-intencional, ou seja, os sistemas de pensamento que usam e interpretam a linguagem. A Estrutura Superficial é um nível de representação entre a Estrutura Profunda e a Forma Lógica que leva a derivação até Forma Fonética. Assim, a sintaxe visível acontece nas operações aplicadas entre Estrutura profunda e Estrutura Superficial e a sintaxe não-visível acontece nas operações entre a estrutura Superficial e Forma Lógica e já não tem mais reflexo fonético. (RAPOSO, 1999).

Na tradução portuguesa de “The Minimalist Program” de Chomsky (1995), publicada por Raposo (1999), o autor nos traz uma bela apresentação de “algumas ideia chaves” do que se chamou de Programa Minimalista. Raposo (1999) nos diz que, baseado ainda em P&P, o PM possui duas vertentes, uma teórica e uma vertente metodológica.

Em relação à primeira, Raposo (1999) afirma que esta se baseia numa filosofia particular da mente e de suas relações com a linguagem humana, enquanto que a segunda vertente diz respeito a uma disciplina conceitual estrita (p. 23).

Destaca o autor ainda, que, em suas duas vertentes o PM apresenta o mesmo objetivo: remover do modelo aquilo que não é estritamente necessário, quer do ponto de vista da inserção da linguagem na mente e dos seus mecanismos internos quer do ponto de vista da “parcimônia” do próprio modelo. (RAPOSO, 1999, p. 23).

Como afirma Chomsky (1999)¹⁸ o PM defende que as línguas humanas são formadas por duas componentes: o léxico e um sistema computacional. Segundo o autor, é o léxico que especifica os itens que participarão das operações do sistema computacional, léxico esse que apresenta propriedades idiossincráticas. O sistema computacional, por sua vez, de acordo com esse modelo, usa os itens do léxico para gerar expressões de uma língua.

Continuando com suas “considerações gerais” de “um modelo minimalista para a teoria linguística”, Chomsky afirma que há apenas dois níveis de representação para as interfaces: o nível de representação Forma Fonética – (FF) que se relaciona com o nível de interface Articulatorio-Perceptual (A-P) e o nível Forma Lógica (FL) que atua como interface com o sistema Conceitual-Intencional (C-I), o que significa que, de acordo com o PM, não há mais os níveis Estrutura-D e estrutura-S.

De acordo com Chomsky (1995, p. 243), pode-se dizer que uma língua, ou Língua-I mais especificamente, é concebida como um procedimento gerativo que gera descrições estruturais (DE), que são expressões de uma língua, e que cada língua determina pares $(\pi;\lambda)$, em que π é a representação que corresponde à Forma Fonética (PF) e λ a representação correspondente à Forma Lógica (LF). Os pares $(\pi;\lambda)$ são interpretados nas interfaces A-P e C-I como comandos para sistemas de performance. Chomsky (1995) continua a dizer que “a teoria de uma língua particular é sua gramática e que a teoria das línguas e das expressões que essas línguas geram é a *Gramática Universal*” (p. 243, grifos do autor). É a partir das escolhas dos itens do léxico pela Numeração e uma computação que se constrói o par de representações para a interface.

Resumindo com Ferrari Neto (2012), temos o seguinte:

¹⁸ Estamos nos referindo à tradução de Eduardo Raposo (1999).

Para produzir essas representações, a Faculdade de Linguagem conta com um sistema computacional linguístico, constituído de um conjunto de operações que atua recursivamente sobre um conjunto de unidades atômicas com propriedades especificadas. Dentre as operações desse sistema computacional estão *Merge* (Concatenar), *Move* (Mover), *Copy* (Copiar), *Agree* (Concordar), *Select* (Selecionar), etc. Os elementos atômicos são definidos em termos de *traços* e estão armazenados em um componente denominado *Léxico*. Portanto, a Faculdade de Linguagem opera em um conjunto de operações recursivas sobre traços estocados no Léxico, gerando representações para cada nível de interface, C-I e A-P – é a chamada *derivação*, que ocorre respeitando restrições de processamento e de memória, o que está na base da noção de fase. O Minimalismo sugere o conceito de *Spell-out* para nomear o ponto da derivação em que as respectivas representações se separam e se seguem para os níveis de interface correspondentes.

Como podemos perceber o Léxico passa a ter um papel fundamental no modelo, pois é ele que a função de alimentar a Numeração, que por sua vez alimenta o C_{HL} para formação de estruturas sintáticas que, por sua vez, devem alimentar os sistemas A-P e C-I, por intermédio dos sistemas de interface FF e FL. Diante disso, passamos, a seguir, a uma apresentação específica das propriedades do Léxico no PM.

2.4 O Léxico no Programa Minimalista

Chomsky (1995, p.70) afirma que “uma pessoa que possui uma língua tem acesso a uma informação detalhada sobre as palavras dessa língua.” O autor continua afirmando que o léxico é o repositório de todas as propriedades idiossincráticas dos itens lexicais.

As propriedades dos itens lexicais que compõem o Léxico incluem representações de características fonológicas, especificação sintática e, ainda, características semânticas. Para tratar dessas questões, a partir de agora, apoiamos-nos no texto de Eduardo Kennedy “Léxico e computações Lexicais”.

Assim, buscaremos abordar conceitos como o de “item lexical” e “traço lexical” a partir de texto de Kennedy (2012)¹⁹ para podermos traçar uma linha de comparação entre as possibilidades de distanciamento ou aproximação deste

¹⁹ Decidimos por utilizar o texto de Kennedy (2012) por considerarmos que o autor, além de ser um sintaticista chomskyano importante, faz, nesse texto, uma descrição muito peculiar do Léxico no PM, correspondendo assim aos nossos interesses neste momento de nossa tese.

conceito ao conceito de signo saussuriano a partir do PM para então chegarmos aos conceitos de linearidade e hierarquia.

Chomsky ressalta que os valores contidos no léxico, ainda que arbitrariamente selecionados, encontram-se dispostos de maneira sistemática²⁰, permitindo assim, a sua aquisição pelos indivíduos e ainda seu acesso e uso pelo C_{HL} . Um dos objetivos de se estudar o léxico, então, desse ponto de vista, é entender como suas informações estão organizadas e como elas são acessadas e usadas pelo C_{HL} .

Kenedy (2012), a partir de Chomsky (1995) destaca que são chamados de traços²¹, os valores e as informações que se encontram codificadas no léxico de uma língua. Dessa forma, cada item do léxico é um composto de traços que são acessados pelo C_{HL} , sendo esses de três tipos: semânticos, fonológicos e formais.

O autor nos esclarece que os traços semânticos estabelecem relações entre a língua e o sistema conceitual-intencional, pois são eles que tornam expressões linguísticas interpretáveis, assumindo certo significado e dado valor referencial no discurso. Kenedy (2012) continua sua explicação afirmando, a partir de Chomsky (1995) que os traços fonológicos são responsáveis pelas relações entre a língua e o sistema A-P, permitindo o uso dos itens lexicais pelo sistema sensório-motor humano, assumindo, assim, certa articulação e certa percepção física.

Kenedy (2012), destaca que, além daquilo que aprendemos no com Saussure no Curso de Linguística Geral, o Léxico é composto também por traços formais. Esses traços codificam informações que o C_{HL} acessa e usa para prover as interfaces linguísticas com sentenças. Prossegue o autor afirmando que são os traços formais guiam o C_{HL} concernente aos procedimentos sintáticos que um dado item lexical deve manter com outros itens lexicais dentro da sentença a ser inserido.

Kenedy (2012) corrobora que são exatamente os traços formais, que segundo a teoria, são responsáveis por instruir o C_{HL} a atribuir uma posição linear na

²⁰ Sistemática, no sentido de que, empiricamente percebemos que todos os indivíduos conseguem adquirir uma língua, conseguindo “cristalizar” sons e significados que são compartilhados por outros indivíduos, o que torna a comunicação possível, por exemplo.

²¹ Features, no inglês.

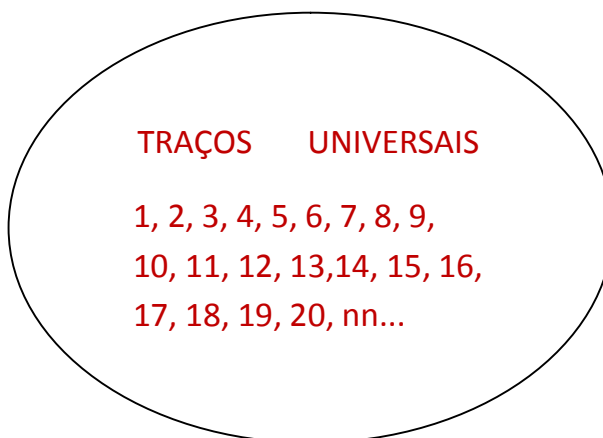
sentença a certo item do léxico²², a estabelecer um conjunto de relações sintáticas e semânticas entre esse item e outros com os quais ele deva ser vinculado numa expressão linguística e ainda associar os marcadores morfossintáticos como gênero, número, tempo, modo, aspecto, Caso etc, aos itens que obrigatoriamente devem receber essas marcas.

A categoria gramatical é um dos traços mais evidentes que compõe um item lexical, isso porque um item selecionado na Numeração apresenta informações sobre sua categoria (o que a gramática tradicional chama de classe de palavras), dentre aquelas existentes na língua, que torna o falante capaz de saber se se trata de uma categorial verbal (+V-N), ou de uma categorial nominal (-V+N) etc. São a esses traços a que a que o C_{HL} tem acesso.

2.4.1 O Constituinte

Uma das mais importantes noções trazidas com o advento do PM é que as línguas naturais apresentam propriedades universais chamadas TRAÇOS, como dissemos acima. Dessa forma, como destacam Sedrins e Sibaldo (2012), existiria uma espécie de banco de traços universais, do qual as línguas retirariam seus traços idiossincráticos para se constituir como uma língua particular, podendo duas ou mais línguas particulares apresentarem um mesmo traço. Assim teríamos:

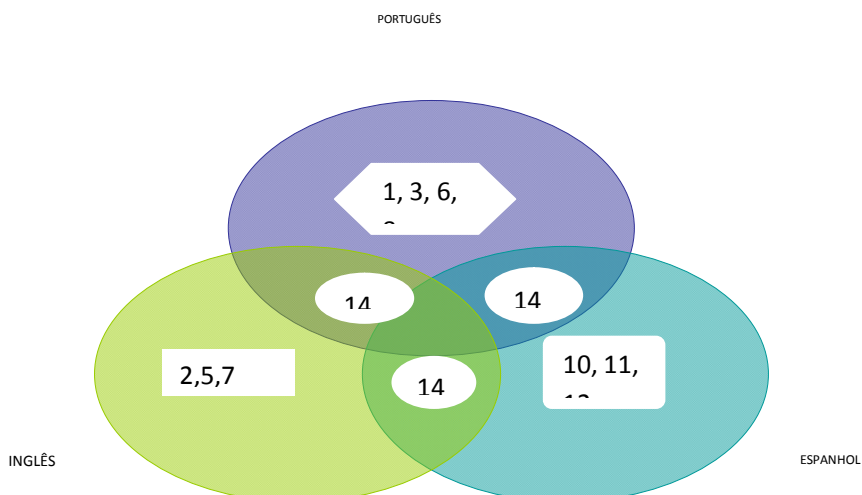
Figura 7 - Traços universais



²² Quando falamos de “item do léxico” não estamos nos referindo a uma “palavra”. Entendemos que a teoria chomksyana adota como princípio de análise a categoria sintagmática.

Fonte: Autor desta tese, 2018

Figura 8 - Traços de línguas particulares



Fonte: Autor desta tese, 2018

A figura 6 representa exatamente o conjunto em que se apresentam todos os traços universais dos quais as línguas particulares se valem para retirar aqueles que farão parte dos seus traços particulares. A figura 7 nos mostra que línguas como Português, Inglês e Espanhol, embora “escolham” seus traços particulares, podem compartilhar traços iguais, representados pela intersecção entre os três conjuntos.

Poderíamos dizer então, em relação ao Português e ao Inglês que o “Traço 1” seria a característica de uma língua de possuir sujeito realizado foneticamente em todas as sentenças e que o “Traço 2” seria a característica que uma língua possui de a marca morfológica de número aparecer no determinante. Nesses casos diríamos que o Inglês apresenta o “Traço 1” e o Português o “Traço 2”:

(1) It rains.

(2) A menina/ As meninas

Esses traços seriam selecionados em fase de aquisição de acordo com as propriedades morfossintáticas da língua que se está adquirindo. Como vimos, esses traços são de natureza diversa, fonológicos, semânticos, formais, conforme também destaca Sedrins e Sibaldo (2012).

O item lexical então é a combinação de um conjunto de traços atômicos mais ou menos como entendeu Milner (1989) ao definir átomo linguístico. Desse modo, podemos dizer que a categoria lexical V apresenta um traço [+verbal] e um traço [-nominal]; ao contrário, uma categoria lexical N teria um traço [-verbal] e [+nominal].

São esses itens lexicais que são combinados para formar elementos maiores, os constituintes. Segundo a teoria, a noção de constituinte é importante, uma vez que na análise, não se desmembram as sentenças em palavras ou itens, mas em constituintes sintagmáticos, que são construídos a partir de um núcleo. Assim, os itens lexicais não são simplesmente arranjados um após outro numa estrutura linear, mas são organizados hierarquicamente. Para exemplificar essa afirmação, observemos os seguintes exemplos, retirados de Sedrins e Sibaldo (2012, p. 74):

- (3) O secretário decidiu enviar uma lista de médicos para examinar o paciente em 9 de fevereiro.

A ambiguidade, conforme analisam os autores, dá-se de três formas: i) a expressão sublinhada (o PP na linguagem mais técnica) pode denotar a data da decisão do secretário; ii) a data de envio da lista dos médicos e; iii) a data de exame. Essas três possibilidades se dá devido às relações estruturais, ou seja, a sua sintaxe, de forma que as diferentes interpretações depreendem-se da forma como a sentença está organizada.

2.4.2 A Teoria X-Barra

Sedrins e Sibaldo (2012) afirmam que a constatação de que o modelo da Teoria Padrão difundida por *Aspects* (CHOMSKY, 1965) era muito redundante na medida em que apresentava regras frasais livres de contexto, como no caso em que uma sentença (S) era expandida em um Sintagma Nominal (NP) e um Sintagma

Verbal (VP) enquanto que VP era expandido em V e NP, e, NP em um determinante e um nome, conforme vemos na ilustração²³;

i) $S \rightarrow NP VP$

ii) $VP \rightarrow V NP$

iii) $NP \rightarrow Det N$

Em um breve relato histórico, os autores notabilizam que, neste modelo, os constituintes das sentenças eram representados em árvores sintáticas, em que, inicialmente, as regras transformacionais geravam estruturas sem nenhum item lexical inserido nos nós terminais, representados pela letra “e” do inglês “empty” (categoria vazia). Assim após a geração das estruturas, os itens lexicais eram introduzidos por inserção lexical, o que tornavam as regras transformacionais muito pesadas para a teoria, conforme ainda destacam os autores.

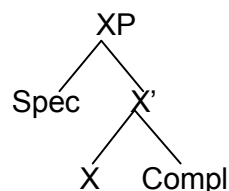
Sedrins e Sibaldo (2012) destacam que, como solução para diminuir o peso das transformações, é introduzida a Teoria X-Barra, retirando a redundância dos dois processos do modelo anterior. Agora as sentenças são formadas a partir da projeção de uma estrutura argumental existente no núcleo. Assim as regras particulares não são mais necessárias.

Os autores nos relatam que a partir de 1986, Chomsky vai afirmar que a Teoria X-Barra apresenta a ideia de que as categorias sintagmáticas apresentam uma estrutura com três níveis hierárquicos: o núcleo (nível mínimo), o núcleo e seu complemento (nível intermediário) e o nível projeção máxima (nível intermediário mais o especificador). Os autores apresentam o esquema abaixo²⁴, que seria universal entre todas as línguas:

(4)

²³ Adaptada de Sedrins e Sibaldo (2012, p. 75)

²⁴ Sibaldo e Sedrins (2012, p. 77)



São três os princípios da Teoria X-Barra:

- 1) Endocentricidade: um núcleo lexical principal projeta um sintagma de mesma categoria;
- 2) Ramificação binária: todo nó só ramifica dois galhos;
- 3) Maximidade: toda categoria projeta um sintagma.

Sedrins e Sibaldo (2012) afirma que esses princípios restringem significativamente os tipos de categorias sintagmáticas possíveis nas línguas naturais. As categorias são lexicais e funcionais, ambas estruturadas a partir do modelo apresentado pela Teoria X-Barra. As categorias lexicais são aquelas que fazem restrição semântica sobre seus argumentos, o que a teoria denomina de s-seleção. As categorias funcionais, por sua vez, restringem o tipo de categoria que serve como seu complemento, o que é chamado de c-seleção.

As categorias lexicais são definidas a partir da combinação de traços V e N com valores binários [+] ou [-], como observamos em (5):

(5)

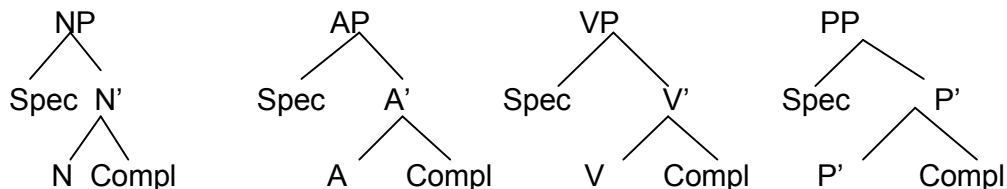
Figura 9 - Categorias lexicais

	[+ N]	[-N]
[-V]	Nome	preposição
[+V]	Adjetivo	verbo

Fonte: Kenedy (2012, p. 40)

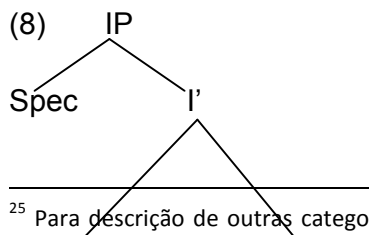
Alocando essas categorias dentro do esquema da Teoria X-Barra, temos as seguintes configurações:

(6)

Figura 10 - Esquema X'**Fonte: Sedrins e Sibaldo (2012, p.79)**

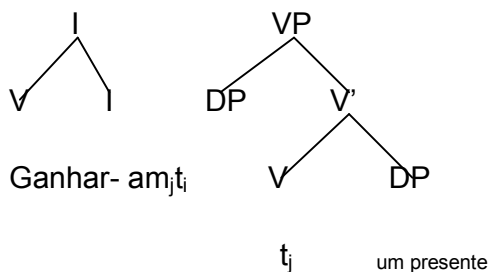
As categorias funcionais, por outro lado, somente c-selecionam as categorias com as quais elas podem ser concatenadas. Por se tratar de uma apresentação breve, daremos um exemplo para que fique mais claro. Apresentaremos apenas a categoria funcional²⁵ (do inglês Inflectional (flexão)) que encabeça o sintagma flexional (IP – Inflectional Phrase). Vale ressaltar que essa categoria apresenta propriedades que diferenciam uma sentença finita de uma sentença infinita, ou seja, ausência ou presença de Tempo [+/-Tempo]²⁶. Vejamos:

(7) Eles ganharam um presente.



²⁵ Para descrição de outras categoria funcionais como CP e DP conferir SEDRINS & SIBALDO (2012) e ABNER (1987)

²⁶ Pollock (1989) propõe a divisão de IP em Agr (concordância) e T (tempo). Não é nosso objetivo entrar nesses detalhes da teoria, assim como outros referentes a grande explosão de categorias funcionais dentro do Minimalismo chomskyano. Para mais detalhes, conferir Pollock, já citado assim como Figueiredo Silva e Costa (2004).

Eles_i

Importante ressaltar que o verbo é gerado na posição de V e que é movido para I (alçado) posição em que se localiza o morfema de flexão –am que se adjunge ao verbo formando “ganharam”. Assim I c-seleciona VP independentemente de esse verbo de natureza transitiva ou intransitiva. Essa relação então, não olha para a semântica de VP, mas apenas para sua categoria. Vejamos os exemplos.

(9) [sujeitoPedro [predicadoama Maria]].

(10) [sujeitoPedro [predicadoamor Maria]].

Observando as duas sentenças acima, podemos entender que o sistema computacional deve “posicionar²⁷” os itens lexicais, a partir de informações do léxico, em posições lineares da sentença, hierarquicamente distribuídas, que são convergentes com o traço categorial desses itens.

Assim, os traços que compõem o item “amar” retirado da Numeração presente em (9) codifica ao sistema que ele é um item lexical pertencente à categoria gramatical “verbo”, com o traço categorial “V” [+V-N] o que faz com que, necessariamente o sistema aloque esse item como núcleo do predicado, ou o núcleo de flexão numa sentença porque essa posição só pode ser ocupada por itens que carregam o traço V, conforme destaca Ferrari Neto (2012). Como o item “amar” apresenta o traço categoria V, o sistema computacional posicionou-o numa posição compatível com esse traço. Assim sendo, o resultado é uma construção gramatical licenciada pela língua.

²⁷ Milner (1989) apresenta uma “teoria das posições” que também é interessante para a discussão que pretendemos fazer neste trabalho. Por questões teóricas, apresentaremos a discussão feita por esse autor em capítulo específico.

O que acontece em (10) é que o item “amor” vem do léxico com o traço categorial “N” (+N-V), porque se trata de um “nome”. Dessa forma, não pode assumir a posição de núcleo do predicado e por isso não pode ser licenciado numa posição reservada somente aos itens com o traço V. A agramaticalidade de (10) é decorrente da violação dessa restrição pelo sistema que ao inseri um item com o traço N numa posição em que apenas itens com traço V podem ser posicionados.

Ferrari Neto (2012) afirma que cada item lexical deve ser especificado quanto à sua categoria, para que o C_{HL} seja possa usar essa informação para derivar sentenças. Dessa forma o item lexical “amar” apresenta o traço categorial V, enquanto que o item lexical “amor” apresenta o traço categorial N.

Para que o sistema C_{HL} possa ser capaz de utilizar os itens lexicais de forma a construir sentenças, cada um desses itens deve ser especificado em relação a sua categoria, de modo a tornar cada sentença legível nas interfaces. O que torna uma sentença gramatical é exatamente a possibilidade de ela ser acessada e usada pelos sistemas de desempenho, isto é, o sistema C-I e A-P.

Chomsky (1995, p. 67 e 198) apresenta O “princípio de interpretação plena” (*Full Interpretation* (FI), em inglês), princípio que formula a regra na qual todas as sentenças geradas pelo sistema computacional devem ser interpretáveis/legíveis nas duas interfaces.

O estudo de léxico para a teoria, conforme Kenedy (2012), faz-se necessário porque busca mostrar que os traços formais existem, que esses traços são visíveis nos itens lexicais e que são acessados pelo sistema computacional a fim de determinar a posição linear de uma categorial lexical na estrutura da sentença.

Kenedy (2012) destaca que a seleção também é outro traço formal existente nos itens do léxico e diz respeito às propriedades de seleção de determinado item. Por tal propriedade, compreende-se a capacidade de certos itens lexicais selecionarem/escolherem outro item ou outros itens da numeração para compor a estrutura de uma sentença. Diferentemente do traço categorial, nem todos os itens do léxico possuem propriedades de selecionar outros itens, mais especificamente a maioria dos itens não possuem essa capacidade.

Kenedy (2012) exemplifica que o item “ver”, possui claramente traço de c-seleção. Isso porque se pode perceber que quando o item “ver” é selecionado para a numeração, esse item é associado na estrutura da sentença a dois itens ou conjuntos de itens, a saber, aquele que experiencia o ato de “ver” e aquele que é o tema/objeto de do ato de “ver”, exatamente porque possui traços de seleção.

Conforme continua a descrever o autor, um item lexical capaz de selecionar outros itens é chamado de predicador, enquanto que os itens selecionados pelo predicador são chamados argumentos. O item “ver”, por exemplo, corresponde a um predicador que seleciona dois argumentos.

O autor destaca que quando seleciona um item lexical, o sistema computacional tem de acessar seus traços de seleção, para entender como o item deve ser computado na sentença, ou seja, não basta reconhecer apenas o traço categorial de certo item como pertencente à classe V ou N, mas também, reconhecer se esse item é um predicador e no caso de ser, quantos argumentos esse verbo seleciona.

No caso de um item como “comprar”, tem-se as seguintes especificações, apresentadas em (11)²⁸:

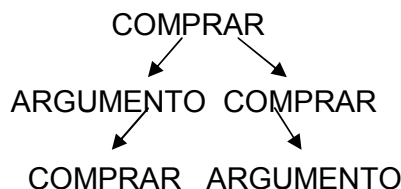
(11)

Figura 11 - Sistema computacional

Item lexical :	COMPRAR
Traços formais:	CATEGORIA V + PREDICADOR 2 ARGUMENTOS

Sistema computacional:

²⁸ Adaptado de Kenedy (2012, p. 47)



Fonte: Kenedy (2012, p. 47)

Dessa forma, Kenedy (2012) destaca que os traços de seleção especificam num item lexical as seguintes informações:

- a) se é um predicador;
- b) quantos são os seus argumentos;
- c) se os argumentos são complemento ou especificador;
- d) quais as restrições semânticas e formais de seus argumentos;
- e) quais são os papéis temáticos de seus argumentos.

O autor ainda ressalta que de A a D estão elencadas as propriedades que compõem o que se entende por estrutura argumental de um item lexical, enquanto que em E, encontra-se o que corresponde à grade temática de dado item do léxico e, ainda que, a estrutura argumental de um item do léxico é responsável por determinar o número de argumentos que um predicador seleciona. O item “comprar”, por exemplo, possui dois argumentos.

Kenedy (2012) afirma que ao término da derivação, a interpretabilidade de uma sentença como “João comprou um carro” mostra que os traços de seleção do item V “comprar” foram saturados, uma vez que “João” é selecionado como argumento externo de “comprar”, enquanto que “um carro” é selecionado como argumento interno desse item V.

O autor continua argumentando que a estrutura argumental de um item do léxico diz respeito, ao número de argumentos que um predicador possui, como exemplo, que o item do português “comprar” possui dois argumentos. O item “compra” na sentença “A compra do material”, cuja categoria é N, é outro exemplo de um predicador.

Observe-se a estrutura argumental desses itens no léxico, conforme (12)²⁹:

(12)

Figura 12 - Estrutura argumental

ITEM DO LÉXICO	TRAÇO FORMAL
COMPRAR	CATEGORIA V + PREDICADOR ESTRUTURA ARGUMENTAL { __ , __ }
COMPRA	CATEGORIA: N + PREDICADOR ESTRUTURA ARGUMENTAL: { __ }

Fonte: Kenedy (2012, p. 48)

Kenedy (2012) busca mostrar ainda que um item lexical de traço categorial N, também pode ser predicador e não apenas itens com traço V. Na verdade tanto V, como N, P ou A podem figurar, no léxico, como predicadores, possuindo, portanto, a capacidade de selecionar argumentos.

O autor ressalta ainda que, nos traços do léxico, um predicador tem de ter um número de argumentos previsível para que torne possível o funcionamento do sistema computacional da linguagem humana. Esse sistema deve acessar os traços de seleção do predicador para selecionar os argumentos que servirão para cumprir a tarefa de saturação da estrutura argumental com base nessas informações, ou seja, a estrutura argumental do item não pode mudar ao seu bel prazer.

²⁹ Adaptado de Kenedy (2012, p. 48)

A codificação dos traços lexicais relativos à estrutura argumental de um predicador deve ser, portanto, invariável, de modo que a variabilidade dessa estrutura provocaria a agramaticalidade da sentença.

Observemos as sentenças.³⁰

(13) João viu Maria?

(14) Quem João viu?

(15) Quem viu Maria?

(16) * João viu?

(17) * Quem João viu Maria?

Kenedy (2012) explica que (13), (14) e (15) são construções gramaticais em português porque a estrutura argumental do item lexical predicador “ver” foi saturada nessas sentenças. Como se pode observar o item lexical “ver” possui dois argumentos, que são visíveis em (13), (14) e (15) – o fato de “quem” ser um pronome interrogativo e ocorrer no início da sentença não modifica sua percepção como o argumento-tema do verbo “ver” em (14) e, em (15), não impede sua interpretação como o experienciador do ato de “ver”.

O que acontece em (16), conforme o autor, é uma construção agramatical, uma vez que somente um argumento foi licenciado na estrutura argumental do predicador da sentença que exige nesse caso dois argumentos para saturar sua estrutura argumental. (17) também é agramatical, pois viola as propriedades de seleção do verbo “ver”. Nesse caso, por selecionar mais argumentos que os exigidos pela estrutura argumental do verbo “ver”, três argumentos, enquanto que o predicador seleciona somente dois. O autor nos alerta que o número mínimo de argumentos que um predicador seleciona é um³¹. O número máximo é três. E ainda dois argumentos, ou seja, o número intermediário.

³⁰ Exemplos retirados de KENEDY, E. Léxico e computações lexicais. IN: FERRARI-NETO, J. & SILVA, C. Programa minimalista em foco: princípios e debates. Curitiba, CRV. 2012. P 18.

³¹ Exatamente porque não selecionar qualquer argumento implicaria não se tratar de um predicador.

Kenedy (2012) destaca há somente duas maneiras por meio das quais o sistema computacional pode estabelecer elo sintático entre um predicador e seu(s) argumento(s). São elas: predicador - complemento e especificador - predicador. Dessa forma, um argumento deve sempre assumir um comportamento diante de seu predicador: ou ele assume o status de complemento ou de especificador. O complemento é aquele selecionado imediatamente pelo predicador e corresponde à primeira vinculação sintática estabelecida pelo sistema computacional.

O autor nos explica que semanticamente, o complemento de um predicador é seu tema/objeto, o item sobre o qual incide o evento descrito pelo item lexical que é o predicador. Já o especificador é aquele selecionado pelo predicador de maneira menos imediata, após a seleção do complemento (se houver algum), na segunda aplicação de merge.

Kenedy (2012) ainda destaca que em termos semânticos, o especificador de um predicador é seu agente/sujeito, o item que desencadeia ou experiencia o evento descrito pelo predicador. O complemento de um predicador é também chamado de argumento interno, e seu especificador argumento externo. O sistema computacional precisa acessar a informação que diz se o argumento é interno ou externo para poder saturar a grade argumental de um predicador, de modo a associá-los corretamente como complemento ou especificador ao núcleo predicador.

Ao tratar da diferença entre argumentos e adjuntos, Kenedy (2012) afirma que os argumentos são entidades sintáticas cuja presença na sentença já está prevista nos traços formais que fazem de certo item lexical um predicador, uma vez que, para que um item seja considerado predicador, este deve selecionar pelo menos um argumento.

Do mesmo modo que um predicador não pode selecionar mais argumentos do que aqueles que já estão especificados pelos traços formais, o que acarretaria numa construção agramatical. Disso decorrem as noções de argumentos e adjuntos, conforme o autor. Os adjuntos não são previsíveis a partir dos traços formais de dado predicador, diferentemente dos argumentos. A existência de argumentos numa sentença é determinada pela seleção do item lexical, os adjuntos, por sua vez, não estão relacionados aos traços do léxico, conclui Kenedy (2012).

Diante dessa grande exposição sobre o papel do léxico no Minimalismo percebemos, então, que o léxico no PM aparece com um novo estatuto. Agora o léxico corresponde a uma grande fração do conhecimento linguístico humano em especial pelo grande número de informações carregadas pelos itens lexicais, conforme nos alerta Kenedy (2012). Pode-se mesmo dizer que C_{HL} opera a partir dos traços lexicais.

Como percebemos, o léxico carrega um grande número de informações relacionadas às propriedades que fazem o C_{HL} operar. É a partir do Léxico que se forma a Numeração que, por sua vez, alimenta o C_{HL} que gera derivações que devem ser mandadas para os sistemas de performance. Em relação a FF, os objetos sintáticos formados devem ser linearizados para que possam ser legíveis por A-P. é através dessa linearidade em FF/A-P, por exemplo, que uma falante em aquisição recebe o input necessário para adquirir sua língua e compor seu léxico mental. Percebemos assim, a importância da segmentação na cadeia linearizada da fala em relação à aquisição da linguagem.

Toda essa apresentação de Kenedy (2012) nos leva a enxergar uma relação explícita entre as considerações da sintaxe gerativa às questões da aquisição da linguagem, especificamente quanto à *aquisição do léxico*, que como vimos nesta seção, é crucial enquanto portador de informações necessárias ao C_{HL} . Interessante notar que a linearidade aqui se impõe, pois o léxico está, necessariamente segmentado *na cadeia linear temporal da fala* que compõe o *input* linguístico a que a criança está exposta, e que necessariamente se apresenta a ela via sistema de interface FF, para segmentação de itens. Faria (2001, p.207) afirma:

A demarcação do sistema computacional e de suas interfaces não exclui do centro da teoria a questão do item lexical propriamente, sendo este considerado uma unidade atômica, dotada de traços. A ideia do que seja um item lexical é aparentemente tranquila para a teoria, tendo em vista, por exemplo, a escolha do termo *item* (que tem a propriedade de poder ser listado com outros da mesma natureza) para se referir aquilo que tanto custou a Saussure chamar de unidade considerando sua natureza diferencial.

O caso é que, se a teoria não exclui do centro o item propriamente, percebemos que ao segmentar a cadeia falada, a criança o faz demarcando exatamente o item que se apresentar linearmente. Ainda que o C_{HL} opere a partir

dos traços, esses traços são carregados pelos itens que o comportam. Dessa forma, passamos ao tratamento do conceito de LINEARIDADE.

3 O PRINCÍPIO DA LINEARIDADE

O conceito de linearidade ocupa um lugar um tanto quanto diferente na teorização saussuriana, uma vez que, como já vimos anteriormente, não obteve a mesma sorte de outros conceitos, ainda que no CLG a linearidade apareça textualmente como um princípio do signo linguístico ao lado da noção arbitrariedade.

Embora alguns estudiosos de Saussure tenham tratado do conceito de linearidade, parece que esse foi destacado muito mais como ponto de crítica à teorização saussuriana, do que como uma característica em relação às suas discussões sobre a língua e a linguística.

Nesta seção, trazemos alguns autores que tratam do tema da linearidade, Milner (1989) Arrivé (2010), Souza (2012) e Testenoire (2017). O primeiro nos interessa particularmente, pois ao tratar do Paradoxo Posicional, Milner (1989) coloca a discussão da linearidade no âmbito da sintaxe, ainda que conclua ser a hierarquia a propriedade que permite o surgimento de uma teoria sintática por excelência.

Esse entendimento de Milner (1989) parece ter sido resultado de sua interpretação do princípio da linearidade apenas com respeito ao significante. Mas, a própria indicação de Milner de que a linearidade saussuriana deve ser estendida a todas as propriedades da língua, ao afirmar que também a sintaxe é afetada pela forma fônica, demonstra que, de certa forma, o autor já entendia que a linearidade diz respeito também ao funcionamento da língua.

Buscaremos nesta seção explicitar as análises desses autores, para então, na seção próxima, entender como a linearidade é exposta no PM, fazendo assim uma relação com a noção de hierarquia e apresentar as propostas de Nunes (1995 e seguintes) e Kayne (1994), que servirão de base para nossa argumentação em favor de uma nova interpretação da relação de linearidade no PM.

3.1 A linearidade

Saussure afirma que

o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha (CLG, p.84).

Mesmo aparecendo com destaque no CLG - embora reconheçamos que de modo muito abrupto - esse princípio não foi reclamado pelas teorias do século XX como foi, por exemplo, a arbitrariedade, a distinção entre língua e fala, sincronia e diacronia, significado e significante.

Testenoire (2017) afirma que isso não se deve ao modo de produção do CLG como obra póstuma ou devido à transmissão “caótica” do pensamento de Saussure, mas, afirma que “em momento algum de sua recepção ele é apreendido como um princípio estruturador da linguística saussuriana” (TESTENOIRE, 2017, p.90).

O autor nos lembra que, mesmo nas resenhas que sucederam as primeiras edições do CLG, o termo “linearidade” sequer aparece. O autor exemplifica em nota de rodapé que pesquisadores importantes como Meillet, Vendryes, Schuchardt, Sechehaye e Bloomfield que publicaram suas resenhas ainda entre 1916 e 1924, e reunidas por Normand (1978), não mencionam a linearidade, pois é a definição de língua versus fala que é principalmente discutida.

Mesmo no caso daqueles que defendem a substituição do CLG pelos manuscritos encontrados na segunda metade do século XX – Bouquet, por exemplo, afirma que o CLG deturpa o verdadeiro pensamento de Saussure –, o princípio da linearidade ainda aparece como conceito marginal da estruturação da teorização do autor.

Além disso, Testenoire (2017) ainda ressalta que o segundo princípio do signo linguístico sofreu duas grandes críticas, em relação a dois momentos importantes da recepção do pensamento saussuriano: o primeiro momento relacionado à fonologia estrutural; o segundo, à descoberta dos manuscritos dos anagramas. Jakobson e Waugh (1980) citados por Testenoire (2017), afirmam que o princípio da linearidade do significante é um “círculo vicioso”, apontando que Saussure carrega esse princípio do “empirismo ingênuo” dos neogramáticos.

O aparecimento dos manuscritos sobre os anagramas, nos anos 60, se apresenta como outro ponto de crítica importante, segundo Testenoire (2017). Souza (2012), em sua dissertação de mestrado sobre os anagramas, afirma que

Para alguns autores como Kristeva (1968), Choi (1996), Wunderli (2004) e outros, o signo linguístico nos anagramas se encontra numa outra dimensão que não a linearidade habitual dos signos na língua. (p. 113).

Dessa forma, os autores citados por Souza (2012) parecem corroborar com o que afirma Jakobson (1973 apud Testenoire (2012)), quando dizem que os anagramas de Saussure os libertaria do princípio da linearidade, ao afirmarem que

O anagrama poético viola as duas 'leis fundamentais da palavra humana' proclamadas por Saussure: a da ligação codificada entre significante e significado, e a da linearidade dos significantes. Os meios da linguagem poética têm condições de nos colocar 'para fora da ordem linear' (MF, p. 255) ou, como resume Starobinski, "saímos do tempo da 'consecutividade' próprio à linguagem habitual." (MF³², p. 254) (Jakobson 1973: 200)³³

Independente do modo como o conceito de linearidade tenha sido recebido pelos estudiosos de Saussure, o que se pode concluir é que todas as ambiguidades e até mesmo o "descaso" com aquilo que foi chamado de princípio por Saussure, deve-se basicamente ao modo sucinto como esse princípio foi exposto. De qualquer forma, é o próprio Saussure quem afirma que "todo mecanismo da língua depende dele". (CLG, p. 84). Em relação ao signo, diz ele que o segundo princípio apresenta o "caráter linear do significante." (p.84), e ainda:

Este princípio é evidente, mas parece que sempre se negligenciou enunciá-lo, sem dúvida porque foi considerado demasiadamente simples; todavia, ele é fundamental e suas consequências são incalculáveis; sua importância é igual à da primeira lei. Todo o mecanismo da língua depende dele [...] os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após outro; formam uma cadeia. (CLG, p.84)

Percebemos que, embora Saussure anuncie o segundo princípio numa discussão muito breve, o autor demarca consequências excepcionais, igualando-o ao primeiro e, ainda, afirmando a dependência de todo mecanismo da língua a ele. Isso o que nos leva a entender que, mesmo se estendendo apenas na discussão

³² A sigla MF designa o *Mercure de France*, onde aparece a primeira publicação relativa aos anagramas.

³³ Tradução de Torelli (2017).

sobre o signo, Saussure já começa a elaborar a ideia de que a linearidade também é um princípio da língua.

Testenoire (2017) afirma que a segunda ocorrência da menção à linearidade aparece quando o genebrino vai tratar especificamente da linguística sincrônica, para introduzir as noções de relações sintagmáticas e associativas, referindo-se desta vez, à língua. Diz Saussure:

As relações e as diferenças entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores [...] De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no **caráter linear da língua**, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. (CLG, p. 142, grifo nosso).

Percebemos haver uma dificuldade em relação a esse conceito devido às oscilações³⁴ terminológicas constatadas. Testenoire (2017) afirma que a dificuldade aumenta quando se analisam os cadernos dos estudantes que serviram de fonte aos editores do CLG.

Com efeito, de acordo com os cadernos de estudantes que assistiram aos três cursos, Saussure atribuiu sucessivamente, entre 1907 e 1911, um 'caráter linear' à língua, à cadeia da fala, ao signo linguístico e ao significante. (p. 91)

Ainda assim, o caráter linear é relevante, pois possibilita a compreensão da noção de valor em sua totalidade, por isso assumimos com o autor, que o conceito de linearidade é fundante para a noção de língua em Saussure.

Testenoire (2010) analisa o desenvolvimento cronológico dos cursos de Linguística Geral e levanta, a partir dos cadernos de estudantes³⁵, as ocorrências do conceito de linearidade. O autor afirma então que se o substantivo 'linearidade' não é atestado, o adjetivo 'linear' aparece mais de uma vez nas anotações realizadas.

³⁴ Qualquer leitor da obra de Saussure deve estar familiarizado com essa característica típica de seus textos. É comum essa oscilação não apenas no que se refere à linearidade, mas muitos conceitos saussurianos apresentam muitas nomenclaturas.

³⁵ O autor ressalta que por razões de clareza e eficácia, um único testemunho será considerado para cada curso: os cadernos de Albert Riedlinger, nas edições de Komatsu (Saussure 1996 e 1997), para os dois primeiros cursos; os de Emile Constantin, na edição de Mejia Quijano (Constantin 2005), para o terceiro. Toda análise aqui feita toma como base a reflexão de Testenoire.

No primeiro curso de Linguística Geral ministrado por Saussure em 1907 na Universidade de Genebra, o termo 'linear' aparece em uma passagem dedicada às unidades linguísticas:

Toda *sintaxe* remonta a um princípio tão elementar que parece pueril evocá-lo: (é) o caráter linear d (a) língua. É aquilo que faz com que, em toda forma, haja um antes e um depois. Esse princípio é dado pela própria natureza das coisas: não posso representar a palavra a não ser (por uma só linha formada de partes sucessivas:)

|—|—|—|—|—|—|

(Tanto) no interior (no cérebro quanto na esfera da fala). (Vejo que nas duas esferas há) dois ordenamentos correspondentes a dois tipos de relações: por um lado, há uma ordem discursiva, que é (forçosamente) aquela de cada unidade (na frase ou na palavra (signi-fier)), em seguida uma outra, (a) ordem intuitiva (que é aquela das associações (como signifier, fero, etc.) que não estão no sistema linear, mas que a mente abraça de uma única vez.) (Saussure *apud* Testenoire, 2010).

Como se percebe, a noção de linearidade é aqui introduzida para se referir à incapacidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, por razões de articulação. Essa questão também ficou marcada na edição de 1916 do CLG. De certa forma, parece ter sido esse também o entendimento de Chomsky em relação à interface Forma Fonética que recebe a denominação de Sistema Articulatório Perceptual, como vimos na citação da introdução desta tese, na qual o autor afirma que, se fôssemos telepatas não precisaríamos dessa interface.

Godel *apud* Testenoire (2017, p.93) ressalta que a linha fragmentada nos remonta à representação da cadeia acústica, o que o leva a concluir que, mesmo parecendo paradoxal, o caráter linear da língua se manifesta primeiramente no plano acústico-articulatório, ou seja, a linearidade observada no plano fonatório seria uma consequência da linearidade da língua. Tal constatação nos conduz diretamente a concluir com Saussure que esse princípio está relacionado ao eixo sintagmático, no que toca a língua e não a fala. (CLG, 1916, p.94).

Haveria, então, duas manifestações do caráter linear da língua: uma manifestação acústico-articulatória que diz respeito à impossibilidade de pronunciar ou de ouvir simultaneamente dois elementos da língua relacionada ao significante, e uma manifestação sintagmática quanto à impossibilidade de combinar as unidades da língua a não ser pela sucessividade, o que estaria relacionado à língua como um

todo. Se essa sucessividade se atesta tanto na língua quanto na fala, Testenoire (2017) conclui que O ‘caráter linear da língua’ é, em parte, deduzido de um fato de fala.

Na curso de 1908, a noção de linearidade é retomada a partir das unidades da língua:

Existe um caráter capital da matéria fônica não colocado suficientemente em destaque que é o de se apresentar a nós como uma cadeia acústica, o que provoca imediatamente o **caráter temporal**, que consiste em ter apenas uma dimensão.

Poderíamos dizer que é um caráter linear: a cadeia da fala necessariamente se apresenta a nós como uma linha e isso tem uma imensa repercussão para todas as relações posteriores que se estabelecerão. (Saussure *apud* Testenoire, 2017, p.).

Testenoire (2017) nos alerta que a linearidade “da língua” é introduzida no capítulo em que é abordada a questão das relações associativas e sintagmáticas. As primeiras se efetuam no cérebro dos falantes, enquanto que a segunda se efetua na cadeia da fala e são obrigatoriamente submetidas a uma ordem linear. A linearidade sintagmática é reafirmada principalmente no capítulo 4 do CLG “sobre as unidades abstratas da língua”, mas é a linearidade do significante que causa as maiores discussões³⁶. Conclui, então que, de acordo com os cadernos dos estudantes, a linearidade se mostra em três planos:

Na esfera da fala,

- uma linearidade devida à natureza acústica da substância da linguagem.

Na esfera da língua,

- uma linearidade que se manifesta no nível do significante;
- uma linearidade que se manifesta no nível das relações sintagmáticas. (TESTENOIRE, 2017, p. 96).

Assim, Testenoire (2017) retoma as duas críticas ao princípio da linearidade que, segundo ele, serviriam de base para a desconstrução desse princípio, a saber, a crítica de Jakobson e a pesquisa anagramática, para concluir que:

Ao termo deste percurso, o conceito de linearidade aparece de modo mais coerente no âmbito do pensamento saussuriano do que puderam imaginar seus detratores. As duas objeções formuladas por Roman Jakobson – a objeção fonológica e a contradição entre os anagramas e o CLG – repousam em mal-entendidos, devidos, em

³⁶ Trazemos adiante, as questões levantadas por Arrive e Milner em torno desse princípio.

parte, às vicissitudes da transmissão dos textos saussurianos e, em outra parte, ao programa de leitura jakobsoniano.

O princípio da linearidade conhece, certamente, aplicações variadas no decorrer dos três cursos de Linguística Geral para os estudantes. Língua, cadeia da fala, signo, significante se revestem sucessivamente de um 'caráter linear'. A observação dos cadernos de estudantes revela que, desde o primeiro curso, Saussure percebeu uma linearidade na fala, que explica o porquê de não se poder pronunciar simultaneamente dois elementos, **e na língua, que condiciona as relações sintáticas e sintagmáticas**. Foi, entretanto, apenas no último curso que ele formulou o princípio da linearidade do significante como o elo entre esses dois fenômenos: ao mesmo tempo causa da linearidade sintagmática ("Que possamos recortar as palavras nas frases é uma consequência desse princípio") e consequência da linearidade acústico-articulatória da fala ("Isso decorre de que ele é acústico"). (TESTENOIRE, 2017, p. 104, grifo nosso).

Na mesma direção, Souza (2012) conclui que

De fato, o princípio da linearidade é uma lei inegável do signo linguístico e está ligado ao caráter temporal e de sucessão que cada unidade, seja fonema ou signo, **possui na cadeia da língua** e na realização da fala. (p. 113).

Arrivé (2010) também traz uma importante discussão sobre o tema. O autor começa destacando que, pelas palavras do CLG, podemos entender que é o significante exclusivamente que se apresenta como linear, quando Saussure diz que "é impossível pronunciar dois elementos ao mesmo tempo."

Em nota de rodapé (nota 34, página 69) Arrivé defende que, mesmo que de forma breve, é o próprio Saussure quem se questiona a respeito desse problema quando diz: "se, por exemplo, acentuo uma sílaba, parece que acumulo no mesmo ponto elementos significativos diferentes". (CLG, p. 103). Ao que responde: "A sílaba e seu acento constituem apenas um ato fonatório". (CLG, p. 103).

Ao usar a expressão "ato fonatório" Saussure claramente situa esse ato no campo da fala. Assim como Testenoire (2017), Arrivé também faz menção à crítica de Jakobson quando esse afirma: "o mestre cedeu à crença tradicional no caráter linear do significante." (JAKOBSON *apud* ARRIVÉ, 2010, p. 69).

Milner (1995) parece concordar com Jakobson, ao defender que

Algumas dimensões da forma fônica são governadas exatamente pela simultaneidade: os traços pertinentes e os fenômenos prosódicos especialmente. Quando pronunciamos /b/, pronunciamos

ao mesmo tempo a labialidade, a sonoridade e a oclusão, apesar de esses traços serem empiricamente independentes uns dos outros. Quando pronunciamos eterno, pronunciamos ao mesmo tempo a sílaba /no/ e o acento que ela leva. (1989, p. 386-387).

Argumenta Arrivé (2010) que Saussure já havia se questionado em relação ao caso da palavra “eterno” e ao acento na sílaba /no/. No que tange ao caso dos traços pertinentes, o autor nos diz que é indiscutível o fato de eles não estarem submetidos à linearidade. Mas, ainda assim, ressalta que esse caso não representa um contra-argumento à linearidade, pois Saussure estava se referindo apenas à sucessão dos elementos, que são em seu ponto de vista, os significantes acústicos.

Arrivé (2010) anuncia então que o caráter linear do significante nos remete diretamente a um modo específico da intervenção do tempo na linguagem. Um modo específico, porque, segundo o autor, a diacronia seria o outro modo de o tempo intervir.

Retomando a delimitação de Saussure dos dois pontos de vistas – sincrônico e diacrônico– deduzimos que o objeto da linguística não seja dado previamente, por isso devemos recorrer a um desses pontos de vista, dado que a oposição entre eles é absoluta e não admite compromissos. Com isso, Saussure demarca uma divisão entre os dois fenômenos. conforme as palavra ao autor:

O latim *crispus*, ‘crespo, ondulado’ deu em francês um radical *crep*, de onde os verbos *crépir*, ‘rebocar’ e *décrépir*, ‘retirar o reboco. Por outro lado, em certo momento, tomou-se emprestada do latim a palavra *decréptus* ‘gasto pela idade, da qual se ignora a etimologia e dela se fez *decrépt*. Ora, é certo que, hoje, a massa dos falantes estabelece uma relação entre ‘um mur *décrépi*’ e ‘um homme *décrépit*’, conquanto historicamente esses dois termos nada tenham a ver um com o outro; fala-se da fachada *décrépite* de uma casa. É um fato estático, pois trata-se duma relação entre dois termos coexistentes na língua. Para que tal se produzisse, foi necessário o concurso de certos fenômenos de evolução; foi preciso que *crisp* – chegasse a ser pronunciado *crép* – e que a certo momento se tomasse emprestado um novo termo ao latim: esses dois fatos diacrônicos – vê-se claramente – não têm relação alguma com o fato estático que o produziram; são de ordem diferente. (CLG, 1916, p. 98 – destaque do autor).

Assim, o fato diacrônico não altera o sistema, pois a “modificação não recai sobre a ordenação, e sim sobre os elementos ordenados” (CLG, p.100). Embora cada alteração, de fato, repercuta no sistema, são os elementos que se modificam.

É a partir da noção do valor linguístico que surge a necessidade de Saussure separar a linguística em sincrônica e diacrônica, como bem concluiu Cunha (2008), ao afirmar que Saussure teorizava sobre valores que podem ser lidos como signos. O valor parece ser considerado também a partir da noção de tempo. Diz Saussure: “[...] um campo vale na proporção do que produz, pode-se, até certo ponto, seguir esse valor no tempo, lembrando sempre que, a cada momento, ele depende de um sistema de valores contemporâneos.” (CLG, p. 96).

E é nessa discussão entre sincronia e diacronia que o fator tempo recebe maior destaque no CLG. Arrivé (2010) se pergunta: “Há no CLG, duas concepções diferentes de tempo, o da diacronia e o da linearidade? Ou então é possível apreender uma relação entre esses dois tempos, ou mesmo reduzir à unidade a concepção saussuriana de tempo?” (p.91)

Segundo a análise do autor, a diacronia corresponde ao modo de intervenção do tempo na língua, enquanto que a linearidade seria o modo de intervenção do tempo na fala. A fala seria então o que permitiria a relação entre a diacronia e a linearidade. A fala intervém, desse modo, na própria noção de linearidade e a mudança diacrônica também encontraria nela, sua origem (ARRIVÉ, 2010, p.92).

Assim, para Arrivé (2010) os fenômenos sincrônicos determinam a diacronia. A linearidade, segundo o autor, é a condição da diacronia, no sentido de que uma língua precisa ser falada para que a mudança possa ocorrer, ou seja, “é preciso que a língua dê lugar a atos de fala, lineares, temporalizados – para que ela evolua”, (p. 92). Assim, podemos dizer que a sincronia provoca a mudança que a diacronia comprova.

Essa perspectiva de Arrivé (2010) que relaciona a diacronia à língua e a linearidade à fala, segundo o próprio autor, “[...] assegura a continuidade entre os dois modos de intervenção do tempo na linguagem: o tempo subjetivo do sujeito enunciante, o tempo objetivo da língua enquanto sistema.” (p.92).

Arrivé (2010) se pergunta então se isso seria suficiente para provocar a mudança na língua. E é através do próprio Saussure do CLG que ele responde categoricamente que não: Se se tomasse a língua no tempo, sem a massa falante –

suponha-se o indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos – não se registraria talvez nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela. (CLG, p.92).

Mais uma vez, se questiona Arrivé:

Mas de qual tempo se está falando? Do tempo “subjetivo” da linearidade, inseparável de todo ato de fala, haja ou não “massa falante”? Ou do tempo “objetivo” da diacronia, que provoca as mutações linguísticas, por sinal, a partir do momento em que a “massa falante” intervém? Em outro livro, pensei poder considerar como “evidente” a interpretação deste tempo como o da linearidade. Não chegarei a ponto de me contradizer, escolhendo o tempo da diacronia. Mas, agora, me parece que é propriamente impossível decidir entre os dois, porque, nesse ponto, se encontram, em um nó muito bem amarrado, os dois Tempos saussurianos - o da linearidade do ato de fala – indispensável à evolução da língua - e o da diacronia, que é, em síntese, o mesmo tempo, a partir do momento em que a massa falante intervém. (ARRIVÉ, 2010, p. 92-93).

O autor então assume que o único hiato entre o tempo da diacronia e o da linearidade é a massa falante. No CLG encontramos: “Tudo quanto seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por certo número de indivíduos, antes de entrar em uso.” (CLG, p. 115).

Sobre a linearidade, Saussure reconhece que um dos elementos constitutivos e essenciais às “unidades concretas da língua” (os signos linguísticos), o significante, está, necessariamente, atrelado ao princípio da linearidade e, conseqüentemente, ao fator tempo. Concluo com o autor que, em algum momento do fazer linguístico, o significante, numa relação de oposição aos demais, precisa entrar numa relação direta com o fator tempo e, dessa forma, assumir uma determinada posição linear em função do tempo.

Milner (1989), por sua vez, apresenta uma importante discussão sobre a noção de linearidade dentro da teoria da linguagem. O autor, ao iniciar um capítulo específico sobre esse tema, afirma que há uma geometria na teoria da linguagem e que essa geometria é geralmente expressa pela proposição “a linguagem é linear”.

O autor considera que essa é uma questão obscura e que por isso requer uma reflexão sobre o que de fato representa para a teoria da linguagem esse

princípio do signo linguístico saussuriano, e, por isso mesmo, ele apresenta alguns pontos que se fazem importante dentro da discussão que pretendemos fazer.

Durante algum tempo, acreditou-se que, quando se fala do princípio do caráter linear do significante tal qual nos apresenta Saussure, o conteúdo desse princípio se limitaria à forma falada, ou seja, se a fala é tomada como sendo linear, isso só é possível porque ela se desenvolve no tempo, sendo assim comparada a uma linha, como bem já discutimos até aqui.

Noção equivocada, segundo Milner (1989) uma vez que como vimos anteriormente, a partir da noção de valor e do funcionamento do sistema linguístico por meio dos eixos sintagmático e associativo, Saussure, ao afirmar que a língua é “um sistema de valores puros”, acaba também por assumir ser a língua linear e não apenas o significante como bem parece à primeira vista.

Milner (1989) chega a afirmar que se deve considerar que a materialidade falada afeta todas as dimensões da linguagem, estando aqui incluídas aquelas que não pertencem à materialidade do som, de modo que a “sintaxe será afetada em seu funcionamento pela suposta linearidade da forma fônica”. (p.85).

Milner (1989) coloca em xeque a proposição que diz que o significante é de natureza auditiva e que ele se desenrola no tempo, e defende que essa proposição é falsa se for considerada literalmente, pois um fenômeno de natureza auditiva pressupõe vibrações que são produzidas num espaço, o que coloca uma condição para o conceito de linearidade: esse conceito precisa ser tomado em um “sentido mais forte”, nas palavras do autor.

Com isso, Milner (1989) não pretende desconsiderar ou anular o princípio da linearidade postulado pelo mestre genebrino. Muito pelo contrário, o autor afirma que é o próprio Saussure quem nos permite precisar o “sentido mais forte” quando afirma que é impossível pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Essa impossibilidade é que realmente traduz o verdadeiro sentido da linearidade e não sua relação direta com o tempo.

Entretanto, ainda segundo Milner (1989), essa impossibilidade ainda é ambígua, pois não é clara a que impossibilidade Saussure se refere, se a impossibilidade de pronunciar dois fonemas ao mesmo tempo ou de pronunciar duas

palavras ao mesmo tempo. Essa distinção é pertinente porque a forma fônica não interfere do mesmo modo nos dois casos, uma vez que, em relação aos fonemas, há casos em que a simultaneidade dos fenômenos fônicos é que nos permite diferenciar um fonema de outro.

Milner (1989) traz em sua discussão uma noção “estranha” em se tratando da teorização feita por Saussure, a saber, a noção de “átomo linguístico”. Como solução à ambiguidade destacada por ele em relação ao conceito de linearidade trazido pelo mestre genebrino. “Isto dito, salvaremos a proposição que diz respeito aos átomos linguísticos em geral, em qualquer nível que o definamos: fonemas caso se trate de fonologia, termos caso se trate de sintaxe.” (MILNER, 1989, p. 342).

Dizemos que a noção de átomo linguístico é “estranha” à teorização de Saussure exatamente porque temos em mente a noção de signo linguístico que não nos autoriza a pensar o signo como um átomo isolado, mas ao contrário, como bem analisamos anteriormente, como uma entidade que só tem valor através da relação que um signo estabelece com outros signos.

Interessante ainda é notar que é o próprio Milner (1989) quem se preocupa em esclarecer a noção de “átomo”. Ao assumir a noção clássica do que vem a ser um átomo, a saber, uma entidade indivisível e por isso impenetrável a outro átomo, o autor ressalta que é exatamente essa impenetrabilidade o que Saussure chama de a impossibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, extraindo do princípio da linearidade uma consequência: há para a análise fônica e para a análise léxica, átomos, ou seja, entidades impenetráveis a outras entidades. Entendemos poder relacionar a noção de átomo em Milner à noção de traços na teoria chomskyana, conforme o PM (1995).

Ainda que essa noção de átomo não fique muito clara no texto de Milner em relação ao pensamento de Saussure – essa noção é muito mais clara nas teorizações de Chomsky – nossa interpretação nos permite pensar que, ao falar de átomo, isto é, traços que compõem o item lexical, Milner (1989) se refere ao fato de só ser possível segmentar os elementos de um sintagma, desde que se reconheça uma unidade em relação às outras, a partir das quais um recorte pode ocorrer. Nesse caso, quando a massa amorfa é recortada, é feita uma abstração em que o

linguista pode isolar uma unidade de outra unidade: um fonema, um morfema, um signo, um significante.

Milner (1989) conclui sua primeira discussão dizendo que a linearidade nada mais é do que uma exigência geral da análise e do reconhecimento da atomicidade do objeto, a que se chega não a partir da observação empírica, mas através da abstração e da teorização. A isso o autor se pergunta: a que propriedade se refere a noção empírica de linearidade? E, ainda, é esta propriedade verificada efetivamente nas línguas?

A essas perguntas, o próprio Milner (1989) nos apresenta duas possibilidades de respostas. Uma primeira possibilidade seria tomar a cabo a definição geométrica de linha, o que impossibilitaria limitar a analogia à forma fônica, sendo necessário estendê-la a todas as dimensões da linguagem, pensando-se especialmente na relação da frase com a palavra como uma relação espacial da linha com o ponto. A linha geométrica então seria o meio mais eficaz para se pensar o caráter articulado da linguagem. No entanto, Milner (1989) nos alerta a tomar cuidado com essa primeira possibilidade, pois a relação da frase com a palavra não pode ser pensada como a relação que se estabelece entre a linha e o ponto e por isso mesmo, o autor é categórico ao concluir que “a linearidade da linguagem não pode ser tomada nesse sentido”. (p.89)

A outra possibilidade se apresenta como sendo oposta à primeira, ou seja, não tomar a cabo a noção geométrica de linha, utilizando-se apenas de seu caráter metafórico e entendendo que, dizer que a linguagem é linear, é dizer que ela tem somente certas propriedades e não outras.

Se aceitamos essa segunda possibilidade, assumimos então que o princípio da linearidade é uma exigência daquilo que Milner (1989) chama de “minimalidade³⁷ conceitual” e que entendemos como sendo a proposição “explicar muito a partir de princípios e conceitos mínimos”. Dessa forma, a linearidade seria aquilo que nos

³⁷ É normal atualmente remeter o conceito de minimalidade diretamente à teoria chomskyana atual. Neste caso em especial, época em que Milner publica seu texto “Introdução à ciência da linguagem” (1989) estamos ainda no começo da teoria gerativa e por isso mesmo, Milner (1989) vai defender que em “Aspectos” Chomsky assume uma epistemologia antiminimalista. Mas para aqueles que acompanham a teoria gerativa entende que isso só é possível porque Milner (1989) está tratando do começo da teoria de Chomsky.

permite dizer que as únicas relações pertinentes na linguagem são as relações de sucessão, o que nos leva a pensar sobre a própria noção de signo linguístico.

Seria a partir disso que se poderia pensar num estruturalismo como sendo a corrente que primeiro adota uma epistemologia do mínimo³⁸, que diria respeito exatamente ao fato de que um objeto que impõe restrições tende a ser naturalmente valorizado por determinada teorização.

Miner (1989) cita Leibniz que afirma que há entre as coisas do mundo dois tipos de relações: as relações de coexistência nas quais as coisas podem ser juntas num mesmo instante, mas não no mesmo lugar, e as relações de sucessão, nas quais as coisas podem ser juntas no mesmo lugar, mas não num mesmo instante. Fazendo uma comparação com a língua, Milner (1989) afirma que o instante se refere ao lugar ou a posição linguística de um átomo, sendo o sintagma uma molécula composta de átomos. Sendo assim, existiriam átomos que poderiam aparecer na mesma posição, mas não no mesmo sintagma: a relação associativa; e ainda elementos que poderiam aparecer no mesmo sintagma, mas não na mesma posição: a relação sintagmática.

Retomando a metáfora de Leibniz, Milner (1989) afirma que teríamos o paradigma de Saussure como tendo as propriedades de um espaço do mesmo modo que a sintagmática tem as propriedades do tempo, da sucessão. As metáforas que tratam do espaço tendem a se relacionar com o paradigma; aquelas que tratam de sucessão tendem a se relacionar com o sintagma.

Entendemos então, que o significante deve receber propriedades que possam defini-lo como linear justamente porque tem propriedades relacionais que se deduzem da possibilidade ou não de coexistência, e não apenas pelo fato de poder ser falado. Defendemos, então que Saussure não se referia apenas ao significante quando propôs o segundo princípio. O que nos parece é que Saussure estava preparando a teorização para chegar às relações sintagmáticas e associativas, assim como para falar do valor linguístico. Mais de uma vez em nossa análise, afirmamos que Saussure sai do significante e atribui a linearidade também à língua.

³⁸ Milner (1989) vai usar esse critério como um dos pontos fortes para afirmar que o paradigma estruturalista, com Saussure, não foi capaz de criar uma teoria sintática. Interessante notar que a corrente gerativa atual, O Programa Minimalista, adota exatamente a Minimalidade.

Milner (1989) afirma que não é porque a linguagem apresenta uma forma falada (auditiva) que pode ser dita linear, mas porque a forma falada pode ser considerada a partir das propriedades gerais da língua, é que essa forma pode ser dita linear, conclusão que entendemos já estar em Saussure. O autor chega então à formulação daquilo que nomeia de hipótese sobre a Teoria Posicional da Sintaxe sobre a qual trataremos a seguir.

3.2 A Teoria Posicional da Sintaxe: O Paradoxo Posicional

A Teoria Posicional da Sintaxe de Milner (1989) tem como característica combinar a hipótese dos sítios (sites) e a hipótese das posições (place). A hipótese dos sítios é definida pelos caracteres do sítio baseados numa relação de ocupação. A hipótese da posição, por sua vez, diz respeito aos caracteres da posição definidos por uma geometria, assim:

(...) a teoria [sintática] deve reconhecer, além dos termos e de suas eventuais relações, uma entidade distinta deles: o site de cada termo. São os sites que constituem o objeto da sintaxe: dizer que duas frases têm a mesma sintaxe é dizer que podemos reconhecer nelas os mesmos sites; dizer que elas têm uma sintaxe diferente é dizer que reconhecemos nelas sites diferentes. (MILNER, 1989, p. 291)

De acordo com Milner (1989), os átomos (os traços que compõem os itens lexicais) são importantes para a sintaxe porque permitem observar os sítios que eles ocupam. Interessante notar que Milner (1989) parecia “prever” o que aconteceria na teoria chomskyana com a hipótese lexicalista, que atribui aos itens do léxico papel importante na formação dos objetos sintáticos, na medida em que esses itens carregam traços que fazem o C_{HL} operar.

O sítio diz respeito às propriedades relacionais que determinam a configuração sintática; é um lugar sintático, ou lugar qualificado, como denomina Milner (1989). Nesse sentido, parece ser aquilo que a teoria chomskyana denominou de domínio, onde um constituinte é gerado (sua posição de base). A posição (place) diz respeito à composição observável/ordem linear, isto é, a sua posição de destino dos itens da sentença depois de sofrerem a regra de movimento. Percebemos, aqui, a referência às interfaces FF e FL.

Em termos de comparação, a hipótese dos sítios de Milner (1989) trata do lugar em que dado constituinte é interpretado em FL; a hipótese das posições diz respeito à realização observável em FF, uma ordem linear. Para ilustração, podemos pensar na relação que existe entre as palavras de uma mesma frase. Entre duas palavras, A e B, por exemplo, existe uma relação não aleatória que obedece a propriedades que permitem que essas palavras A e B possam ser elencadas em um determinado sintagma, uma relação de c-comando, por exemplo.

Podemos dizer ainda que a relação entre essas duas palavras é exatamente a mesma relação observada no interior de uma forma linguística. Dizer então que em fonologia, deve-se pensar em termos de sucessão, seria legítimo estender esse raciocínio para o que foi denominado de sistema de lugares, a saber, dizer que uma palavra A sucede uma palavra B é o mesmo que dizer que um fonema A sucede um fonema B.

Dessa forma, afirma Milner (1989), deve-se entender que a concepção estruturalista do princípio de organização da forma fônica, a linearidade, tem de ser estendido a todas as partes da língua, especialmente à sintaxe. Esse seria de fato o conteúdo do princípio da linearidade, segundo Milner (1989). Assim, as relações pertinentes em se tratando de posições não devem ser específicas e obrigatoriamente expressas em termos lineares, já que lugares sintáticos (sítios) são formas não observáveis e as posições (places) são formas observáveis.

Milner (1989) afirma que a sintaxe deve ser considerada como não-linear, uma vez que as relações em sintaxe são assimétricas e ramificadas, o que leva o autor a raciocinar apenas em termos de hierarquia e não de linearidade. O autor argumenta que a relação hierárquica é pertinente porque se pensarmos que além das relações simétricas e transitivas do tipo “dominação” em que A domina B, podem ocorrer relações em que nem A domine B nem B domine A, ou seja, o que interpretamos ser na teoria chomskyana, o c-comando assimétrico³⁹.

Temos aqui a geometria dos sítios diferente da geometria das posições, em que essa diferença consiste basicamente em dois pontos: as posições não têm

³⁹ Ressaltamos que Milner não utiliza essas denominações. A intenção nossa é, sempre que possível, atualizar aquilo que Milner apontou em sua obra, em relação a sintaxe chomskyana como formulada no PM.

propriedades absolutas porque não carregam etiquetas, enquanto que a geometria dos sítios reconhece exatamente as propriedades absolutas por apresentar etiquetas, de forma que as propriedades das relações entre os sítios não são da mesma natureza que as propriedades das relações das posições. Em outras palavras: as relações entre os lugares são de ordem linear; as relações entre as posições de ordem hierárquica.

As propriedades geométricas são uma forma empírica de entendermos o que se quer dizer quando se afirma que as línguas naturais têm uma natureza posicional. Essas propriedades geométricas são propriedades que dizem respeito à posições (observáveis). Essa geometria observável não é a verdadeira geometria, ou seja, aquela que de fato define as propriedades posicionais de uma língua, segundo Milner (1989)⁴⁰

O que acontece é que assumindo a posicionalidade, os dados de uma língua natural podem contradizê-la. A isso, Milner (1989) denomina “Paradoxo Posicional”, o fato de em uma determinada língua, os termos poderem apresentar propriedades posicionais, que não se explicam pela posição observável (place) que ocupam. É aqui que a distinção entre posição (observável) e lugar (sítio/não observável) se torna mais uma vez pertinente, mas nem sempre, porque muitas vezes a posição pode variar sem que a sintaxe seja afetada.

Nas palavras de Negrão, ao comentar a teoria Milner:

Sendo assim, o deslocamento de constituintes, uma propriedade caracterizadora das línguas humanas que capta a observação de que os constituintes se realizam nas sentenças em posições diferentes daquelas que parecem ocupar para ser compatível com a interpretação a eles atribuída [...] Essa é uma solução ótima para o que Milner chamou de paradoxo posicional. (2008, p.53)

Existe, então, uma relação entre um elemento que recebe um sítio abstrato da geometria sintática, por exemplo, função de sujeito, e a posição que esse elemento ocupa no sistema de lugares observado nas línguas naturais, o que ainda pode acarretar o fato de que uma mudança no sítio possa assinalar uma mudança de posição. O Paradoxo Posicional diz respeito às posições em si mesmas e não às

⁴⁰ Aqui parece haver uma referência daquilo que Chomsky inicialmente chamou de estrutura superficial e estrutura profunda.

diferenças entre sítio e posição. Vejamos alguns exemplos retirados de Milner (1989)⁴¹:

- a. Bela marquesa, seus belos olhos me fazem morrer de amor.
- b. De amor morrer me fazem, bela marquesa, seus belos olhos.
- c. Seus belos olhos de amor me fazem, bela marquesa, morrer.

A posição é aquilo que sofre mudança e diferencia as sentenças acima. No entanto, essa mudança de posição não é acompanhada pela mudança do sítio que continua o mesmo em (a), (b) e (c). O sintagma “seus belos olhos”, por exemplo, muda de posição, mas mantém o mesmo sítio, que corresponde a sujeito da sentença. Nos exemplos que se seguem, ocorre algo diferente, uma vez que a mudança de posição acarreta mudança de sítio.

- d. Sílvia ama Bruno
- e. Bruno ama Sílvia

Observemos ainda as sentenças abaixo:

- f. O cineasta doou ao teatro novas poltronas.
- g. O cineasta foi ao teatro.

Nas sentenças em (f) e (g) há mudança de sítio, mas não há mudança de posição, pois o constituinte “ao teatro” apresenta funções sintáticas diferentes em relação aos verbos que o antecedem.

De fato, o reconhecimento da existência do Paradoxo Posicional apresenta grande importância teórica e também empírica. Mas, algumas questões se impõem. Sendo o Paradoxo Posicional uma propriedade específica da linguagem, toda teoria da linguagem deve ser capaz de formulá-lo, afirma Milner (1989).

De acordo com esses postulados, Milner (1989) defende que o paradigma estruturalista não foi capaz de postular a teoria do Paradoxo Posicional, por entender que, para o estruturalismo, as propriedades não têm outra fonte de definição além da posição efetivamente ocupada por um termo, pois não tem poder explicativo para dar conta dos sítios. Por isso, o autor defende que Saussure, associado à linguística estrutural, não foi capaz de construir uma teoria da sintaxe.

⁴¹ Todos os exemplos analisados (os exemplos listados como a, b,c,d,e,f e g) são traduzidos de Milner (1989) por Dias (2009) em DIAS, L. F. Enunciação e regularidade sintática. Cad.Est.Ling, Unicamp, 51 (1): 7-30 , Jan/jun. 2009, de onde são retirados.

E é justamente pelo reconhecimento do Paradoxo Posicional e da hierarquia que a Gramática Gerativa pode construir sua teoria sintática.

O que se pode concluir é que Milner (1989), ao tratar do conceito de linearidade, o faz para afirmar que, em Saussure, não se pode extrair uma teoria sintática, pois o autor não foi capaz de postular o Paradoxo Posicional. Esse postulado só poderia partir da noção de hierarquia, assim como fez Chomsky.

Entretanto, longe de querer entrar na discussão de haver ou não teoria sintática em Saussure, assumimos que o fato de o autor ter pensado a língua como linear, leva-nos a entender que a linearidade diz respeito ao funcionamento da língua como um todo, principalmente através do eixo sintagmático, e não apenas do significante enquanto substância acústica. Na seção que se segue, voltaremos ao conceito de Linearidade em relação à Hierarquia, no âmbito da sintaxe gerativa. Junto à hierarquia, argumentamos que a Faculdade da Linguagem não é indiferente à linearidade.

4 A SINTAXE ENTRE A LINEARIDADE E HIERARQUIA

Para iniciarmos esta seção, gostaríamos de retomar a citação de Chomsky, no PM, que trata especificamente das relações sintáticas de um indicador sintagmático. Diz Chomsky (1995)⁴²: “As duas relações básicas de um indicador sintagmático são a dominância e a linearidade.” (p.75).

Das palavras de Chomsky, percebemos que, embora a linearidade não apareça em sua teoria como um “princípio” nos moldes como o formulou Saussure, a partir do PM, a noção de “linearidade” aparece na teoria de forma mais recorrente, o que nos leva a pensar que essa recorrência se deve a um novo tratamento teórico dado a esse conceito. Essa referência à linearidade no PM parece ser fruto do desdobramento da importância que o léxico apresenta no Programa. É o que tentaremos argumentar nesta seção.

Faz-se necessário ressaltar que no PM, ao invés de posições vazias a serem apenas preenchidas pelos itens lexicais em posições correspondentes, como se defendia anteriormente com as noções de Estrutura Profunda e Estrutura Superficial, tem-se que a Numeração retira do Léxico traços formais que fazem o C_{HL} operar a partir de itens, de acordo com necessidades mínimas conceituais. Como discutimos na seção 2, encontra-se no léxico um grande número de informações que são codificadas para o C_{HL} .

Chomsky estabelece a operação sintática de c-comando, através da rigidez das relações hierárquicas, para a explicação das estruturas sintáticas através da hierarquia. O conceito de linearidade, como discutiremos mais adiante, por outro lado, não recebe o mesmo tratamento teórico. O que argumentaremos aqui é que se Chomsky não estabelece uma discussão teórica importante em torno da linearidade, este desdobramento teórico, parece-nos ter sido estabelecido por Kayne (1994) e Nunes (1995 e seguintes).

⁴² Estamos citando a tradução portuguesa, publicada por Raposo (1999).

4.1 A operação sintática de c-comando

A relação de c-comando, que surge na fase da teoria chomskyana conhecida como Teoria da Regência e Ligação, mais especificamente, a partir da tese de doutorado de Tanya Reinhart (1973), permanece na teoria como descrita por Chomsky no PM (1995) abaixo:

C-COMANDO

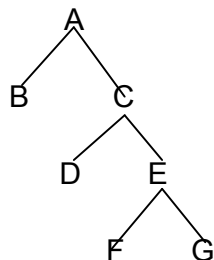
α c-comanda β se e somente se:

- (i) α não domina β e β não domina α ; e
- (ii) o primeiro nó ramificado dominando α também domina β .

Dizendo de outra forma, a operação de c-comando pode ser entendida como uma vinculação sintática que se estabelece entre dois constituintes. C-comando é uma importante ferramenta para tratar da hierarquia sintática dentro da teoria gerativa, uma vez que estabelece relações que configuram fenômenos sintáticos. Epstein (1999, p.318-9) afirma que “[S]yntactic theory is precisely a theory of relations and the elements that enter into them.”

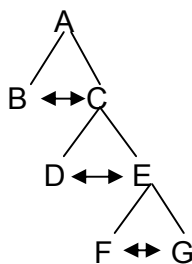
Vejamos a estrutura arbórea em (19):

(17)



De acordo com a definição de c-comando exposta acima, podemos dizer ao observar a representação arbórea que B c-comanda C (seu nó irmão) e todos os nós dominados por C (D, E, F e G). Podemos dizer ainda que C c-comanda B. já D c-comanda E e todos os nós dominados por ele. Há dois tipos de C-comando: a) c-comando simétrico e c-comando assimétrico:

(18)



O C-comando simétrico se dá quando dois nós irmãos se c-comandam, como nos casos de B e C, D e E, F e G que são c-comandados um pelo outro. O c-comando assimétrico, por sua vez, dá-se entre um nó tio e seus sobrinhos, quando há precedência, caso em que um c-comanda outro, mas não o inverso. Na representação acima temos que B c-comanda assimetricamente D, E, F e G e que D c-comanda assimetricamente F e G.

Dessa exposição de Chomsky seguida à citação, percebemos que é a noção de c-comando que a teoria gerativa elege para dar conta das relações sintáticas, de modo que a linearidade, ainda que tenha sido anunciada como sendo uma relação básica para a formação de indicadores sintáticos junto à relação de dominância, não recebe o mesmo tratamento teórico que a outra relação, embora a noção de c-comando assimétrico sugira a linearidade não explicitamente referida por Chomsky.

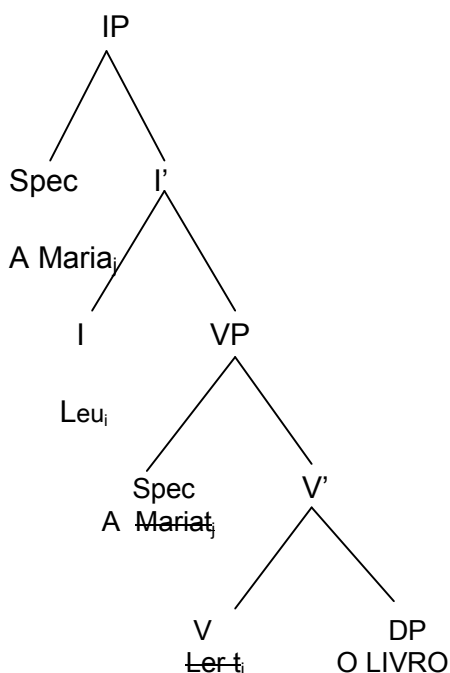
No entanto, antes de retomarmos questões referentes ao conceito de linearidade, precisamos ainda fazer uma incursão na noção de movimento dentro da teoria sintática gerativa exatamente porque é essa noção que dá conta da hierarquia em Chomsky, mas que também está no centro das discussões de Kayne (1994) e Nunes (1995) para o tratamento da linearidade.

Dessa forma trataremos a seguir dos conceitos de linearidade e hierarquia no âmbito da sintaxe, a partir das propostas de autores gerativistas que ao tratarem de questões da sintaxe, como a noção fundamental de “movimento sintático”, acabam por estabelecer uma relação entre a noção de linearidade como apagamento de cópias no caso de Nunes (1995 e seguintes), e com a noção de c-comando assimétrico no caso de Kayne (1994). A escolha dos autores se dá exatamente pelo tratamento de questões de linearidade na sintaxe gerativa em relação ao C_{HL} .

4.2 Movimento sintático

De acordo com a teoria gerativa, ou mais especificamente o PM (1995), pode-se dizer que a sintaxe das línguas naturais caracteriza-se como um conjunto de operações chamadas computacionais. Retomando o que dissemos quando tratamos do léxico na teoria chomskyana, vimos que um núcleo sintático X seleciona um complemento que com ele se combina para projetar o nível X'. Assim, núcleo V como “ler” seleciona um DP como “o livro” como seu argumento interno, resultando a projeção V', “ler o livro”, que por sua vez, seleciona o argumento externo “a Maria” resultando a projeção máxima VP “A Maria leu o livro”, como mostra a árvore sintática abaixo⁴³.

(19)



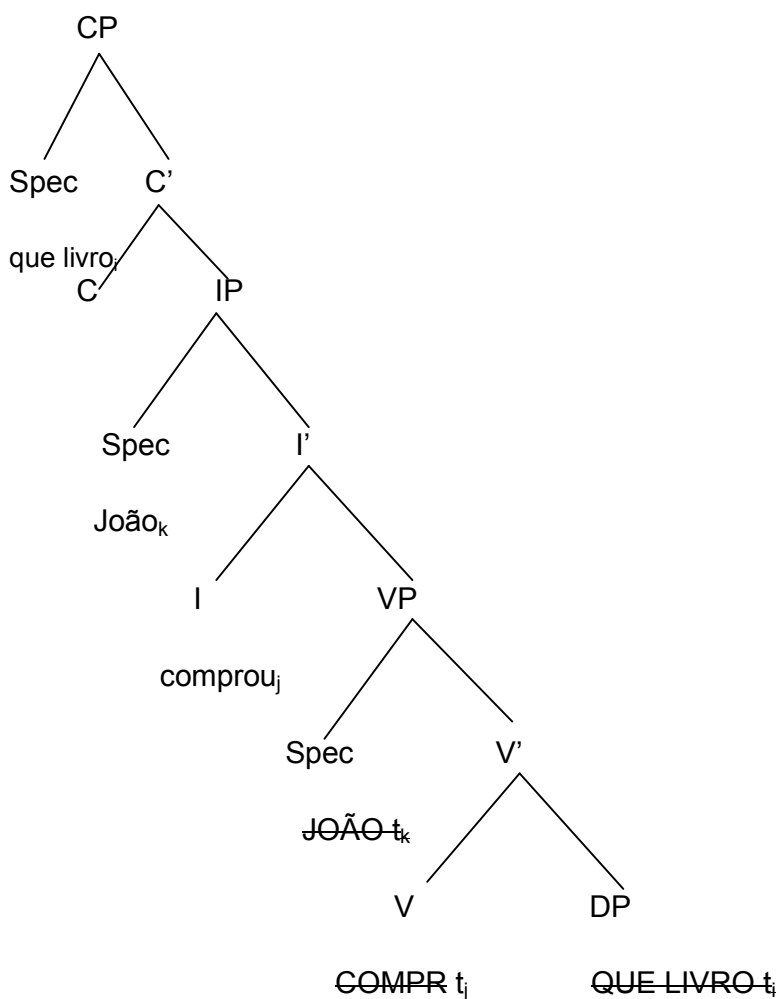
A relação descrita no parágrafo anterior e como observamos na árvore sintática, ocorre entre constituintes sintáticos que são posicionados localmente. Grosso modo, dizemos que os constituintes são alocados visivelmente um ao lado do outro, numa relação de contiguidade (c-comando simétrico), de linearidade, e apresenta exatamente a ordem canônica do português sujeito-verbo-objeto (SVO). Entretanto, há combinações em que os constituintes são combinados sintaticamente

⁴³ Ressaltamos que a representação arbórea foi simplificada para fins didáticos.

“a longa distância”. São sintagmas que estabelecem relações sintáticas não locais, regidos pela operação de c-comando assimétrico.

Na sentença: “Que livro João comprou?”, sabemos que o sintagma “que livro” é argumento interno de V e, por isso, deve ser alocado na posição canônica⁴⁴, logo após o verbo, para receber do predador o papel temático de “tema”. No entanto, ao observarmos a estrutura realizável foneticamente percebemos que o sintagma “que livro” está localizado no início da sentença, na posição de especificador de CP, como descrito abaixo.

(20)



⁴⁴ Veremos adiante, ainda nesta seção, que Kayne (1994) com seu Axioma de Ordem Linear propõe que a ordem linear universal canônica é SUJEITO-VERBO-OBJETO (SVO).

O Paradoxo Posicional enunciado por Milner (1989) diz respeito exatamente ao fato numa dada sentença, certos constituintes sintáticos poderem se realizar em posições diferentes daquelas em que são selecionados, caso em que podemos dizer que o elemento foi movido em decorrência da aplicação da operação Mover ou regra de movimento, conforme exemplificado acima.

Uma regra de movimento é entendida como um tipo de combinação sintática que desloca sintagma ou núcleos sintáticos de uma posição para outra no curso da derivação e terá como consequência o estabelecimento de relações sintáticas não locais entre constituintes, caso em que o constituinte “que livro” sai de sua posição de base (aquela em que é gerado e onde recebe papel temático) de argumento interno de V para a posição de [Spec, CP].

O que acontece é que ao se observar a estrutura, percebemos que essa relação se dá de forma indireta e não localmente, uma vez que o sintagma “que livro” está linearizado no início da sentença, distante, portanto, de seu predicador V, localizado no final da sentença. Nesse caso, ocorreu uma regra de movimento em que o sintagma foi deslocado de sua posição de base para a posição de especificador de CP, através da operação Mover. Quando dizemos que o sintagma “que livro” está linearizado no início da sentença, fazemos referência a sua posição mais esquerda da estrutura hierárquica de constituintes.

A esse respeito, Nunes (1995) propõe que não se deve entender a noção de “movimento” num sentido literal como se de fato os constituintes estivessem se movendo em nosso cérebro numa velocidade mensurável, mas como uma *metáfora*. Como veremos, assumir essa posição tem desdobramentos importantes que dizem respeito à consideração da *linearidade* enquanto uma operação, a linearização e não apenas como uma imposição externa da interface FF.

Segundo Nunes (1995)⁴⁵, o que na teoria se explica a partir da ideia de *movimento*, ou seja, o fato de um constituinte ser realizado foneticamente em uma posição diferente de sua posição de base, explica-se pelas operações de *cópia* e de

⁴⁵ Estamos assumindo Nunes (1995) porque é o texto que lança sua proposta e o mais citado entre os pesquisadores que tratam do tema. Ressaltamos, no entanto, que Nunes continua assumindo sua proposta como se percebe em seus trabalhos mais recentes. Ver Nunes (1995, 1998, 2000, 2004)

apagamento, principalmente. Colocando temporariamente em suspensão a ideia de regra de movimento como metáfora como defende Nunes (1995), podemos dizer que, inicialmente, um constituinte é movido de sua posição de base para a posição de destino. Esse constituinte pode ser uma categoria lexical ou uma categoria sintagmática qualquer que já se encontra presente no curso da derivação, cabendo ao sistema computacional para gerar o “movimento”:

- (i) Produzir uma cópia do constituinte;
- (ii) Deslocar uma cópia do constituinte para a posição de destino e;
- (iii) Apagar a cópia deixada na posição de base.

Entende-se, então, que uma regra de movimento é na verdade, segundo o autor (Nunes), um composto de três operações computacionais: COPIAR, MERGE e APAGAR. Essa relação é então capturada pelo conceito de CADEIA, conceito que nos permite entender que as cópias são na verdade um único objeto sintático, que se apresenta distribuído na sentença.

Dessa forma, veremos como uma regra de movimento, na perspectiva desse autor, se aplica a partir de seus mecanismos e suas etapas. Entretanto, para melhor compreendermos o que propõe Nunes, precisamos ainda discutir mais detalhadamente a operação movimento-A, que, juntamente com as demais noções de movimento-A' e movimento de Núcleo⁴⁶ são propostas pela teoria para tratar do que estamos chamando com Milner (1989) de Paradoxo Posicional. A operação CONCATENAR também será discutida, porque apresenta um papel importante na proposta de Nunes (1995).

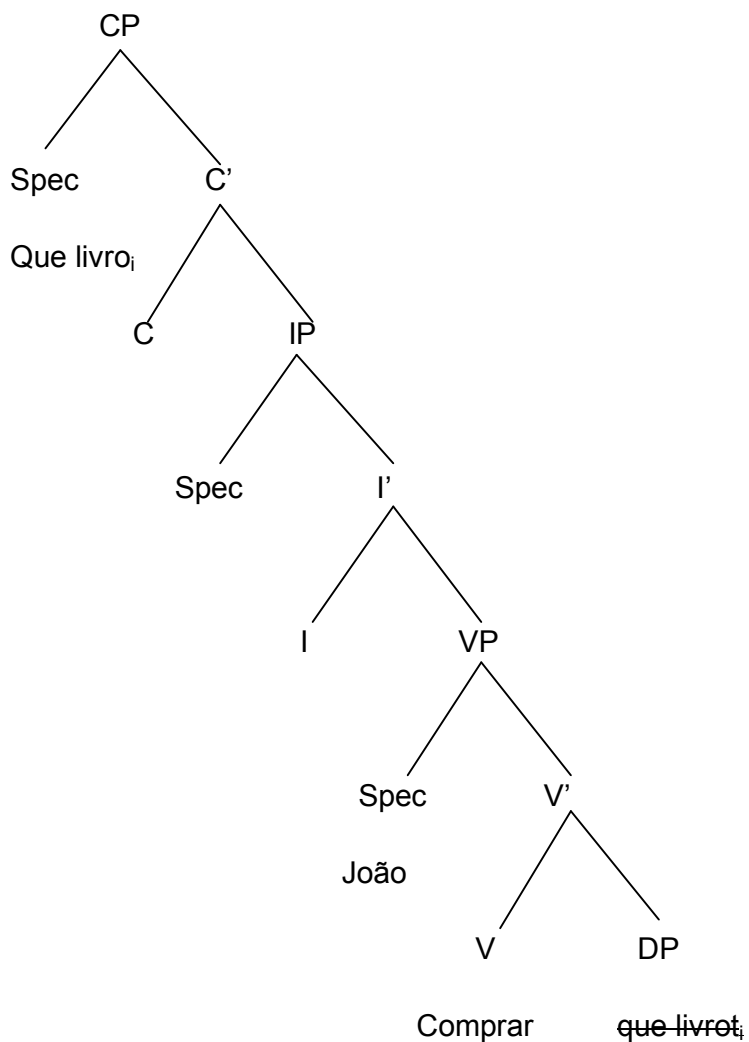
4.3 Movimento-A', Movimento A e Movimento de núcleo⁴⁷

Observemos a estrutura abaixo:

⁴⁶ Para melhor compreensão dos referidas operações, cf. Chomsky, 1995.

⁴⁷ Os exemplos trazidos para essa subseção são adaptados de Kenedy (2013). Essa é uma obra de introdução à gramática gerativa que tem por título “Curso básico de linguística gerativa”. Essa informação se faz importante porque percebemos que os exemplos são simplificados ao máximo já que se trata de uma obra de introdução. A escolha desses exemplos foi feita porque para os objetivos desta tese, são suficientes.

(21)



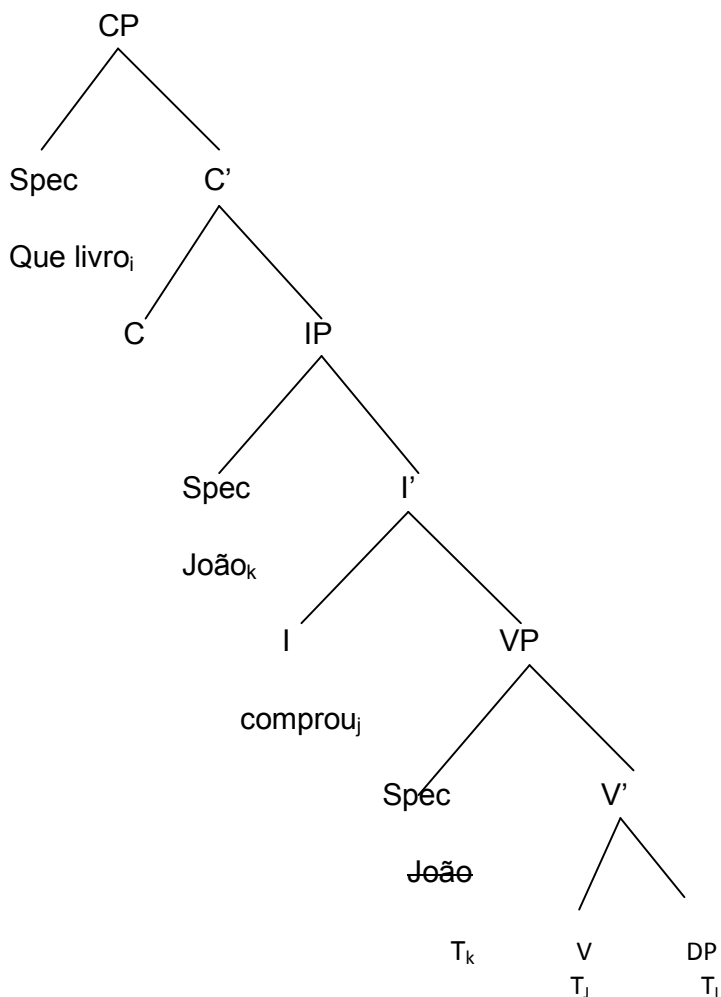
A representação arbórea acima representa o **movimento A'** que também é conhecido como movimento “qu”⁴⁸ (por acontecer especialmente com expressões interrogativas como quem, quando, que...) e é caracterizado exatamente pelo fato de que o local de chegada do constituinte movido é uma posição não argumental, por isso chamado de A', ou seja, aquela em que nenhum argumento é selecionado.

No **movimento A**, por sua vez, o constituinte que sofre a regra de movimento se desloca para uma posição argumental, ou seja, uma posição A. geralmente essa posição é a posição de especificador do sintagma temporal, posição de sujeito de

⁴⁸ Corresponde em inglês a “Wh”.

uma sentença. A posição é argumental, mas não é temática, porque se trata de uma posição de argumento estritamente sintática.

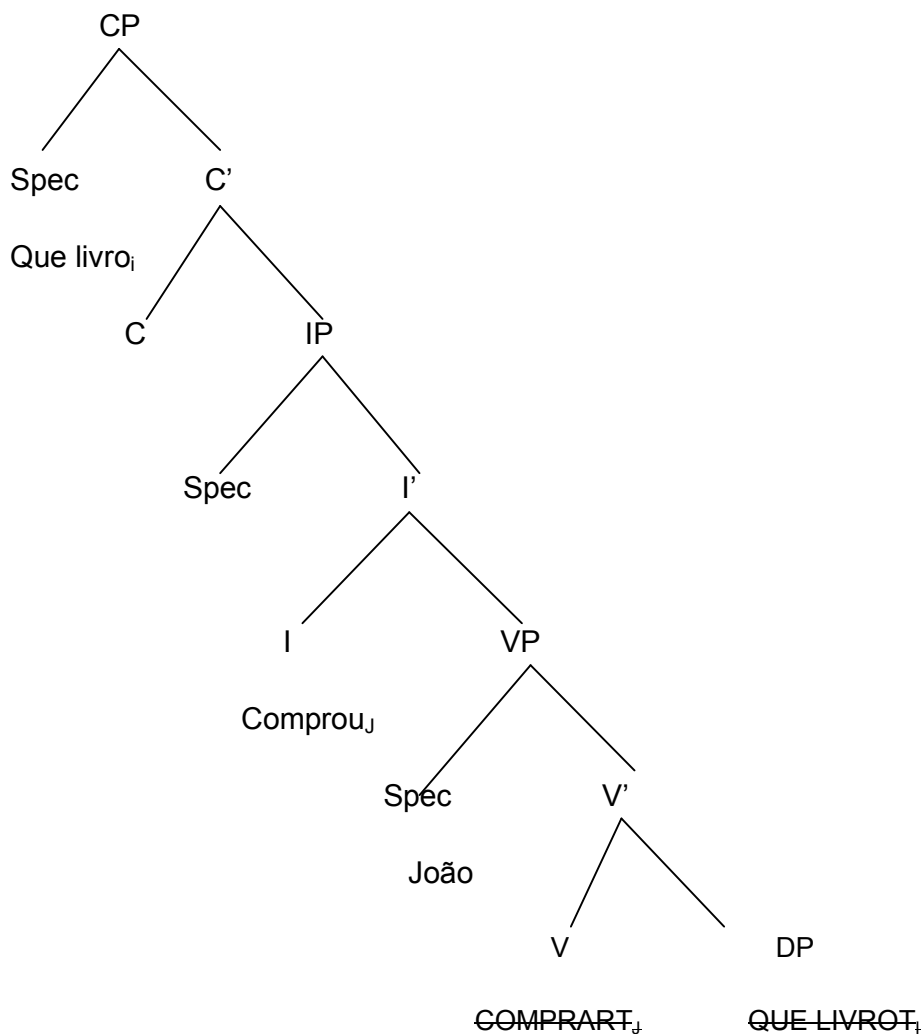
(22)



Observamos no exemplo acima que o sintagma “João” é argumento externo do verbo “comprar”. Esse argumento é deslocado para a posição de argumento externo sintático de IP (especificador de I). Isso significa que “João” tem duas funções na representação criada pelo sistema computacional: ele é argumento externo de “comprar” e, após a regra de movimento, é também especificado como sujeito da sentença.

O **movimento de núcleo** acontece quando o elemento deslocado é um núcleo sintático qualquer X, em que ele se move de uma posição de núcleo para outra posição de núcleo:

(23)



Note que na árvore acima, o verbo “comprar” ocupa a posição de V núcleo do VP. “Comprar”, em sua forma infinitiva não recebe especificações, traços, de modo, tempo, aspecto, número e pessoa, ou seja, não manifesta nenhuma flexão finita. Para que esse verbo possa receber as flexões e licenciar a estrutura como uma sentença, o núcleo de V deve sofrer movimento para I, onde são codificadas as informações flexionais. Após a aplicação da regra de movimento ao verbo, esse assumirá a forma verbal “comprou”, em que “comprar” é adjungido aos morfemas flexionais, ocupando a posição I núcleo de IP.

Outra operação não menos importante para o sistema computacional é CONCATENAR. CONCATENAR e MOVER são operações transformacionais. CONCATENAR combina objetos sintáticos já formados, para formar um único objeto

após determinado número de aplicações e deve ser aplicada apenas o suficiente para que a estrutura possa convergir, pois está restrita a condições de economia.

Dissemos com Nunes (1995) que o “movimento” não pode ser entendido literalmente, numa acepção denotativa, por tratar-se de uma metáfora. Nunes se pergunta qual dever ser então, o conceito mais apropriado a ser entendido por regra de movimento?

A partir do PM (1995), Nunes entende a regra de movimento como uma cópia de elementos. Nesse caso, Mover é uma operação de alta complexidade que, ao deslocar (alçar) um elemento, gera uma cópia desse elemento, formando com ele uma Cadeia de elementos idênticos entre si, mas diferentes pela posição que cada um ocupa na estrutura. Esse mecanismo objetiva garantir que uma cópia seja apagada no componente fonológico⁴⁹, enquanto a outra seja realizável foneticamente.

A partir da análise de Nunes (1995), podemos dizer agora que Mover é uma operação que engloba outras operações como cópia, concatenação, formação de cadeia e apagamento de traços. Devido a essa complexidade, Mover só pode ser aplicada como Último Recurso (Last Resort), ou por motivação morfológica para checagem de algum traço ou para que a estrutura possa convergir.

Acima, fizemos referência à indagação de Nunes que se pergunta qual deveria ser a melhor acepção a regra de movimento. É a partir da análise do próprio autor que se deve entender a regra de movimento como a interação entre outras operações e não como uma operação do sistema computacional em si mesma. É exatamente sobre a proposta de Nunes que passamos a discutir abaixo.

4.4 Apagamento de cópias como linearização de cadeias

Neste item, além das considerações apresentadas por Chomsky (1995), trataremos especialmente as considerações de Nunes (1995, 1999, 2004) que ao tratar do apagamento de cópias no PM assume que esse apagamento é resultado de linearização de Cadeias e computações de economia. Para exemplificar melhor

⁴⁹ Ressaltamos que há línguas que não obedecem a essa regra de apagamento,, como o Boskovi, segundo Nunes (1995).

essa afirmação, consideremos a sentença em (26) na qual *quem* no início da sentença é interpretado como objeto de *beijou*:

(24) Quem o João beijou?

Para apresentar sua análise, Nunes (1995) retoma o modelo de Regência e Ligação⁵⁰ (Chomsky 1981, 1986) que assume que essa propriedade de deslocamento das línguas naturais representa uma operação de movimento em que numa dada configuração estrutural, um objeto sintático se move de sua posição de base (aquela em que é gerado) para uma posição diferente para satisfazer certas condições gramaticais de boa formação de sentenças (de legibilidade), mas deixando em sua posição original um vestígio co-indexado, sujeito a um princípio da gramática chamado de Princípio das Categorias Vazias.

Vestígio se apresenta como uma categoria sintática sem realização fonética, mas que possui as propriedades relevantes para a interpretação apropriada do elemento movido em FL. O elemento movido, por sua vez, junto com seu vestígio formará um tipo de objeto sintático chamado Cadeia.

Nunes (1995 e seguintes) afirma que nessa perspectiva, a estrutura relevante que subjaz à sentença em (24), por exemplo, deve ser representada como em (25), em que *t* é o vestígio de *quem* na cadeia $C = (\text{quem}_i, t_i)$.

(25) [quem_i [o João [beijou t_i]]]

Elementos como vestígios e índices no Modelo de Regência e Ligação são introduzidos no decurso da derivação das sentenças, nos casos em que se observa a realização da operação de movimento. Dessa forma, esses elementos não fazem parte do arranjo lexical dos itens que entram na formação das sentenças.

No caso de (25): “ quem_i o João beijou t_i ” só fazem parte do arranjo inicial os itens *quem*, *o*, *joão*, *beij-*, *-ou* enquanto que o vestígio *t* e seu índice são introduzidos posteriormente na derivação, provavelmente na Estrutura Superficial⁵¹, de modo que

⁵⁰ Chamamos a atenção para o fato de que era exatamente este modelo da gramática gerativa que estava vigente quando Milner (1989) elabora sua análise e propõe o Paradoxo Posicional.

⁵¹ Essa seria, na ocasião, uma evidência empírica de que a linearidade seria apenas uma exigência da interface FF.

vestígios e índices são entendidos como produto (resto/sobra) de operações realizadas pela sintaxe, para atender uma imposição externa do sistema de performance.

Nunes (1995) vai dizer então, que o quadro teórico do PM teria que buscar uma nova concepção para a análise das operações de movimento, em função de sua proposta de economia. No PM, há a eliminação dos níveis de representação Estrutura Profunda e Estrutura Superficial⁵², sendo proposta por Chomsky a Condição de Inclusividade que diz que os objetos formados no nível de FL são construídos apenas a partir dos traços dos itens lexicais que alimentam a derivação.

Como vimos, vestígios e índices não estão presentes nos arranjos dos itens lexicais que alimentam a Numeração e posteriormente selecionados para a derivação, não estão presentes no léxico de uma língua particular e, portanto perdem sua função de acordo com os postulados do PM. Para garantir a interpretação do elemento movido em sua posição de base, Chomsky (1995)⁵³ propõe, ao invés do vestígio, a “Teoria de Movimento por Cópia”, (doravante TMC).

Segundo a TMC, na versão de Chomsky (1995), um vestígio é uma cópia do elemento movido que é apagada no **componente fonológico**, mas está disponível para interpretação em FL. De acordo com essa proposta, a estrutura em (25) repetida aqui como (26a), é entendida como uma abreviação de (26b), em que a cópia mais baixa de *quem* é apagada no componente fonológico, em português.

(26) a. [quem_i [o João [beijou t_i]]]

b. [quem [o João [beijou quem]]]

Além de ser compatível com a Condição de Inclusividade, dado que não há mais inclusão de elementos além daqueles que já estavam na Numeração, a TCM tem de postular uma operação que apague uma das duas cópias, a cópia mais baixa, especificamente, com vistas a bloquear estruturas como (26b).

⁵² Para melhor compreensão das razões teóricas dessa exclusão, conferir Chomsky (1995) em especial, o capítulo 4.

⁵³ Na verdade, essa teoria já é proposta por Chomsky em 1993.

No entanto, se não houver nenhuma explicação independente para o fato de que as cópias “mais baixas” têm de ser apagadas no componente fonológico, a noção de vestígio como um primitivo teórico tem de ser retomada, conclui Nunes (1995).

Nunes (1995) afirma ainda que, se a versão da TMC é mais simples e, portanto mais desejável, essa deveria tomar cabeças de cadeias e vestígios como sujeitos aos mesmos princípios e acessíveis às mesmas operações do C_{HL} . Qualquer diferença entre cabeças de cadeias e vestígios, como realização fonética, por exemplo, deveria ser derivada de propriedades do sistema *computacional independentemente motivadas*, e não de propriedades idiossincráticas dos elos das cadeias.

O apagamento de cópias (elos “mais baixos” numa Cadeia) se revela ainda mais enigmático se atentarmos para o crucial pressuposto minimalista de que considerações de economia determinam o conjunto de derivações admissíveis numa dada língua, ou universalmente.

Observemos novamente a estrutura repetida abaixo como (27a e 27b):

(27) a. [Quem [o João [beijou quem]]]

b. [Quem [o João [beijou]]]

Vemos que em (27a) o constituinte interrogativo *quem* é selecionado na posição de objeto do verbo e que por exigências sintáticas do núcleo C, esse constituinte deve ser copiado e alçado para a posição de [Spec, CP], após a operação COPIAR a estrutura apresentará duas ocorrências do constituinte interrogativo. Devido a condições de legibilidade, a sentença em (27a) não é convergente, portanto, deve-se postular que depois do movimento (alçamento) da cópia de *quem* para [Spec, CP], a ocorrência de *quem* como argumento interno do verbo deve ser apagada, o que terá como resultado (27b).

A derivação de (27b) a partir de (27a) inclui uma aplicação de apagamento envolvendo a segunda cópia de *quem*, sendo aparentemente menos econômica que a derivação de (29a), que não envolve essa operação. Portanto, se as derivações (29a) e (29b) pudessem ser comparadas em termos de economia, preveríamos

erroneamente que a derivação de (27a) deveria excluir a de (27b). Em outras palavras, não havendo nada em contrário, uma derivação em que nenhuma cópia é apagada deveria ser preferida a uma derivação em que alguma cópia é apagada. O apagamento de cópia então aparece como uma exigência para a linearização de cadeias, *motivadas por FF*.

Nunes (1995, 1999, 2004) propõe então que a impossibilidade de uma cadeia ter mais de um elo foneticamente realizado se deve ao Axioma de Correspondência Linear⁵⁴ (LCA) de Kayne (1994), que afirma que a ordem **linear de** uma sequência de itens lexicais em FF é **determinada por c-comando assimétrico**. O Axioma de Correspondência Linear (LCA) de Kayne (1994) é formulado como em (28):

(28) LCA:

Sejam X, Y não-terminais e x, y terminais, tal que X domina x e Y domina y.
Se X c-comanda assimetricamente Y, então x precede y.

Fato importante é que o LCA prevê que todas as línguas apresentam a mesma ordem básica (SVO), sendo as ordens diferentes dessa, resultado do movimento de objetos sintáticos. Portanto, quando essa ordem universal SVO não é aquela realizada em FF, O LCA mapeia os marcadores frasais de modo a determinar a ordem linear dos itens que aparecem em FF deslocados de sua posição de base. Essa ordem linear, como propõe Kayne e como assume Nunes, é determinada por C-comando assimétrico, portanto uma operação independentemente motivada, como destaca Nunes (1995).

Assumindo que as duas cópias de “*quem*” em (29a) são idênticas por se referirem ao mesmo item da numeração inicial (no sentido de Chomsky 1995), nenhuma ordem linear em (27a) pode ser estabelecida de acordo com o LCA, a menos que a cópia mais baixa seja apagada. A impossibilidade de (27a) decorre da violação da condição de assimetria sobre a ordem linear⁵⁵, a saber, a cópia mais baixa deve ser apagada porque estabelece entre os itens da cadeia uma relação de c-comando simétrico, quando o LCA determina que para linearização deva ocorrer c-comando assimétrico. Esse fato nos mostra que a linearização se dá em função

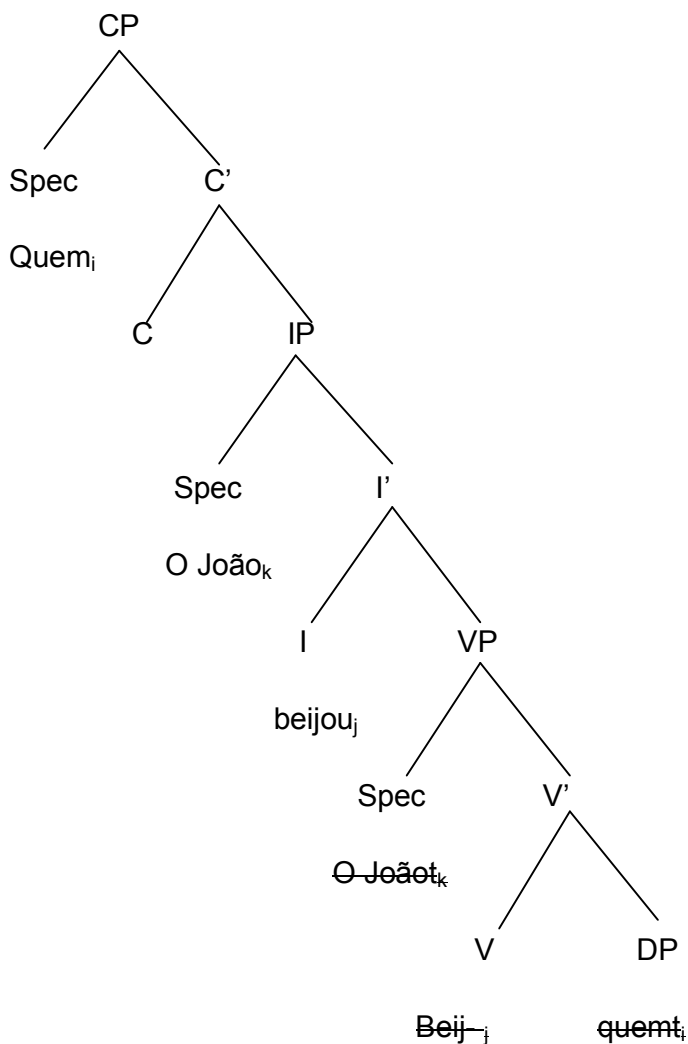
⁵⁴ Linear Correspondence Axiom.

⁵⁵ Se α precede β , então β não precede α .

hierarquia, ou seja, para que uma estrutura contendo uma cadeia C possa ser **linearizada no componente fonológico** em consonância com o LCA, faz-se necessário que o componente fonológico conserve um elo de C e apague os demais. Nunes chama essa operação de Reduzir Cadeia (Nunes 1995, 2004). Vejamos a estrutura em (27a) reproduzida abaixo como (29a e 29b)

(29) a. [Quem [o João [beijou quem]]]

(29) b.



De acordo com Nunes (1995) as duas ocorrências de *quem* em (29) correspondem a um mesmo elemento. Observe que o sujeito da sentença *o João* [Spec VP] c-comanda assimetricamente *quem* na posição de argumento interno e é c-comandado pelo *quem* quando este está em [Spec, CP]. De acordo com o LCA, o

sujeito o *João* deveria ser precedido por *quem* haja vista que esse constituinte na posição de [Spec, CP] c-comanda assimetricamente a posição em que está alocado o sujeito; proporcionalmente, o sujeito deveria preceder *quem* já que a posição ocupada pelo sujeito c-comanda assimetricamente a posição da primeira ocorrência de *quem*, na posição de argumento interno.

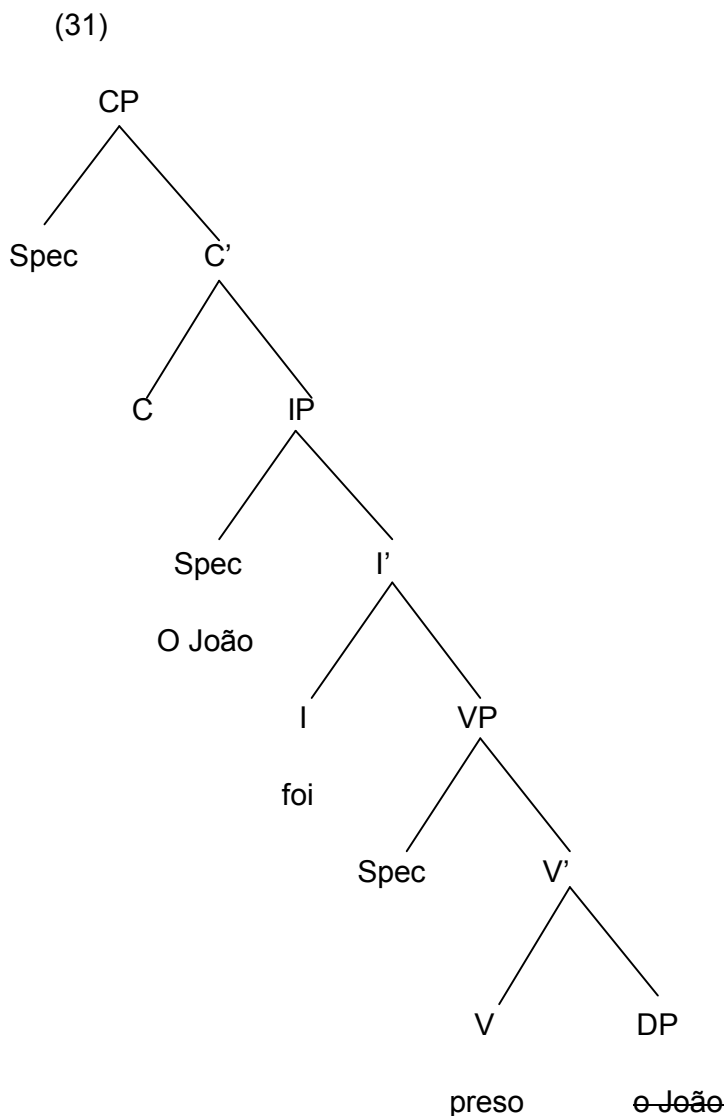
Assim, a condição de assimetria sobre a ordem linear dos constituintes proposta pelo LCA será violada caso uma das ocorrências de *quem* não seja apagada, de modo que o apagamento de cópias se dá como garantia de linearização da sentença em FF, de acordo com o LCA. A derivação em (28a) então, não pode ser admitida como uma derivação legível na interface FF e por isso não entra em competição com (28b) devido às condições de economia.

Resta ainda explicar, segundo Nunes (1995), por que somente “vestígios/cópia”⁵⁶ são apagados para efeito de linearização, mas não cabeças de cadeias, ou seja, porque somente as cópias mais baixas devem ser apagadas para fins de linearização e não as cópias que estão na posição de [Spec, CP]. Nunes (1995, 1999, 2004) então defende que cabeças de cadeias se diferenciam de seus vestígios no curso da derivação porque as cabeças de cadeia, os elementos mais altos, participam em mais relações de checagem.

Dado que nenhum traço formal é interpretável em FF, Nunes (1995, 1999, 2004) estende o mecanismo de checagem proposto por Chomsky (1995), assumindo que, quando checados, traços formais se tornam invisíveis também em FF. Um exemplo dado pelo autor (Nunes, 1995) diz respeito à checagem de traços de Caso nos DPs movidos para a posição de sujeito em construções passivas.

- (30) a. o João foi preso
 b. Foi preso o João-Caso
 c. [o João-Caso [foi [preso O João-Caso]]]
 d. [O João [foi [preso O João-Caso]]]

⁵⁶ Vestígios se se considera a Teoria de Movimento por Cópias em Chomsky; Cópia se se considera a proposta de Nunes.



Segundo Chomsky (1995) construções passivas são aquelas em que o argumento interno do verbo é movido (alçado) para a posição de argumento externo para receber as propriedades de Caso, ou seja, para checar os traços de Caso. Dessa forma, a estrutura arbórea exemplificada em (31) contém as fases derivacionais exemplificadas em (30 b, c e d) com a projeção do DP *o João* na posição de objeto do verbo e depois alçado para a posição de sujeito [Spec, IP].

De acordo com Nunes (1995) como apenas o constituinte que representa a cópia mais alta (*O João* em [Spec, IP]) entra em relação de checagem com os traços finitos de I, apagando os traços de Caso do DP, de modo que o apagamento da cópia mais baixa resulta numa derivação convergente e legível. Se houvesse o

apagamento da cópia mais alta, a derivação não seria legítima em FF uma vez que a cópia mais baixa apresenta traços de Caso ainda não eliminados.

Dessa forma, a operação MOVER, para Nunes (1995, 2001, 2004), não é uma operação do C_{HL} . Diz ele:

Rompendo com uma longa tradição dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros [...] Mover não é uma operação do sistema computacional, mas a interação das operações Copiar, Concatenar, Formar Cadeia e Reduzir Cadeia. (1995, p.211)

Nesse caso a operação MOVER é o produto das operações: COPIAR, CONCATENAR, FORMAR CADEIA E REDUZIR CADEIA. Copiar reproduz o constituinte a ser movido na estrutura; Concatenar que toma a cópia criada e a concatena em uma posição mais alta na estrutura sintática e Reduzir Cadeia que atua no apagamento das ocorrências do constituinte copiado, deixando apenas uma cópia para ser lida em FF⁵⁷.

Atentando para a otimização do PM, a proposta de Nunes tem a vantagem de reduzir operações aparentemente redundantes como MOVER e FORMAR CADEIA. A linearização de cadeia como apagamento de cópias obedece à exigência de otimização, de modo que a linearização como a apresenta Nunes (1995) não acarreta peso a mais para o sistema.

Algumas conclusões a que chega Nunes são interessantes para este momento do trabalho. Sua proposta prevê que uma Cadeia não possa ter mais do que uma cópia realizada visivelmente e que toda cadeia tem que sofrer o apagamento de todos, menos um termo, como forma de **forçar a linearização da estrutura em FF**. Essas condições são amplamente motivadas pelo autor, utilizando-se dos mecanismos gerais do C_{HL} .

A discussão de Nunes em relação à linearização de itens em FF nos permite entender a linearização não apenas como uma imposição da interface FF, mas como consequência de operações do C_{HL} , o que nos leva a pensar que é o próprio sistema que demanda a linearização, ainda mais quando essa linearização é determinada por c-comando, uma operação responsável pela construção de objetos sintáticos.

⁵⁷ Vale ressaltar que as análises são baseadas apenas em dados do Português.

Dessa forma, paralelamente a operação de C-Comando assumida por Chomsky (1995) em sua teoria sintática, reconhecemos a operação de Linearização, a partir de Nunes (1995), como sendo o produto das operações de Copiar, Concatenar, Formar Cadeia e reduzir Cadeia, juntamente com a de C-Comando. Essa operação de Linearização participa da determinação da natureza íntima da linguagem humana, ou mais especificamente da língua-l. Concluímos que, num sentido particular, as operações do C_{HL} impõem ao sistema de performance FF sua linearidade que, através do sistema A-P, que disporá os itens lexicais numa linha temporal e não o contrário.

4.5 Novas considerações sobre a linearidade em Chomsky: linearização e aquisição de linguagem

Como vimos discutindo, para Chomsky, a linearidade é um efeito natural das condições externas impostas à FF pelo sistema A-P, remontando-nos à citação em que o autor afirma que se fôssemos telepatas não precisaríamos deste mecanismo.

Parece, então, ser necessário não tratar da relação de linearidade como o faz com a relação de dominância. Assumir a linearidade como imposição externa parece não afetar a perfeição, já que essa, sendo externa ao sistema, não lhe diria respeito. Daí a assunção de que o C_{HL} não comporta a linearidade.

Entretanto, algumas questões são imperativas no que toca à linearidade no escopo da teoria chomskyana. Das próprias palavras de Chomsky, interpretamos que a linearidade aparece recebendo um novo tratamento em relação à sintaxe, quando o autor a coloca ao lado da relação de dominância quando afirma que “As duas relações básicas de um indicador sintagmático são a dominância e a linearidade”. (1995, p.75).

A linearidade, como já assinalava Saussure, foi entendida como sendo um conceito óbvio do qual não era necessário teorizar. Ainda que não tomemos a linearidade em Saussure e Chomsky como sendo exatamente a mesma coisa, nossa interpretação nos permite pensar essa linearidade como uma menção ao princípio de Saussure. Ademais, como já discutimos, a partir do PM, a referência à linearidade parece sinalizar nova possibilidade de reflexão teórica em torno desse

conceito, que convoca o mestre genebrino por ter sido o primeiro a teorizar sobre ele.

Além disso, se no CLG Saussure já nos apresenta “dois tipos de linearidade” ao destacar a linearidade do significante e a da língua, esses dois modos de entender as “linearidades” parecem ser unânimes entre os autores que tratam do tema, em especial aqueles citados na seção 3, como Testenoire (2017) e Arrivé (2010). O primeiro autor conclui que a linearidade para Saussure se apresenta no plano da fala, como sendo de natureza acústica da substância da linguagem (som), e na esfera da língua, quando se manifesta no nível das relações sintagmáticas. Arrivé (2010), da mesma forma, assume que a linearidade afeta tanto a fala quanto a língua.

Aquilo que Nunes (1995) propõe, ao assumir o LCA de Kayne (1994), também parece-nos levar a encontrar no na língua-l, “dois tipos de linearidade”: uma universal, na qual se postula que todas as línguas apresentam na Faculdade da Linguagem a mesma ordem linear chamada de canônica, a saber, SVO; a outra, a linearidade que se apresenta realizada em FF, também explicada pelo LCA, quando a ordem canônica não é obedecida, neste caso, igualmente regida por hierarquia, já que o “movimento” obrigatoriamente se dá para a esquerda da sentença, numa relação de c-comando assimétrico.

Ainda que não possamos definir as noções de *Língua e Fala* em Saussure e *Competência e Desempenho* em Chomsky como sinônimos, as noções de linearização, FF, realização, Interface, parecem convocar um retorno a Saussure pela via da *Fala*, especialmente quando se tem em mente a importância teórica que a aquisição da linguagem apresenta na teoria chomskyana atual. Se no início a aquisição se apresentava apenas como um argumento lógico para a assunção de uma Gramática Universal e seu estado inicial, agora podemos dizer que vislumbramos a aquisição como um possível lugar de evidência empírica para a teoria.

Se a aquisição de uma língua particular demanda a interação da GU com dados do *input*, necessariamente a criança precisar ter acesso à *Língua*, enquanto realização fonética, que nos remete diretamente à interface FF, à linearidade e

ainda, à *cadeia da fala* para segmentação dos itens lexicais, que é a condição de entrada da criança na língua particular a que é exposta.

Dissemos acima que a aquisição da linguagem foi tomada pela teoria chomskyana como um *argumento lógico* para a hipótese da GU, como afirma Mary Kato (2000). Lopes (1995) ao tratar da “natureza da criança chomskiana”, (p. 83) considerando diferentes momentos da teoria, a define inicialmente como uma “criança epistemológica” e, posteriormente, como “biológica”, mas que “não pode chegar a ser empírica” (idem, p. 88). Isso se explica, segundo a autora, porque a teoria linguística chomskyana não produz hipóteses falsificáveis pela fala da criança, ou melhor, não institui a fala da criança como sua empiria.

Retomando o que dissemos, se antes, a referência à aquisição de linguagem tinha por função apenas sustentar a hipótese inatista, agora, a aquisição de linguagem parece ir tomando um caminho diferente, pois, embora continue sendo um argumento lógico para a teoria, percebemos que questões empíricas de aquisição têm sido mencionadas na argumentação de Chomsky, especificamente quanto à aquisição dos itens lexicais, como se observa nas palavras do autor ao afirmar, por exemplo:

O estudo da aquisição da linguagem conduz à mesma conclusão. Um olhar cuidadoso sobre a interpretação das expressões revela muito rapidamente que, desde os estágios mais iniciais, a criança sabe muito mais do que a experiência ofereceu a ela. Isso é verdadeiro mesmo em relação a palavras simples. Em período de pico de aquisição da linguagem, **uma criança adquire palavras numa média de cerca de uma palavra por hora**, com exposição muito limitada e sob condições muito ambíguas. (CHOMSKY, 2000, p. 35, grifo nosso).

Percebemos na citação acima, a incorporação explícita de resultados vindos da área da aquisição de linguagem, obtidos através de pesquisas empíricas que contabilizam o número de palavras adquiridas por crianças em certo período de tempo, cronologicamente medido: “uma palavra por hora”.

Será, evidentemente, o aparato genético que, para Chomsky, explicará a rapidez e eficiência dessa aquisição, mas agora a sua realização *temporal* será explicitamente referida pelo autor. É o que percebemos em outra citação do autor quando diz, recordando Saussure, que:

[...] a variação da linguagem parece residir no léxico. Um aspecto é a “arbitrariedade saussuriana”, as ligações arbitrárias entre conceito e som: o programa genético não determina se *tree*, o conceito, está associado ao som de “*tree*” (em inglês) ou “*Baum*” (em alemão). Entretanto, os sons possíveis são estritamente restritos e os conceitos podem ser virtualmente fixos. É difícil de imaginar outra solução, dada a *média de aquisição lexical, de mais ou menos uma palavra por hora entre os 2 e os 8 anos*, com itens lexicais tipicamente adquiridos em uma simples exposição, em circunstâncias muito ambíguas mas entendida em delicada e extraordinária complexidade que vai muito além daquilo que está registrado no dicionário mais abrangente. (CHOMSKY, 2000, p.215 – grifos nossos)

Chamamos a atenção para o fato de que a referência, agora, estende-se não só ao ritmo da aquisição, mas à idade em que essas mudanças são observadas no período temporal da aquisição da Língua-I. Para nós, essa mudança de atitude sinaliza para a importância adquirida pela aquisição de linguagem. Uma importância, entretanto, decorrente da possibilidade de incorporá-la ao modelo por meio do reconhecimento de que os itens lexicais guardam os traços necessários para a formação do objeto sintático.

A partir disso, entendemos que a relação entre a Língua-I e o *input* que necessariamente convoca a noção de *fala, de aquisição de léxico e de linearidade*, parece tomar outro estatuto, reformulado exatamente pela relação do C_{HL} com as interfaces.

O *input* recebido pela criança alimenta a Faculdade da Linguagem, de modo que para que a criança possa adquirir uma língua particular, precisa necessariamente passar pela via da *fala*. Além do mais, a área da aquisição de linguagem não pode deixar de considerar a fala da criança como um meio de supor que ela marcou os parâmetros relacionados a sua língua particular.

O *input* se apresenta para a criança como uma cadeia linearmente disposta. É a partir da cadeia que se faz possível a *segmentação dos itens* que conterão as informações necessárias à aquisição de uma língua. *Dessa forma, podemos estabelecer uma relação entre a linearização na cadeia da fala, sua segmentação em itens lexicais e a aquisição de uma Língua particular*, admitindo que, como reflexo da linearização da língua, os itens lexicais comportam traços formais suficientes para a composição dos objetos sintáticos. O C_{HL} opera a partir de traços, mas é o item lexical que a criança segmenta; é a partir do léxico, que alimenta a

Numeração, em última instância, que a sintaxe pode operar nos moldes do modelo atual.

Assumimos que essas novas considerações sobre a linearidade no PM são fruto do desdobramento da importância que o léxico adquiriu desde Princípios e Parâmetros. Com o fim dos níveis de representação Estrutura Profunda e Estrutura Superficial, ao invés de posições vazias a serem apenas preenchidas instantaneamente pelos itens lexicais em posições correspondentes, tem-se que são retirados do léxico via Numeração os traços formais que fazem C_{HL} operar, na construção dos objetos sintáticos de acordo com necessidades mínimas conceituais.

Em relação à linearidade, vimos que Milner (1989) afirma que a forma linear da linguagem não afeta apenas a substância fônica, mas tem implicações para a sintaxe. Não se pode ignorar esse entendimento de Milner (1989), visto que ele é o autor que reconhece em Chomsky o mérito de criar uma teoria estritamente sintática. Quanto a Saussure, afirma o autor que este não foi capaz de tal feito por não reconhecer a *hierarquia* e, conseqüentemente, o *Paradoxo Posicional*.

Entretanto, diríamos que é necessário opor Milner (1989) a ele mesmo, uma vez que, é a partir do próprio autor, que podemos entender a linearidade como um fenômeno que toca o funcionamento da linguagem como um todo, incluindo sua sintaxe, e não apenas por uma necessidade de uso da linguagem. É o que nos diz o próprio Saussure ao afirmar que “[T]oda sintaxe remonta a um princípio tão elementar que parece pueril evocá-lo: é o caráter linear da língua”. Baseando-nos na discussão que vimos fazendo, entendemos que a linearidade se apresenta como algo que não se pode ignorar ou atribuir apenas ao uso da Língua-I.

Ruwet (1979) afirma que a linearidade saussuriana pressupõe uma teoria da performance em Chomsky. Buscamos demonstrar o contrário. A linearidade é inerente à faculdade da Linguagem e à “natureza íntima da linguagem humana”, de forma que não pode ser entendida apenas como questão de uso, de fora, de performance.

Entendemos que, com a hipótese lexicalista, o modelo chomskyano não prevê que haja uma sintaxe estritamente abstrata, mas a sintaxe só é possível quando os elementos (itens, traços) são postos para o sistema, o que torna o vínculo entre a sintaxe e a aquisição de linguagem mais evidente.

Não podemos negar que a exigência de FF diz respeito diretamente à aquisição de linguagem, do que concluímos que o problema lógico da aquisição da linguagem, formulado pela impossibilidade de acesso à língua senão pela GU, não pode permanecer indiferente às condições impostas pelos sistemas externos.

Desse ponto de vista, defendemos uma inversão do argumento chomskyano. Como vimos, segundo o LCA todas as línguas humanas apresentam a mesma ordem canônica, ou seja, SVO. Ainda de acordo com Kayne (1994), as diferentes ordens lineares das línguas se dão por conta do movimento de objetos sintáticos, ou seja, o Paradoxo Posicional. Dessa forma, há movimento para que os objetos sintáticos possam ser legíveis em FF.

Dizendo de outro modo, segundo Nunes (1995), o apagamento de cópias se dá devido à exigência de ordem linear imposta por c-comando assimétrico, o que nos leva a concluir que a motivação para linearização é interna ao C_{HL} via c-comando e não apenas imposta de fora pela interface FF.

Nossa análise propõe que o fato de existir uma ordem linear universal para todas as línguas (SVO), segundo o LCA, faz com que a linearidade em FF seja um desdobramento de uma exigência interna ao funcionamento da língua-l e não externa a ela, de modo que os objetos sintáticos são movidos para que a interpretação da sentença esteja de acordo com a ordem SVO em FL. A linearização acontece porque, mesmo que em FF objetos sintáticos sejam alocados em posições diferentes daquelas em que são gerados, a interpretação da estrutura sintática deve estar de acordo com a ordem SVO em FL, ou seja, SVO impõe que a linearização em FF seja interpretada apenas nessa ordem, mesmo que a realização em FF não o seja.

É nesse sentido que afirmamos acima haver dois tipos de linearidade: uma universal para todas as línguas que impõe a ordem SVO segundo o LCA; e outra realizada em FF de acordo com a língua que se está adquirindo, o que nos remete ao Paradoxo Posicional enunciado por Milner, pois quando a ordem SVO não é obedecida, deve ocorrer a regra de movimento à esquerda regida por c-comando assimétrico. Vemos assim que, de qualquer forma, a ordem idiossincrática de cada língua particular deve obedecer à ordem SVO na interpretação FL, sendo necessário para isso, que ocorra a operação que a partir de Nunes (1995 e seguintes),

chamamos de Linearização, a saber, o produto do complexo das operações de copiar, concatenar, formar cadeia e reduzir cadeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese se propôs a retomar a oposição destacada primeiramente por Milner (1989) entre o conceito saussuriano de *linearidade* e o conceito chomskyano de *hierarquia* e sua determinação na caracterização da natureza íntima da linguagem, ou da língua-I. Vimos que Milner (1989) em sua célebre “Introdução à Ciência da Linguagem” considera que é Chomsky o autor responsável por escrever a ciência da linguagem nos moldes de uma ciência galileana, elaborando uma teoria geométrica da sintaxe, a partir do reconhecimento do que ele chamou de *Paradoxo Posicional*, que concluímos ser a atual regra de movimento Mover α . Segundo Milner, isso não foi capaz de acontecer com Saussure porque esse destaca somente a linearidade.

Defendemos que esta tese se justificou porque nela reconhecemos, no momento atual da Linguística, a necessidade de retomar a reflexão epistemológica e histórica da área, tendo em vista a dispersão do campo, em detrimento da abordagem de seu objeto. Além disso, trouxemos para nossa discussão dois autores da linguística formal, Saussure e Chomsky, que, segundo nossa análise, enquadram-se dentro de um mesmo objetivo, qual seja, colocar a linguagem no campo científico operando “cortes” importantes na área a partir da delimitação da “língua” como o objeto da ciência linguística.

Nesta tese, especificamente, examinamos em que medida a referência à linearidade em Chomsky, desde o Programa Minimalista, sugeriu a abertura de um espaço teórico para considerá-la no âmbito da sintaxe, juntamente com a hierarquia.

Foi esse o caminho percorrido por esta tese: na *Introdução* apresentamos as indagações que nos levaram a “caminhar” pela linha reta” da LINEARIDADE e nos “Mover” pela HIERARQUIA. Especificamente, a conclusão a que chegamos nesta tese foi a seguinte: embora entendamos que o C_{HL} , tal qual compreendido por Chomsky, não comporte a noção de linearidade, mas apenas de hierarquia na construção do objeto sintático, concluímos que a linearidade deve ser entendida como uma relação interna à língua-I, através de uma operação que, a partir de

Nunes (1995), nomeamos de Linearização, e não como uma imposição da interface FF.

Por isso, diferentemente de Ruwet (1979) que afirma que a linearidade saussuriana pressupõe uma teoria da “performance” e ainda diferentemente de Chomsky, que entende a linearidade como uma imposição externa à Faculdade da Linguagem, concluímos que a linearidade é inerente à língua humana, sendo interna “à natureza íntima da linguagem”, e que a formação de objetos sintáticos e a própria sintaxe não são indiferentes à linearização dos itens lexicais.

Na seção 1, apresentamos a possibilidade de entender Saussure, assim como Chomsky, um cientista galileano, a partir da assunção de Milner (1995) de que Saussure não funda uma nova linguística, mas dá continuidade a ciência da Gramática Comparada e, que esta, apresenta uma epistemologia galileana, fato que nos levou a concluir ser a epistemologia da teorização saussuriana uma epistemologia galileana (assim como também assume Bouquet) e a incursão dos dois autores (Saussure e Chomsky) nesta tese.

Na seção 2, apresentamos as escolhas de Saussure e Chomsky da Língua e Língua-I respectivamente como objeto da ciência que se propunham formular. Vimos que, os dois autores não apresentam o mesmo conceito de Língua: para Chomsky a Língua é entendida como individual e intencional, (uma Língua-I), uma capacidade genética humana, o que insere Chomsky nos ramos da psicologia e da biologia, e para Saussure a Língua uma herança, uma espécie de contrato social por excelência, não está completa no cérebro de nenhuma falante individual, mas apenas na massa falante. Não obstante, ambos assumem a Língua como a possibilidade de uma ciência linguística sincrônica, que toma por objeto aquilo que pode ser homogeneizado, um objeto imanente que não depende do meio externo para ser explicado, optando por um recorte e se inserindo naquilo que foi denominado de *linguística formal*, buscando explicar a estrutura geral da língua.

Percebemos, no entanto, que a noção de Língua (*langue*) ou Língua-I (interna, individual) não pode ser indiferente às noções de Fala/manifestação/eixos sintagmático e associativo e Uso/interface/FF, respectivamente, pois essas noções colocam as teorias frente a questões que não podem ser ignoradas. No caso de Saussure, a *fala* como efeito sobre sujeito falante e como a entrada de mudanças no

sistema linguístico e, no caso de Chomsky, como empiria para a aquisição de linguagem, como possibilidade de entrada da criança na linguagem enquanto *input* que fornece as informações necessárias à marcação dos parâmetros sendo, inclusive essa, a explicação para a mudança linguística na teoria gerativa, a saber, a marcação divergente de um parâmetro de uma língua particular.

Nesse caso, nossa interpretação a respeito das noções de “Uso” e “Fala” nos levaram a concluir que o uso enquanto execução da língua é diferente do efeito da Fala sobre o falante, seja ele adulto ou criança. Em Saussure, nos parece, a fala se apresenta de duas formas: como execução da língua, o que coincide com a noção de “Uso” a que se refere Chomsky, e como **efeito** sobre o falante, que leva à mudança no sistema. Por outro lado, em Chomsky, o “input” que não é tratado pelo autor especificamente em sua teoria, por ter efeito sobre a aquisição, deve ser entendido para além do “uso” enquanto execução, mas como a “fala” que permite a entrada da criança na língua via marcação paramétrica.

Nesta mesma seção, apresentamos a Teoria do Signo em Saussure e o Léxico em Chomsky. Destacamos o fato de que Saussure é o autor que sistematiza o conceito de signo linguístico ao assumir a língua como um sistema de signos. A partir dos ELG vimos com Cunha (2008) que, para além da noção dicotômica da “visão habitual” de signo como uma entidade formada por um significado e um significante, Saussure nos apresenta a “visão proposta” que entende o signo como uma relação quaternária de dois termos em que significados mantêm relações com outros significados e significantes mantêm relações com outros significantes.

A adoção da hipótese lexicalista pela teoria de Chomsky foi capaz de operar no modelo reformulações fundamentais como percebemos durante todo este trabalho. A exclusão dos níveis de Estrutura Profunda e Estrutura Superficial é um ponto importante, pois agora os itens são retirados da Numeração e alocados em posições linearmente hierarquizadas, sem necessidade de haver uma estrutura prévia a ser preenchida pelas relações de dominância e linearidade.

Nesse sentido, parece haver uma aproximação da noção de signo quando pensado nas relações que estabelecem nos eixos sintagmático e associativo propostos por Saussure como eixos de funcionamento da linguagem. A diferença do Léxico para Saussure e Chomsky parece residir principalmente no fato de que em

Saussure não há a possibilidade de se entender que os itens são, *a priori*, constituídos de traços semânticos, fonéticos e formais, e, por conseguinte, se diferenciarem em itens lexicais e itens funcionais como pressupõe Chomsky. Ao contrário, para Saussure, é apenas na relação entre os signos nos eixos e a partir do valor adquirido pela relação que se pode atribuir ao signo qualquer positividade, já que esse tem a característica de ser diferencial e opositivo, sendo a língua é “um sistema de valores puros”.

Na seção 3, colocamos em retrospecto o princípio de linearidade que, na teorização de Saussure não obteve a mesma fortuna de outros conceitos, por ter sido sufocado pelas críticas de Jakobson, e, depois pela sua aparente refutação com a descoberta das pesquisas anagramáticas, mas vem despertando interesse de alguns autores como Testenoire (2010, 2017), desde a descoberta dos manuscritos em 1996. Vimos que ao tratar da Linearidade, autores como Testenoire (2010, 2017), Pereira de Castro (2013), Arrivé (2010), Souza (2012) e Milner (1989) acabam por concluir que a linearidade afeta tanto a *língua* quanto a *fala*. No âmbito dessa discussão, a análise de Milner (1989) se fez fundamental especialmente por apresentar o conceito de *Paradoxo Posicional* e ainda por ter sido Milner o autor a primeiramente colocar a linearidade no âmbito da sintaxe através de sua teoria geométrica dos Termos e das Posições.

Na quinta e última seção, antes de nossas considerações finais, tratamos de questões da LINEARIDADE E HIERARQUIA na sintaxe gerativa, ou mais especificamente Língua-I. Concluímos que o fato de existir uma ordem linear universal para todas as línguas (SVO), como propõe o LCA de Kayne (1994), faz com que a linearidade em FF seja uma exigência interna ao C_{HL} e não externa, de modo que os objetos sintáticos são movidos para que a interpretação da sentença esteja de acordo com a ordem SVO. A exigência nesse caso é interna.

A linearização acontece porque, mesmo que em FF, objetos sintáticos sejam alocados em posições diferentes daquelas em que são gerados, a interpretação da estrutura sintática deve estar de acordo com a ordem SVO, ou seja, SVO impõe que a linearização em FF seja interpretada apenas nessa ordem, mesmo que a realização em FF não o seja.

Concluimos haver dois tipos de linearidade: uma universal para todas as línguas que impõe a ordem SVO segundo o LCA; e outra realizada em FF de acordo com a língua que se está adquirindo. De qualquer forma, a ordem idiossincrática de cada língua particular deve obedecer à ordem SVO na interpretação, aproximando-se de certa forma daquilo que Saussure elaborou como sendo a “linearidade da língua” ao tratar dos eixos sintagmáticos e associativos, e da “linearidade do significante” se referindo à parte fônica do signo.

Concluimos ainda que, em última instância, o *Paradoxo Posicional* de que trata Milner (1989) se resolve como um recurso à linearização. Uma linearização da estrutura de constituintes que, embora hierarquicamente dispostos, são linearmente distribuídos a partir de uma ordem de precedência de uns em relação aos outros, garantindo que as operações de c-comando, assim como o princípio da economia, conforme o PM, atuem.

Assim, ainda que num sentido particular, as operações do C_{HL} impõem ao sistema de *performance* FF sua linearização que, na solução A-P, disporá os itens lexicais numa linha temporal e não o contrário. Essa última linearização difere da anterior, mas sugere guardar as suas marcas na forma de traços que permitirão que, na segmentação da cadeia falada, os itens que compõem o dicionário mental e alimentarão a Numeração guardem as marcas das posições sintáticas ocupadas na derivação. Concluimos, por fim, que essa segmentação na cadeia da fala toca diretamente as considerações sobre a aquisição da linguagem.

Nossa argumentação nos levou a perceber a importância da segmentação na cadeia da fala nas considerações sobre a aquisição da linguagem. Em Chomsky (2000), como vimos, encontramos o autor, por mais de uma vez a fazer menção ao número e ritmo de aquisição de palavras por uma criança ao longo do processo de aquisição de linguagem. Essa menção não é desprezível, uma vez que, leva-nos a reconhecer a vinculação, de forma bastante explícita e pontual, das considerações da sintaxe gerativa às da aquisição da linguagem, especificamente quanto à aquisição do léxico, este necessariamente segmentado da cadeia linear da fala que compõe o *input* linguístico a que a criança está exposta.

Estamos longe de exaurir o tema, visto que, como percebemos durante todo esse percurso, tratar de *linearidade, fala, questões de uso* a partir de uma teoria que

assumidamente se declara ser uma teoria mentalista, internalista, parece ser um caminho inverso, para não dizer ousado. Há, evidentemente, muito a se questionar sobre a natureza da linguagem e a relação/separação/exclusão/aproximação entre LÍNGUA e FALA, principalmente quando se trata de Saussure e Chomsky. Trata-se de conceitos que apresentam, em suas respectivas abordagens, características essenciais.

Se quanto à *linearidade*, como a apresentamos nesta tese, não se pode encontrar um posicionamento dentro da teoria gerativa, dizemos com Chomsky que, se ainda não temos “resposta a essas questões, a habilidade de formulá-las constitui, em si mesma, um avanço empolgante.” (CHOMSKY, 2000, p.13).

Foi esta, enfim, a trajetória percorrida por esta tese: nos MOVER pelos “comandos” da HIERARQUIA para CAMINHAR sobre a “linha reta” da LINEARIDADE.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento*. Rev. Dep. Psicol., UFF, v. 18, n. 1, p. 11-28, 2006.

AMACKER, René. *Le développement des idées saussuriennes chez Bally e Sechehaye*. *Historiographia Linguistica*, v. XXVII: 3. Amsterdã: John Benjamins BV, 2000. p. 205-264.

ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes Editores, 1966/2005.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1974/2006.

BOUQUET, S. *De um pseudo-Saussure aos textos Saussurianos originais*. *Letras & Letras*. Uberlândia v. 25, n. 1, 2009, p. 161-175, jan./jun.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRITO, A. M. *A relação semântica lexical-sintaxe na gramática gerativa: um balanço a propósito da natureza aspectual e da estrutura argumental de alguns tipos de verbo*. *Revista da Faculdade de Letras "Línguas e literaturas"*. Porto, XV, 1998, pp. 377-420.

CASTRO, Maria Fausta Pereira de. *Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana.* *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto (2013): 87-98.

CHOI, Yong-Ho. *Le Problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: l'Harmattan, 2002.

CHOMSKY, N. RUWET N. *A gramática generativa*. Lisboa: Edições 70 (1979).

CHOMSKY, N. *Reflections on language*. New York: Pantheon, 1975.

_____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

- _____. *Current issues in linguistic theory*. The Hague: Mouton, 1964.
- _____. *Lectures on government and binding: The Pisa lectures*. 2. ed. Dordrecht: Foris, 1982.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge, MA.: The MIT Press, 1995.
- _____. Minimalist inquiries: the framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 15, Cambridge, Mass, 1998.
- _____. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 18, Cambridge, Mass, 1999.
- _____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- _____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- _____. Chomsky no Brasil. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 13, Edição Especial, p. 1-229, 1997.
- CUNHA, R. B. *A relação Significado e Significante em Saussure*. ReVEL. Edição especial n.2, 2008.
- DE MAURO, Tullio. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.
- DEPECKER, L. *Comprendre Saussure d'après les manuscrits*. Paris: Armand Colin, 2009.
- DIAS, L. F. *Enunciação e regularidade sintática*. *Cad.Est.Ling*, Unicamp, 51 (1): 7-30, Jan/jun. 2009
- FERRARI NETO, J. *Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do Português Brasileiro*. Dissertação de mestrado, PUC-Rio, 2003.

_____. Cyclic computation: a computationally efficient minimalist syntax. *Syntax*, Oxford, v. 2, n. 1, p. 1-27. 162, 1999.

_____. *Agreement is feature sharing*. Northeastern University, ms. 2000a.

FARACO, C. Estudos pré-saussurianos. In.: *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, volume 3/ Fernanda Mussalin, Anna Cristina Bentes, organizadoras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____ (Org.) O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral. São Paulo: Parábola editorial, 2016.

FARIA, N. R. B. *a difícil aritmética do corpo e da linguagem: reflexões sobre o input e a aquisição de linguagem*. Tese de doutorado em Letras e Linguística, Ufal, 2001.

_____ *Entre a leitura da fala e a escrita da língua: o fonema em Saussure*. *DELTA*, v. 34, n. 3, 2018 (a sair).

FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). *Por que ainda ler Saussure?*. In: Saussure: a invenção da linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, V. do N. *Mostrar ao linguista o que ele faz: as análises de Ferdinand de Saussure*. In: Saussure: a invenção da linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

ILARI, R. *O estruturalismo linguístico: alguns caminhos*. In.: *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, volume 3/ Fernanda Mussalin, Anna Cristina Bentes, organizadoras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KATO, M. *Sintaxe e aquisição na teoria de princípios e parâmetros*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 57-73, 1995.

_____. *A evolução da noção de parâmetro*. *DELTA*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 309-337, 2002.

KAYNE, R. (1994) *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

KENEDY, E. Léxico e computações lexicais. IN: FERRARINETO, J. & SILVA, C. *Programa minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, CRV. 2012.

KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Gradiva, 1986.

LOPES, Ruth E. Vasconcellos. *O tempo sou eu quando fico grande*. Cadernos de estudos linguísticos, v. 38, 2012.

LOPES, R. E. V. *Uma Proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LOPES, R. E. V. *(Des)aprendizagem seletiva: argumentos em favor de uma hipótese continuísta para a aquisição*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 113-139, 2001.

LOPES, Ruth E. O que a criança não nos diz: o lugar da empiria no modelo chomskyano. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 83-9, dez., 1995.

_____. *Estágios no processo de aquisição de número no DP do português brasileiro*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 157-171, 2004.

_____. *Bare nouns and DP number agreement in the acquisition of Brazilian portuguese*. In: HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM, 9th, Somerville, 2006. Proceedings... Somerville: N. Sagarra; A. J. Toribio, 2006. p. 252-262.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MAGALHÃES, T. *Valorando traços de concordância dentro do DP*. Trabalho de qualificação, UNICAMP, 2002.

_____. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 149-170, 2004.

_____. *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2006.

MILNER, J.C. 1989. *Introduction à une science du langage*. Paris: Seuil.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Trad. Angela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MILNER, Jean-Claude. *Saussure: Retorno a Saussure*. In: El periplo structural: figures e paradigma. Amorrortur/Editores, Buenos Aires, 2003.

MILNER, Jean-Claude. *A obra clara*. Buenos Aires, Bordes Manantial, 1996.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. *A faculdade da linguagem e os sistemas de interface: as relações entre a sintaxe e a semântica*. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. ISSN 1678-460X, v. 23, n. 3, 2008.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. *A natureza da linguagem humana*. In: Linguística? O que é isso? Org. José Lins Fiorin. São Paulo. Contexto, 2013.

NETO, José Borges. *O empreendimento gerativo*. In.: Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, volume 3/ Fernanda Mussalin, Anna Cristina Bentes, organizadoras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NETO, José Borges. *A gramática gerativa transformacional: um ensaio de filosofia da linguagem*. 1991. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NORMAND, C. *Saussure*. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NUNES, J. (1995) *The copy theory of movement and linearization of f chains in the Minimalist Program*. Tese de doutorado: University of Maryland.

_____. *Linearization of chains and sideward movement*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2004.

OLIVEIRA, R. P. *O formalismo na linguística: uma reflexão crítica*. In.: Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, volume 3/ Fernanda Mussalin, Anna Cristina Bentes, organizadoras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PAVEAUX, A-M e SARFATI, G-E. *As grandes teorias da linguística – da gramática comparada à pragmática*. Trad. Rosário Gregolin et al. São Carlos, Clara Luz, 2003.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, M. C. COSTA, J. *Os anos 90 na gramática gerativa*. In.: Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, volume 3/ Fernanda Mussalin, Anna Cristina Bentes, organizadoras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Tradução de Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SAUSSURE. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (Orgs. e Eds.). *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini et al. 25a edição. São Paulo: Cultrix, 1916.

_____. *Sciences du langage – De la double essence du langage, Édition des Écrits de linguistique general e établie par René Amacker*. Genève: Librairie Droz, 2011.

SILVA FILHO. J. T. *Aquisição do número gramatical na concordância nominal interna ao DP no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UFAL, 2011.

SOUZA. M. O. *Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria*. Dissertação de mestrado. Universidade federal de Uberlândia, 2012